5
Pesquisa de recepção: AD de gestos

Neste capítulo, apresentaremos a metodologia da pesquisa de recepção, na qual foram investigadas especificamente as ADs de gestos, elementos ainda pouco estudados que levam a refletir sobre as recomendações de "não interpretar" ou "limitar a um mínimo a interpretação". O principal objetivo da pesquisa foi testar se audiodescrições mais interpretativas são necessárias, ou mesmo indispensáveis, para a fruição da obra cinematográfica e nossa hipótese era de que é mais produtivo para a recepção se a AD dos gestos for mais interpretativa do que descritiva, na medida em que o público pode ficar confuso na identificação do gesto só com a AD dos movimentos que o compõem, desfocando sua atenção de algo mais importante para a trama. O segundo objetivo da pesquisa era verificar se há diferenças nas preferências por ADs menos ou mais descritivas ou interpretativas de acordo com o tipo de deficiência visual ou se estas estão só relacionadas a outros elementos, como, por exemplo, grau de escolaridade, hábitos etc. e nossa hipótese para este objetivo era de que as preferências estão relacionadas tanto com o tipo de deficiência visual quanto com as histórias de vida de cada um.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

5.1.
Metodologia da pesquisa

A pesquisa consistiu na exibição de dois filmes veiculados em DVD com AD para pessoas com deficiência visual moradoras do Rio de Janeiro, usuárias ou não desse recurso. A opção por filmes em DVD deveu-se à facilidade de acesso ao produto, uma vez que é mais difícil adquirir filmes com a AD veiculada na TV e no cinema. Os filmes foram escolhidos a partir dos seguintes critérios:

1) filmes em DVD com AD vendidos em estabelecimentos comerciais, ou seja, que pudessem ser adquiridos por qualquer um e não os que fossem distribuídos somente para instituições voltadas para pessoas com deficiência visual;
2) filmes que tivessem muitos gestos;

3) filmes que tivessem tempo de silêncio suficiente para diferentes ADs (ADs mais descritivas, mais interpretativas e a junção das duas); e
4) filmes cujas ADs tivessem sido produzidas por empresas diferentes.

Como o projeto desta tese é todo calcado na relação teoria-prática, com a escolha dos filmes não foi diferente. A opção foi partir do que já está sendo produzido e comercializado para testar a recepção. A partir desses critérios, foram escolhidos os filmes *O palhaço* (Mello, 2011, audiodescrição: Delart-Rio) e *Menos que nada* (Gerbase, 2012, audiodescrição: Mil Palavras). Nos dois filmes, os gestos das personagens são fundamentais para a trama. Em *O palhaço*, Benjamim, personagem principal, está desconfortável com sua vida e mesmo assim precisa fazer a plateia rir. Ele se movimenta de maneira peculiar por ser um homem retraído e demorar mais para compreender as coisas. Os seus gestos são pequenos, minimalistas.

> *Sinopse no DVD:* Benjamim (Selton Mello) e Valdemar (Paulo José) formam a fabulosa dupla de palhaços Pangaré e Puro Sangue. Benjamim é um palhaço sem identidade, CPF e comprovante de residência. Ele vive pelas estradas na companhia da divertida trupe do Circo Esperança. Mas Benjamim acha que perdeu a graça e parte em uma aventura atrás de um sonho.

Selton Mello, diretor e ator da personagem principal do filme, na edição especial do colecionador do DVD, descreve seu personagem como a seguir:

> A personagem principal tem duas camadas. Uma é Benjamim, o artista circense, e suas dúvidas. Ele não sabe por que está fazendo o que faz e a outra camada é o Pangaré e sua atuação no picadeiro. Benjamim é um homem retraído, que tem um jeito peculiar de se movimentar. Os gestos dele são pequenos e ele tem um *delay* (Mello, 2011).

Já no filme *Menos que nada*, Dante, personagem principal, tem uma doença mental e praticamente não fala, se expressando corporalmente.

> *Sinopse*: Dante (Felipe Kannenberg) é um doente mental que está internado em um hospital psiquiátrico. Ele foi diagnosticado com esquizofrenia e não fala com ninguém ou recebe visitas. O sujeito desperta a atenção da Dra. Paula (Branca Messina), uma jovem residente que decide tratar dele após acompanhar um de seus surtos no pátio do hospital. Procurando desvendar as relações sociais do paciente, a médica decide colher uma série de depoimentos de pessoas que conviviam com Dante antes do tratamento[85].

[85] Sinopse retirada do site Adoro cinema. Disponível em: http://www.adorocinema.com/filmes/filme-209197/ Acesso em 09 abr 2013.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

Felipe Kannenberg e Carlos Gerbase, em entrevista para o programa *Tudo mais* da TVCom[86], falam a respeito do filme e da personagem principal Dante, chamando a atenção para a questão do olhar.

> Carlos Gerbase: nós trabalhamos a questão dos olhos bastante e vendo alguns documentários sobre doentes mentais, a gente viu perfeitamente o momento que ele olha pra ti e o momento em que ele olha através de ti. Nós até combinávamos nessa cena tu tá olhando para. Nessa cena tu tá olhando através. Isso faz muita diferença.
> Felipe Kannerberg: A gente foi bem minimalista aí. (...) Eu pude conviver algumas horas com alguns esquizofrênicos *in loco* lá na ala de esquizofrenia, que o hospital São Pedro deu um grande apoio pra gente, né, inclusive de poder fazer um laboratório. E dá pra ver realmente que as pessoas tinham essa coisa do olhar muito forte, muito forte. Era o olhar que entregava quando estava em surto ou não, quando se estava mais presente ou não (Gerbase; Kannenberg, 2012).

Sobre a personagem principal, Dante, Carlos Gerbase afirma:

> A coisa mais importante, eu tentei fazer com que o Dante fosse um personagem por inteiro, que ele não fosse um cara estereotipado, ou seja, um sujeito que é igual do começo ao final do filme. Na verdade, todo doente mental, ele tem uma história também. Ele é alguém que pode melhorar ou até piorar, mas que ele tem uma curva existencial importante. Ele não é uma planta, ele não é um bicho. Eu acho que isso que é importante. O que a médica faz no filme é prestar atenção num sujeito que estava lá atirado e para o qual os outros médicos não viam nenhuma solução. Assim: Eu vou perguntar quem é esse cara, né? E vai dar uma chance pra ele tentar se comunicar outra vez. É difícil? É. É complicado? É. Mas assim, esse esforço, eu acho, de uma médica, jovem, idealista, mostra que a esquizofrenia talvez não tenha exatamente uma cura, mas sempre terá uma possibilidade de intervenção humana. A gente não pode desumanizar alguém, transformar esse alguém em uma coisa e o Dante no começo do filme, ele é uma coisa, não é um ser humano (Gerbase; Kannenberg, 2012).

Podemos perceber pelas sinopses e descrições dos atores e diretores das personagens principais que esses dois filmes são excelentes objetos de estudo para esta pesquisa na medida em que os gestos emotivos e substitutivos são bem presentes. Os gestos emotivos permeiam os dois filmes, principalmente por conta dos conflitos de suas personagens principais. Já os gestos substitutivos, no filme *O palhaço*, se concentram nos números no picadeiro enquanto que no filme *Menos que nada* há mais cenas com este tipo de gesto, uma vez que a personagem

[86] Entrevista assistida em link no site da TVCom. Disponível em: http://mediacenter.clicrbs.com.br/templates/player.aspx?uf=1&contentID=261235&channel=131 Acesso em: 08 abr 2014.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

principal quando está no hospício praticamente não fala e só se expressa corporalmente. A seguir, nos deteremos sobre a formação dos grupos para a pesquisa.

A pesquisa contou com a participação de doze pessoas de duas instituições diferentes. Foram seis alunos do ensino fundamental do colégio do Instituto Benjamin Constant (IBC), jovens entre 14 e 21 anos, e seis integrantes da Associação dos Deficientes Visuais do Estado do Rio de Janeiro (ADVERJ), adultos, entre 25 e 52 anos. Para preservação da identidade dos entrevistados, foram criadas siglas em substituição aos nomes de acordo com o tipo de deficiência visual, para facilitação da leitura na análise dos dados. As siglas são: CC – Cegueira Congênita; CA – Cegueira Adquirida e BV – Baixa Visão. Veja-se os participantes organizados de acordo com as instituições nos quadros 3 e 4 abaixo:

Quadro 3 – Participantes IBC

IBC – filme *O palhaço*

Participante	Idade	Série	Sexo
CA1	21	8º ano	M
CA2	14	7º ano	M
CC1	19	8º ano	M
CC2	16	8º ano	M
BV1	18	7º ano	M
BV2	18	9º ano	F

Quadro 4 – Participantes ADVERJ

ADVERJ – filme *Menos que nada*

Participante	Idade	Formação/ Profissão	Sexo
CA3	43	História e Direito Aposentada por invalidez	F
CA4	38	Letras Professora de inglês	F
CC3	25	Técnico em informática	M
CC4	35	Pedagogia Técnica de telefonia	F
BV3	52	Filosofia Técnico judiciário	M
BV4	34	Direito Subprocurador do BC/RJ	M

Na análise dos dados, os participantes serão agrupados de duas formas. Primeiro por instituição e filme, como visto nos quadros acima, e depois por tipo de deficiência visual, formando-se três grupos: **Grupo 1** – Jovens e adultos com cegueira adquirida (4 pessoas – 2 do IBC e 2 da ADVERJ); **Grupo 2** – Jovens e adultos com cegueira congênita (4 pessoas – 2 do IBC e 2 da ADVERJ); **Grupo 3** – Jovens e adultos com baixa visão (4 pessoas – 2 do IBC e 2 da ADVERJ), como é possível verificar nos quadros a seguir:

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

Quadro 5 – GRUPO 1: Cegueira Adquirida					
Participante	**Instituição**	**Filme**	**Série/ Formação**	**Idade**	**Sexo**
CA1	IBC	*O palhaço*	8º ano	21	M
CA2	IBC	*O palhaço*	7º ano	14	M
CA3	ADVERJ	*Menos que nada*	História e Direito Aposentada por invalidez	43	F
CA4	ADVERJ	*Menos que nada*	Letras Professora de inglês	38	F

Quadro 6 – GRUPO 2: Cegueira Congênita					
Participante	**Instituição**	**Filme**	**Série/ Formação**	**Idade**	**Sexo**
CC1	IBC	*O palhaço*	8º ano	19	M
CC2	IBC	*O palhaço*	8º ano	16	M
CC3	ADVERJ	*Menos que nada*	Técnico em informática	25	M
CC4	ADVERJ	*Menos que nada*	Pedagogia Técnica de telefonia	35	F

Quadro 7 – GRUPO 3: Baixa Visão					
Participante	**Instituição**	**Filme**	**Série/ Formação**	**Idade**	**Sexo**
BV1	IBC	*O palhaço*	7º ano	18	M
BV2	IBC	*O palhaço*	9º ano	18	F
BV3	ADVERJ	*Menos que nada*	Filosofia Técnico judiciário	52	M
BV4	ADVERJ	*Menos que nada*	Direito Subprocurador do BC/RJ	34	M

O fator de agrupamento das pessoas pelo tipo de deficiência visual é importante, na medida em que procuramos verificar se há diferenças nas preferências por ADs menos ou mais descritivas ou interpretativas de acordo com o tipo de deficiência ou se estão só relacionadas a outros elementos, como, por exemplo, grau de escolaridade, hábitos etc. A divisão em grupos e a heterogeneidade entre os grupos e no interior de cada qual serão elementos importantes na análise das entrevistas. Vale lembrar que essa heterogeneidade é fundamental, uma vez que o objetivo das pesquisas qualitativas é descobrir as *motivações* das preferências e não a porcentagem das preferências na população. Essa pesquisa de recepção poderá servir como base para a formulação de questionários para futuras pesquisas quantitativas dessa temática.

A pesquisa foi composta por entrevistas individuais, as quais foram filmadas. Como já indicado, os alunos do IBC assistiram ao filme *O palhaço* e os

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

integrantes da ADVERJ assistiram ao filme *Menos que nada*. Antes de continuarmos o relato sobre a pesquisa em cada uma das instituições, esboçaremos rapidamente o teste efetuado com Alessandro Camara, consultor de AD desde 2010, mestre em Ciência Política, que além de professor do Estado do Rio de Janeiro e da Universidade Salgado de Oliveira, também trabalha na Secretaria de Acessibilidade de Niterói.

5.1.1
Teste da pesquisa de recepção

Esse teste foi o responsável por alterações na estrutura da pesquisa, que inicialmente contaria com quatro encontros por participante e se restringiria aos participantes da ADVERJ. No primeiro encontro, haveria um debate sobre os hábitos dos participantes e suas preferências em relação à AD. No segundo encontro, eles assistiriam ao filme *O palhaço* e responderiam a questões de compreensão do filme, preferências sobre gestos e emoções e, após rever quatro trechos do filme com a AD comercial e uma AD alternativa, escolheriam a de sua preferência, indicando o porquê. O terceiro encontro seria igual ao segundo, sendo que os participantes assistiriam ao filme *Menos que nada*. E, por fim, o quarto encontro serviria como encerramento e para tirar eventuais dúvidas.

A princípio, o teste abrangeria esses mesmos quatro encontros, contudo, já no início evidenciou-se a dificuldade de se conseguirem pessoas que se dispusessem a participar de tantos encontros e o teste da pesquisa acabou por ser dividido em dois, um para cada filme.

O primeiro encontro, mais cansativo porque teve mais etapas, já que juntou os dois primeiros encontros em um só, contou, primeiramente, com uma conversa sobre os hábitos do consultor Alessandro Camara em relação a filmes e sobre suas preferências em relação à AD, cujo intuito era entender melhor suas escolhas, a partir desses dados. Foram feitas perguntas genéricas como: “Que aspectos são necessários para uma boa audiodescrição?” “O que não pode faltar em uma AD?” “O que não pode ter em uma AD?”. Na sequência, ele assistiu ao filme *O palhaço* com a AD comercial. Depois de assistir ao filme e de escutar suas impressões, foram feitas algumas perguntas de compreensão, pois o não entendimento de alguma parte do filme pode acabar afetando as escolhas dos

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

trechos ao final. Por fim, foram apresentados quatro trechos do filme, cada um com um tipo de gesto – gestos substitutivos da fala, gestos emotivos simples, gestos emotivos complexos e gestos divergentes da fala (ver seção 4.3.). Cada trecho tinha duas versões: a AD comercial e a AD alternativa, que podia ser mais descritiva ou mais interpretativa, de acordo com a avaliação da estratégia predominante utilizada AD comercial. O mesmo locutor gravou as duas versões; foi feita a regravação para a AD comercial e a gravação da AD alternativa proposta.

De modo geral, o mais interessante no teste da pesquisa foi a mudança na perspectiva do consultor. No primeiro encontro, ele afirmou que o uso de adjetivos e advérbios devia ser evitado, como podemos ver em sua fala a seguir:

> Acho que um ponto que se torna perigoso nas descrições das expressões faciais é já ir colocando "triste", "alegre". Esses termos podem ser problemáticos. O problema é o seguinte: e se não for? Aí você fica muito refém da AD, da interpretação do audiodescritor. Quando muito "aparenta tristeza", porque o aparentar dá a ideia, mas você não pode afirmar que ele está triste. Você está deixando a entender que ele aparenta tristeza. Então, eu acho perigosa a afirmação "olha triste" ou "olha alegre". É melhor "sorri", "sorri aparentando alegria", "aparentando desapontamento". Você está narrando aquilo que aparenta a uma pessoa comum, no outro você está interpretando.[87]

Apesar de poder ser uma solução utilizada pelo audiodescritor, "aparentando" é uma palavra grande e nem sempre poderá ser usada no tempo disponível para a AD. Voltando aos comentários, Alessandro Camara complementa em outro momento essa ideia dizendo:

> O "parece que", "aparenta" é uma boa saída para o audiodescritor porque foge da interpretação, mas indica um caminho para o deficiente visual. Se é um filme difícil de ser compreendido, a prioridade é entender... talvez seja mais fácil para a pessoa que está assistindo a descrição das sensações.

Já no segundo encontro, no qual assistiu ao filme *Menos que nada*, ele gostou tanto do filme e da AD — que é de modo geral mais interpretativa — que

[87] A transcrição das entrevistas baseou-se nas regras recomendadas pelo estudo de Eduardo José Manzini (s.d.), autor de trabalhos sobre pesquisa social em educação especial. Ele recomenda que em transcrições para pesquisa de conteúdo temático (caso desta pesquisa) sejam utilizadas as regras gramaticais com "pequenos ajustes na grafia, pois, a experiência tem mostrado que as falas escritas como, por exemplo, alcançá (alcançar), tá (estar), vô (vou) não tem sido bem recebida pelos próprios participantes ao fazerem a leitura do material escrito". Assim sendo, seguimos as regras gramaticais (a norma culta) e sinalizamos com reticências as pausas relativas a pensamento/reflexão do entrevistado.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

terminou avaliando que naquele filme era necessária uma AD desse modo, reforçando a ideia de que a estratégia utilizada pelo audiodescritor dependerá de cada produto.

> Achei (a AD) muito boa porque permitiu a compreensão. Foi perfeita na descrição dos gestuais. Ali tinha que ser daquela maneira, porque o olhar dizia muito, a aparência dizia muito... a aparência... não a aparência física! Mas os aspectos emocionais. Foi um filme difícil, mas uma AD muito bem feita. Nesse filme não tem como fazer diferente não.

Esse teste foi feito com uma pessoa que trabalha com AD e talvez por isso tenha conseguido avaliar que cada produto tem características específicas que precisam ser contempladas na AD.

Outro aspecto interessante foi que houve certa confusão na compreensão do filme *O palhaço*, afetando as escolhas dele dos trechos. No segundo dia, Alessandro Camara afirmou que achou o filme *O palhaço* chato, sendo este também um aspecto que influencia na escolha. O mais importante foi sua avaliação final sobre a experiência da pesquisa, na qual mencionou que os encontros foram muito cansativos, principalmente o primeiro, e que as perguntas estavam muito amplas, considerando ser necessário o acréscimo de algumas perguntas de múltipla escolha e não só dissertativas. Inicialmente, o roteiro de entrevista contava apenas com perguntas abertas que iam sendo aprofundadas de acordo com a conversa.

A partir dessa avaliação e com o auxílio dele, definimos que a pesquisa seria dividida em duas instituições, com o formato do primeiro dia do teste para conseguir maior adesão e não precisar contar com a participação em mais de um encontro. Como ele é integrante da ADVERJ, selecionou os membros dessa instituição para participação na pesquisa. A pesquisadora entrou em contato com uma professora de português do IBC para a seleção dos participantes do Instituto. Como no IBC a pesquisa foi feita no colégio, com alunos do ensino fundamental, procuramos participantes da ADVERJ adultos para tornar mais heterogêneo o perfil dos mesmos. Além disso, o roteiro de entrevista foi alterado de modo a mesclar perguntas optativas e dissertativas; contudo, o entrevistado tinha liberdade para mencionar outra(s) opção(ões) nas questões de múltipla escolha. Na próxima seção, esboçaremos a pesquisa nas duas instituições.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

5.1.2
A pesquisa no IBC e na ADVERJ

Relataremos, primeiramente, como a pesquisa ocorreu em cada instituição para, em seguida, apresentarmos os roteiros de entrevista utilizados. Cabe destacar que os roteiros com as respostas dos entrevistados encontram-se nos anexos.

Iniciamos a pesquisa de recepção pelo IBC, que sugeriu que a pesquisa fosse inscrita na Plataforma Brasil[88] antes que passasse pelo processo de aprovação do Instituto. Após a inscrição, o processo de aprovação do IBC demorou cerca de quarenta e cinco dias. Vale lembrar que todos os entrevistados, das duas instituições, assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido, necessário quando a pesquisa envolve seres humanos.

Após a aprovação, houve um processo de aproximação com os alunos, que ocorreu em novembro de 2013. O Instituto pede que o pesquisador primeiro se integre e, ao final da pesquisa, retorne para ter contato com os participantes para que não fique a sensação de que eles estão sendo usados e depois esquecidos.

Inicialmente, a pesquisa seria efetuada no horário das aulas de português nas turmas do ensino fundamental. Como a liberação da pesquisa só ocorreu próximo ao final do semestre, era necessária ainda a aproximação com os alunos, e muitos deles estariam fora, no mês de novembro, por conta de um campeonato. Então, optamos, a partir da indicação da professora, por fazer a pesquisa em um único dia, após a última prova do semestre, no dia 06 de dezembro de 2013.

No período de aproximação, a pesquisadora percorreu todas as salas de aula e conversou informalmente com os alunos sobre a pesquisa e a AD em geral. Nesse momento, foi feita uma triagem dos alunos que seriam entrevistados. Para os menores de idade, o termo de consentimento livre e esclarecido foi entregue para que os pais lessem, definissem se aceitavam a participação dos filhos e assinassem. Para os maiores de idade, o termo foi entregue no dia da pesquisa. Os critérios para definição dos seis alunos foram o tipo deficiência visual, ter o termo assinado e ter disponibilidade para ficar na escola além do horário de aula convencional, já que as aulas no colégio terminam por volta das 12h00 e a

[88] A Plataforma Brasil é uma base unificada do Governo Federal que registra as pesquisas que envolvem seres humanos. A inscrição na plataforma é necessária para pesquisas cientificas que visam generalizações, o que não é o caso desta pesquisa de recepção cujo principal objetivo era iniciar um mapeamento das preferências/opiniões do público da AD no Rio de Janeiro, procurando a partir deste conhecimento refletir sobre o principal produto da audiodescrição que é o roteiro.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

previsão de término das entrevistas era às 14h00. Vale destacar que mais homens que mulheres se predispuseram a participar da pesquisa, por isso há mais integrantes do sexo masculino nesse grupo.

Durante o período de aproximação, foi possível constatar o pouco contato que os alunos têm com a AD e o grande interesse em participar da pesquisa. Como somente seis alunos seriam (e foram) entrevistados individualmente, decidimos abrir a exibição do filme para todos os alunos, por conta da grande demonstração de interesse, e debater coletivamente com os que não foram entrevistados individualmente. Cerca de vinte alunos participaram do debate e, assim como as pesquisas individuais, o debate coletivo também foi filmado, mas não será aqui apresentado por fugir do objetivo de nossa pesquisa. Os seis alunos que haviam sido previamente escolhidos para participar da pesquisa individualmente foram levados, após a exibição do filme no auditório, para a sala de ciências. Como o espaço era amplo, os entrevistados ficaram distantes uns dos outros, não sendo possível escutar o que o outro estava dizendo. É preciso esclarecer que como as pesquisas individuais ocorreram simultaneamente, foi necessário formar um grupo de entrevistadores. Pelas razões acima apresentadas, não seria possível que a pesquisadora entrevistasse cada participante individualmente. Assim sendo, a professora de português, uma estagiária da instituição, uma tradutora e outros dois audiodescritores entrevistaram os alunos junto com a pesquisadora. Eles foram instruídos sobre como entrevistar de acordo com o roteiro de entrevista, e os entrevistadores que não são do IBC tiveram contato com os alunos antes de os entrevistarem. Apesar de não ter sido a primeira opção da pesquisa, consideramos viável e necessária a participação de outros entrevistadores (necessidade imposta durante a preparação da pesquisa no Instituto). Vale lembrar que os roteiros de entrevista serão apresentados detalhadamente após este relato de como a pesquisa foi efetuada em cada instituição.

Após a pesquisa individual com os alunos, para seguir a orientação do Instituto que se estreitasse o contato com eles, como aquele era o último dia antes das férias para muitos alunos, fizemos um lanche que reuniu os seis entrevistados e os demais alunos que participaram do debate coletivo. Para manter contato com os alunos e minimizar a sensação que eles têm de que são usados e depois esquecidos, a pesquisadora retornou ao IBC durante a recuperação ou provas

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

finais. Tal preocupação, de fato, é bem importante, pois essa sensação foi mencionada pelos próprios alunos durante o período de aproximação e, no retorno após a pesquisa, eles demonstraram surpresa ao reencontrarem a pesquisadora e aparentemente ficaram satisfeitos.

Com os integrantes da ADVERJ, a pesquisa foi realizada na empresa CPL - Soluções em Acessibilidade, por questões estruturais como espaço e equipamentos para exibição do filme. A empresa cedeu uma sala com duas cabines, computador com tela ampla e caixas de som. A pesquisa foi realizada em três dias, por conta de o espaço ser menor e das agendas dos participantes. Como no IBC foi necessário entrevistar os alunos simultaneamente; utilizamos estratégia similar com o grupo da ADVERJ, por conta das agendas dos participantes. Era possível entrevistar três pessoas simultaneamente, uma em cada cabine e a terceira no espaço da exibição do filme para que um entrevistado não escutasse as respostas dos outros, não interferindo, assim, em suas escolhas. A pesquisadora conversou informalmente com os participantes antes das entrevistas por telefone e/ou e-mail e a escolha deles foi feita pelo tipo de deficiência visual, idade e gênero para ampliar a quantidade de mulheres na pesquisa. Mais homens também se predispuseram a participar, contudo, nesse grupo, optamos por pelo menos a metade ser de mulheres, reforçando a heterogeneidade dos participantes.

As entrevistas na ADVERJ foram realizadas em janeiro de 2014. No primeiro dia, foram duas entrevistas: uma feita pela pesquisadora e a outra pela audiodescritora, que já tinha participado das entrevistas no IBC. No segundo dia, foram três entrevistas, uma feita pela pesquisadora, outra pela audiodescritora e a terceira pela mãe da pesquisadora, que trabalha com comunicação e conhece o tema, uma vez que lê e opina informalmente no texto desta própria tese, assim como já assistiu a vários filmes com AD. No terceiro dia, foi feita uma única entrevista pela pesquisadora, completando os seis participantes da ADVERJ.

Os entrevistadores, nas duas instituições, receberam o roteiro de entrevista antecipadamente e foram instruídos a deixarem os entrevistados falarem livremente, marcando opções mesmo que não estivessem presentes no roteiro. Além disso, foram instruídos a reforçar que não havia respostas certas ou erradas e que todos os comentários eram importantes para a pesquisa. Como já mencionado, os roteiros com as respostas dos entrevistados estão disponíveis nos anexos. Os roteiros contêm duas informações: a primeira, em itálico, reproduz o

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

que os entrevistadores anotaram no roteiro durante a entrevista – normalmente é a síntese da fala do entrevistado, mas, em alguns momentos, é sua transcrição total – e, a segunda, entre aspas, é a transcrição da fala dos entrevistados feita pela pesquisadora a partir das filmagens.

Os roteiros das entrevistas dividem-se em três partes. A primeira parte foi a mesma nas duas instituições, contendo dezoito perguntas gerais sobre hábitos e sobre o que os participantes pensam em relação à AD, como se pode ver abaixo:

1. DADOS (18 perguntas)

1. Você gosta de assistir a filmes?

( ) Sim ( ) Não

2. Assiste com que frequência?

3. Que tipo de filme gosta de assistir?

( )Ação ( ) Drama ( ) Comédia ( ) Animação

Outro:_____

4. Por quê?

5. Onde assiste aos filmes?

( ) Em casa ( ) No cinema ( ) Na TV ( ) DVD ( ) Computador

6. Membros da sua família/amigos costumam descrever filmes para você?

( ) Sim ( ) Não ( ) Às vezes

7. Quem?

8. Tem o hábito de ver filmes com audiodescrição feita por profissionais?

( ) Sim ( ) Não ( ) Às vezes

Outro:_____

9. Por quê?

Se a resposta for "não" pular para aspectos necessários a uma boa AD.

10. Há diferença(s) entre as AD feitas pelos familiares/amigos e as elaboradas por profissionais?

( ) Sim ( ) Não ( ) Não vejo diferença ( ) Não sei responder

Outro:_____

11. Quais?

12. Gosta das AD elaboradas por profissionais?

( ) Sim ( ) Não ( ) Não sei responder

Outro:_____

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

13. Por quê?

14. Tem preferência por alguma(s) empresa(s) que produz(em) AD?

( ) Sim ( ) Não

Outro:_____

15. Quais?

16. Que aspectos, para você, são necessários a uma boa audiodescrição?

A segunda parte referia-se ao filme. No roteiro de entrevista do filme *O palhaço*, essa parte continha trinta e duas perguntas, sendo dezessete gerais, sobre a compreensão do filme, e quinze questões específicas, sobre os gestos e suas respectivas ADs. É importante ressaltar que, apesar de tratarmos como gestos as expressões faciais e corporais que denotam emoção, para fins da pesquisa de recepção, com o intuito de não confundir os entrevistados com essa questão teórica, optou-se pela separação dos termos "emoção" e "gestos tipo mímica".

2. FILME (32 perguntas)

1. Geral (17 perguntas)

1. E aí? O que achou?

2. Gostou do filme?

( ) Sim ( ) Não

3. Por quê?

4. O filme conta a história de que personagens?

5. Como é a relação de Benjamim com o pai (Valdemar/ Puro Sangue)?

( ) Boa ( ) Ruim ( ) Não lembra ( ) Não é importante para o enredo

Outro:_____

6. Por quê?

7. O Benjamim parece ser um homem:

( ) mais para triste ( ) feliz ( ) inexpressivo ( ) essas emoções não importam no caso desse personagem

Outro:_____

8. Por quê?

9. Por que Benjamim deixou o circo?

10. Por que ele resolveu voltar?

11. O Valdemar parece ser um homem:

( ) mais para triste ( ) feliz ( ) inexpressivo ( ) essas emoções não importam no caso desse personagem

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

Outro:_____

12. Por quê?

13. Qual é a relação de Valdemar com Lola?

14. Guilhermina gosta da Lola?

( ) Sim ( ) Não ( ) Não sei responder
Outro:_____

15. Por quê?

16. Gostou da audiodescrição do filme?

( ) Sim ( ) Não ( ) Não sei responder

Outro:_____

17. Por quê?

2. Específico: emoções e gestos (15 perguntas)

2.1. Agora, vamos falar especificamente das *emoções* no filme.

1. Você achou alguma emoção marcante no filme?

( ) Sim ( ) Não

2. Se a resposta for sim: De que personagem?

3. Por quê?

4. Você prefere:

( ) "Benjamim está triste." ( ) "Benjamim chora." ( ) "Benjamim está cabisbaixo."
( ) "Lágrimas escorrem pelo rosto de Benjamim"

5. Por quê?

6. Como você acha que devem ser feitas as AD das emoções?

( ) Descrevendo a fisionomia. Ex."os olhos e o canto da boca estão caídos."

( ) Dando o nome do sentimento. Ex."está triste"

7. Por quê?

8. O que não pode estar presente na AD das emoções?

2.2. Agora, vamos falar sobre um tipo específico de *gesto* - aquele que substitui a fala/ *mímica*.

9. Alguma cena de mímica te chamou a atenção no filme?

( ) Sim ( ) Não ( ) Não sei responder

Outro:_____

10. Por quê?

11. Você prefere:

( ) "Pangaré pega o copo, põe o líquido no ouvido, mexe na outra orelha e cospe o líquido."

( ) "Pangaré pega o copo, põe o líquido num ouvido, gira o outro como manivela e cospe o líquido como uma fonte".

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

12. Por quê?

13. Como você acha que devem ser feitas as AD dos gestos?

( ) Descrevendo só o gesto. Ex. "Capitão Nascimento passa a mão espalmada para baixo na frente do pescoço da esquerda para a direita "
( ) Dando o significado do gesto no contexto. Ex. "Capitão Nascimento manda os policiais invadirem."
( )Dando o nome do gesto, quando houver. Ex. "Capitão Nascimento faz gesto de degola."

14. Por quê?

15. O que não pode estar presente na AD dos gestos?

Já no roteiro de entrevista do filme *Menos que nada*, esta parte incluía trinta e nove perguntas, sendo vinte e quatro gerais, sobre a compreensão do filme, e quinze questões específicas, sobre os gestos e suas respectivas ADs. A parte das questões específicas era igual nos dois roteiros, contudo os exemplos eram retirados ou baseados nos filmes assistidos. A pergunta "como você acha que devem ser feitas as ADs dos gestos?" foi uma exceção em ambos os casos; pois, como não encontramos bons exemplos nos filmes, optamos pela utilização de um exemplo retirado do filme *Tropa de elite* e os participantes foram informados dessa opção. A maior parte comentou já ter assistido a esse filme com ou sem AD e todos tinham conhecimento da história do filme.

II. FILME (39 perguntas)

1. Geral (24 perguntas)

1. E aí? O que achou?

2. Gostou do filme?

( ) Sim ( ) Não

3. Por quê?

4. O filme conta a história de que personagens?

5. O filme conta a vida de Dante em diferentes momentos: Como ele era e o que acontece com ele na infância?

6. E, adulto?

7. Qual é a profissão de Dante?

8. O Dante parece ser um homem:

( ) mais para triste ( ) feliz ( ) inexpressivo ( ) essas emoções não importam no caso desse personagem

Outro:_____

9. Por quê?

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

10. Como é a relação de Dante com as pessoas em geral?

( ) Boa ( ) Ruim

( ) Não lembra ( ) Não é importante para o enredo

Outro:_____

11. Por quê?

12. Como é a relação de Dante com a Dra. Paula?

( ) Boa ( ) Ruim

( ) Não lembra ( ) Não é importante para o enredo

Outro:_____

13. Por quê?

14. Como é a relação de Dante com o pai antes de ser internado?

( ) Boa ( ) Ruim

( ) Não lembra ( ) Não é importante para o enredo

Outro:_____

15. Por quê?

16. Como é a relação de Dante com Rene antes de ser internado?

( ) Boa ( ) Ruim

( ) Não lembra ( ) Não é importante para o enredo

Outro:_____

17. Por quê?

18. Como é a relação de Dante com Berenice antes de ser internado?

( ) Boa ( ) Ruim

( ) Não lembra ( ) Não é importante para o enredo

Outro:_____

19. Por quê?

20. O que levou Dante ao hospício?

21. Como é o hospício fisicamente?

( ) É limpo ( ) É sujo ( ) É uma casa ( ) É um prédio

( ) Tem jardim ( ) O aspecto do hospício não é relevante para a trama

Outro:_____

22. Como é o comportamento das pessoas que estão internadas no hospício?

23. Gostou da audiodescrição do filme?

( ) Sim ( ) Não ( ) Não sei responder

Outro:_____

24. Por quê?

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

2. Específico: emoções e gestos (15 perguntas)

2.1. Agora, vamos falar especificamente das *emoções* no filme.

1. Você achou alguma emoção marcante no filme?
( ) Sim ( ) Não

2. Se a resposta for sim: De que personagem?

3. Por quê?

4. Você prefere:

( ) “Dante vira repentinamente para Berenice.”
( ) “Com os olhos arregalados, Dante vira para Berenice.”
( ) “Surpreso, Dante vira para Berenice.”

5. Por quê?

6. Como você acha que devem ser feitas as AD das emoções?

( ) Descrevendo a fisionomia. Ex."os olhos e o canto da boca estão caídos."

( ) Dando o nome do sentimento. Ex."está triste"

7. Por quê?

8. O que não pode estar presente na AD das emoções?

2.2. Agora, vamos falar sobre um tipo específico de *gesto* - aquele que substitui a fala/ *mímica*.

9. Alguma cena de mímica te chamou a atenção no filme?

( ) Sim ( ) Não ( ) Não sei responder

Outro:_____

10. Por quê?

11. Você prefere:

( ) “O homem se levanta, pega a cadeira, encaixa seu corpo entre as pernas dela e movimenta o quadril para frente e para trás.”
( ) “O homem se levanta, pega a cadeira e encaixa seu corpo entre as pernas dela, movimenta o quadril como uma relação sexual”.

12. Por quê?

13. Como você acha que devem ser feitas as AD dos gestos?

( ) Descrevendo só o gesto. Ex. "Capitão Nascimento passa a mão espalmada para baixo na frente do pescoço da esquerda para a direita "
( ) Dando o significado do gesto no contexto. Ex. "Capitão Nascimento manda os policiais invadirem."
( )Dando o nome do gesto, quando houver. Ex. "Capitão Nascimento faz gesto de degola."

14. Por quê?

15. O que não pode estar presente na AD dos gestos?

A terceira parte continha dezesseis perguntas divididas em quatro blocos. Cada bloco com as mesmas perguntas, mas sendo diferentes as cenas assistidas pelos participantes. Em ambos os casos, os participantes primeiro assistiram às

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

cenas do gesto substituto, depois do gesto emotivo simples, em seguida do gesto emotivo complexo e por fim do gesto divergente.

III. CENAS (16 perguntas)

1. Passar cenas 1 e 2 em sequência. [Gesto substitutivo – *O palhaço*: Pangaré no picadeiro/ *Menos que nada*: Dante no hospício]

1. Qual AD prefere?

( ) Cena 1 ( ) Cena 2

Outro:_____

2. Por quê?

3. Qual(is) a(s) diferença(s) entre as cenas?

( ) Quantidade de informação ( ) Elementos diferentes audiodescritos
( ) AD das emoções ( ) AD dos gestos
Outro:_____

4. Se responder gestos: Qual a diferença?

2. Passar cenas 3 e 4 em sequência. [Gesto emotivo simples – *O palhaço*: Guilhermina vê foto/ *Menos que nada*: Berenice, Dante e Ciro na construção]

1. Qual AD prefere?

( ) Cena 3 ( ) Cena 4

Outro:_____

2. Por quê?

3. Qual(is) a(s) diferença(s) entre as cenas?

( ) Quantidade de informação ( ) Elementos diferentes audiodescritos
( ) AD das emoções ( ) AD dos gestos
Outro:_____

4. Se responder emoções: Qual a diferença?

3. Passar cenas 5 e 6 em sequência. [Gesto emotivo complexo – *O palhaço*: Valdemar expulsa Lola/ *Menos que nada*: Cena no museu]

1. Qual AD prefere?

( ) Cena 5 ( ) Cena 6

Outro:_____

2. Por quê?

3. Qual(is) a(s) diferença(s) entre as cenas?

( ) Quantidade de informação ( ) Elementos diferentes audiodescritos
( ) AD das emoções ( ) AD dos gestos
Outro:_____

4. Se responder emoções: Qual a diferença?

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

4. Passar cenas 7 e 8 em sequência. [Gesto divergente – O palhaço: *lMenos que nada*: Nova entrevista com Berenice]

1. Qual AD prefere?

( ) Cena 7 ( ) Cena 8

Outro:_____

2. Por quê?

3. Qual(is) a(s) diferença(s) entre as cenas?

( ) Quantidade de informação ( ) Elementos diferentes audiodescritos
( ) AD das emoções ( ) AD dos gestos
Outro:_____

4. Se responder gestos: Qual a diferença?

Esse roteiro é mais estruturado do que o inicialmente testado e como as entrevistas seriam feitas por diferentes pessoas, utilizamos como estratégia perguntar a mesma coisa de diferentes perspectivas, aprofundando alguns pontos. Por exemplo: na parte geral, na qual foram feitas perguntas sobre AD, primeiro, foram perguntados que aspectos são necessários a uma boa AD e, em seguida, o que não deve estar presente e o que não pode faltar em uma AD.

Cada parte do roteiro tinha um objetivo específico. Na geral, como já mencionado no teste da pesquisa, o objetivo era descobrir alguns hábitos que podem ter influência sobre as preferências no que diz respeito à AD. As perguntas visavam também verificar se o que pensam sobre a AD, de modo geral, está de acordo com as suas preferências no que tange às ADs de gestos.

Na segunda, nas perguntas de compreensão do filme, o objetivo era deixá-los, incialmente, falar livremente para verificar que aspectos do filme mais lhes haviam chamado a atenção e, depois, verificar se não tinham compreendido alguma parte ou relação entre os personagens, o que poderia influenciar nas escolhas das cenas de preferência ao final. Ainda na segunda parte, contudo, na seção específica o intuito era entrar no tema das ADs das expressões faciais e linguagem corporal de forma genérica, verificando de forma indireta se eles preferem ADs mais descritivas ou mais interpretativas.

Assim como na seção específica da segunda parte, na terceira, o objetivo era verificar, de forma indireta, qual a preferência na AD de gestos nos dois filmes, a partir das cenas selecionadas com as ADs comerciais e alternativas.

As ADs alternativas, elaboradas pela pesquisadora, mais descritivas e mais interpretativas tiveram a AD comercial como referência. Primeiro foram

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

escolhidas as cenas nos filmes. Em seguida, as ADs comerciais das cenas foram avaliadas como mais descritivas ou mais interpretativas, levando em consideração as características expostas no quadro 1 (p. 151); e, por fim, de acordo com essa análise, foi criada uma AD alternativa: para uma cena da AD comercial avaliada como mais descritiva, foi criada uma AD alternativa mais interpretativa e vice-versa.

Podemos dizer que a AD comercial do filme *O palhaço* é, de modo geral, mais descritiva, enquanto a AD do filme *Menos que nada* é mais interpretativa. Mas isso não significa dizer que não há, nos roteiros de AD dos filmes, momentos mais interpretativos ou mais descritivos, respectivamente. As soluções mais descritivas ou mais interpretativas variam de acordo com as estratégias utilizadas pelo audiodescritor para cada cena. Vale ressaltar que, como as ADs comerciais serviram como referência, trechos foram retirados ou acrescentados nas ADs alternativas. As diferenças entre as ADs estão predominantemente nos trechos que se referem aos gestos. Isso significa dizer que foram feitas poucas alterações nos trechos que não dizem respeito ao tema debatido. As alterações foram efetuadas somente quando consideradas fundamentais para a composição da cena.

Nas ADs mais descritivas, foram audiodescritos passo a passo os elementos visando à inferência, pelo público, de seus possíveis significados. Em outras palavras, a AD está calcada nos elementos que compõem os gestos. Já na ADs mais interpretativas ou os elementos passo a passo foram audiodescritos com sugestão dos seus possíveis significados ou foram ditos somente os possíveis significados, por conta da restrição do tempo (ver no cap. 3, Braun, 2007).

As ADs comercial (referência) e alternativa de cada cena serão apresentadas lado a lado a seguir, em um quadro. Primeiramente, serão apresentadas as cenas do filme *O palhaço* e, em seguida, do filme *Menos que nada*. Os trechos que foram objeto do debate estão destacados em negrito. A AD comercial que foi mantida está em letra normal. Entre colchetes e em itálico estão as falas das personagens e barulhos importantes para a trama; e a pausa na locução é indicada por três pontos. Na pesquisa de recepção, os participantes puderam escutar cada AD quantas vezes quisessem para decidir a de sua preferência e foi anotado o número de vezes que as cenas foram repetidas para ser levado em consideração na análise dos dados.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

Cenas do filme *O palhaço*

1. **Gestos substitutivos da fala** (cena: Pangaré no picadeiro — tempo inicial e final: 06:10 – 07:15)

No que tange a essa cena, assim como a todas as outras, primeiramente as contextualizaremos, em seguida apresentaremos os quadros com as ADs comerciais e as alternativas, para, por fim, comentarmos os trechos em negrito presentes nos quadros. Nessa cena, após a apresentação de outro membro da trupe, Pangaré (o palhaço de Benjamim) entra no picadeiro e apresenta a parte do seu número que não possui falas e é feito só por gestos. Antes da apresentação, o mágico da trupe passa algumas informações sobre as pessoas da cidade para Benjamim, fornecendo, por exemplo, algumas características e os nomes do prefeito e de sua esposa. Nosso objetivo com essa cena é discutir a recepção da AD de uma mímica.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

<table>
<tr><th colspan="2">Quadro 8 – AD de gestos substitutivos da fala: Pangaré no picadeiro</th></tr>
<tr><td colspan="2">AD comum às duas versões</td></tr>
<tr><td colspan="2">Atrás da cortina Pangaré aguarda o sinal para entrar. Ele olha para outro palhaço que lê e fuma um cigarro. [...] De chapéu-coco preto, Pangaré coloca o nariz de palhaço, fecha os olhos e aguarda. No picadeiro, um casal abre as cortinas para ele. [...] A sombra do tocador de trombone é projetada na lona do circo. Pangaré entra em cena e finge tropeçar caindo aos pés do prefeito e da mulher dele. Ele se levanta, coloca o chapéu e volta de costas para o centro do picadeiro. [Pangaré: respeitável público/palmas]</td></tr>
<tr><th>AD comercial</th><th>AD mais interpretativa</th></tr>
<tr><td>Pangaré estala os dedos. O homem alto e magro traz um copo com líquido e uma lata de spray numa bandeja.

Pangaré pega o copo, despeja o líquido num ouvido, torce a outra orelha e cospe um pouco do líquido. O homem alto bate no ombro dele. Ele se vira e cospe pro alto.</td><td>Pangaré estala os dedos. O homem bem alto traz copo e spray numa bandeja. De propósito, Pangaré se vira e desencontram. O homem o segue.

Pangaré pega o copo, põe o líquido numa orelha, torce a outra e cospe o líquido. O homem bem alto bate no ombro dele. Ele se vira e cospe como uma fonte. (rápido)</td></tr>
<tr><td colspan="2">Pangaré pega a lata de spray, borrifa o conteúdo debaixo das axilas e entre as pernas. Ele se abaixa e solta um pum amarelado.</td></tr>
</table>

No primeiro trecho em negrito da AD comercial, não são audiodescritos os movimentos de Pangaré e do homem alto. Como essa cena é rápida, o audiodescritor optou pela omissão, provavelmente para não sobrecarregar de informações o público. A inserção desses movimentos foi feita na AD alternativa por considerarmos que é importante audiodescrever o número inteiro. Ainda na alternativa mais interpretativa, optamos pela AD dos movimentos de Pangaré e do homem alto, procurando evidenciar que há um *desencontro* entre as personagens efetuado propositalmente por Pangaré. No segundo trecho em negrito, a opção mais interpretativa, além de audiodescrever o movimento, sugere, a partir de uma metáfora, uma imagem ou interpretação que represente a intenção de Pangaré ao cuspir para o alto. Como o trecho final já é mais interpretativo e não é um gesto, optamos por não alterá-lo, apesar de, durante a elaboração da AD alternativa, termos levado em consideração que esse trecho poderia gerar dúvida no público, uma vez que brinca com a forma de um pum (solta um pum amarelado). A escolha pela manutenção do trecho nas duas partes se deveu, então, ao fato de preferirmos verificar se, de fato, esse trecho geraria dúvida durante a pesquisa.

2.a. Gestos emotivos simples (cena: Guilhermina vendo foto na tenda de Benjamim — tempo inicial e final: 17:09 – 17:37)

Nessa cena, Guilhermina, a criança da trupe, filha do mágico e de outra integrante do circo, entra na tenda de Benjamim e olha uma foto em preto e branco do grupo. A cena está no primeiro terço do filme e antes dela, Guilhermina só apareceu embaixo da arquibancada do circo assistindo às apresentações. Guilhermina sorri durante a apresentação dos palhaços e fica séria durante a apresentação de Lola. A sequência após as apresentações mostra os integrantes no acampamento do circo e são mostradas outras tendas, além da principal, onde ocorrem as apresentações. Após essa tomada panorâmica do circo, se inicia a cena em questão. A partir dela, vamos discutir diferentes formas de audiodescrever expressões faciais e corporais que denotam estados emocionais. Os gestos emotivos simples, como o próprio nome diz, geram pouca discussão ou polêmica entre os audiodescritores e o público. Apesar de ser um tipo de AD mais consensual, há várias questões importantes que precisam ser abordadas. Por exemplo: “um leve sorriso” é suficiente para a compreensão do estado emocional da personagem ou é necessária a sugestão de que estado emocional é esse?

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

Quadro 9 – AD de gestos emotivos simples: Guilhermina vendo a foto na tenda de Benjamim	
AD comercial	**AD mais interpretativa**
Guilhermina, a menina loira de cabelos longos, entra na tenda de Benjamim, vai até a penteadeira e pega um porta-retratos. [pausa] Ela está no centro da foto com Benjamin e os integrantes do circo segurando uma boneca de pano e de mãos dadas com a mãe. **Ela sorri ao ver a foto**, [pausa] **mas fica triste** vendo Puro Sangue abraçado a Lola, **que é bem mais jovem que ele.**	Guilhermina, a menina loira de cabelos longos, entra na tenda de Benjamim, vai até a penteadeira, pega um porta-retratos com foto em preto e branco da trupe. **Ela fica feliz** ao ver a parte da foto em que ela, os pais e Zaira estão **sorrindo contentes**. Benjamin está **sério com leve sorriso de insatisfação** Guilhermina **desfaz o sorriso, chateada,** ao olhar para a parte da foto na qual Puro Sangue está abraçado a Lola e **Lola olha para o lado contrário à trupe mordendo a unha.**

A AD comercial informa que Guilhermina fica triste. "Ficar triste" e "desfazer o sorriso" ou "fechar a cara" são a mesma coisa? Não seria contrariedade? Será que afirmar que ela está triste é ir além e, por conseguinte, pode ser considerada uma interpretação excessiva?

O objetivo da avaliação dos gestos emotivos simples, a partir dessa cena, é verificar como o público recebe as diferentes formas de se audiodescreverem as mesmas imagens. No primeiro trecho em negrito, a AD comercial informa que a menina sorri, e a opção mais interpretativa, que ela fica feliz, ou seja, que o sorriso é de alegria. Os trechos sublinhados e em negrito são acréscimos e audiodescrevem as expressões faciais das personagens na foto. O trecho em negrito, a seguir, audiodescreve a expressão de Guilhermina. A opção mais interpretativa se diferencia audiodescrevendo o ficar "triste" da AD comercial por desfazer o sorriso, chateada. E, por fim, no trecho final em negrito, na opção mais interpretativa, há a indicação do posicionamento de Lola em relação à trupe com sua ação (mordendo a unha), em contraposição a informação adicional na AD comercial "que é bem mais jovem que ele". Como o estado emocional de Lola nessa cena pode não ser considerado primário, já que é mais difícil de precisar, levamos em consideração somente os estados emocionais de Guilhermina. Contudo, testamos, através da alteração da AD, se o estado emocional de Lola era

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

compreensível somente pela audiodescrição da fisionomia dela e se ADs tão diferentes gerariam dúvidas nos participantes.

2.b. Gestos emotivos complexos (cena: Lola é expulsa do carro por Valdemar — tempo inicial e final: 01:02:10 – 01:04:30)

O objetivo dessa cena é discutir as possíveis formas de se audiodescrever os gestos emotivos complexos. Em outras palavras, os gestos que têm mais camadas de interpretação e, por conseguinte, aqueles cujos significados são mais difíceis de precisar. Trabalhamos aqui com as ADs das expressões faciais e corporais que podem designar mais de um estado emocional ao mesmo tempo. Por exemplo, como acima mencionado, a AD de Lola na cena anterior se encaixaria bem nesse caso. Contudo, escolhemos a cena em que Lola é expulsa do carro por Valdemar, por ser mais rica em gestos emotivos complexos. Essa cena se passa na estrada, no trajeto percorrido pela trupe para chegar à próxima cidade em que se apresentarão. Antes de começarem a viagem, Benjamim deixou a trupe para seguir seu próprio caminho. O clima é de tristeza pela partida de Benjamim, a estrada é de terra e levanta bastante poeira, e só há vegetação no entorno. O carro de Valdemar vai à frente do comboio. Ele para o carro e se inicia a cena em questão.

Quadro 10 – AD de gestos emotivos complexos: Lola é expulsa do carro por Valdemar	
AD comercial	
Valdemar para o carro. Os outros param atrás dele. Ele desliga o motor. Lola olha para fora sem entender. [*Lola: Parou por quê?/ Valdemar: Eu vou precisar desse dinheiro.*]	
AD comercial	**AD mais interpretativa**
Valdemar segura o volante. Ele olha para frente. Lola olha para ele.	**Valdemar com os olhos fixos para frente mantém as mãos no volante. Ela vira-se para ele com ar petulante.**
[*Lola: que dinheiro?*] Valdemar a encara com firmeza.	
Ela desvia o olhar.	**Ela desvia o olhar meio perdida.**
Pelo espelho lateral, ela vê João de pé na estrada. Os outros também saem dos carros.	
	<u>Uns com cara de incompreensão e outros de descontentamento.</u>

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

Lola entrega o dinheiro para Valdemar. Ele confere e abre a porta para ela sair.	
	Ele a olha com misto de desgosto e raiva e vira para a frente.
Ela sai do carro.	**Ela, cabisbaixa, sai do carro.**
[*Lola!*]	
Ele estende o dinheiro para ela.	**Ela vira-se e ele estende o dinheiro para ela.**
[*você vai precisar.*]	
Triste, ela se aproxima.	**Uma lágrima corre pelo rosto dela que, desconfiada, se aproxima do carro.**
Ela segura o dinheiro com força, amassando-o em suas mãos.	
Quase chorando, Valdemar olha para a frente. Com lágrimas nos olhos, Lola encara Valdemar, que mantém o olhar fixo na estrada.	**Ele engole em seco e com olhos cheios d'água olha para a frente. Chorando, Lola olha arrependida para Valdemar. Ele mantém o olhar fixo na estrada.**
Na Kombi, Guilhermina se debruça sobre o banco para ver o que está acontecendo. Ninguém entende o que houve. Valdemar olha para Lola e liga o carro. Eles partem deixando Lola na estrada.	

Nos dois primeiros trechos em negrito, procuramos avaliar as diferenças nas ADs dos olhares. Enquanto, na AD comercial, só é dito "olha para frente" e "Lola olha para ele", na AD mais interpretativa é dito que ele "olha fixo" e ela "vira-se com ar petulante". No segundo trecho, é informado que ela desvia o olhar, enquanto na AD mais interpretativa é dito que "ela desvia o olhar meio perdida". Na sequência em negrito e sublinhado, há dois acréscimos. O primeiro audiodescreve as fisionomias das personagens e o segundo, o olhar de Valdemar. No primeiro trecho em negrito após os acréscimos, procuramos avaliar se é necessário dizer a forma pela qual ela sai do carro (cabisbaixa) ou se a informação da saída já é suficiente por conta do contexto da cena. Na sequência inserimos a informação de que ela vira-se. Apesar de não ser o foco, procuramos reproduzir a dramaticidade cênica. Mais um acréscimo foi feito na sequência. Diferente da AD comercial, que informa que ela está triste, na AD mais interpretativa, é dito que uma lágrima escorre e, em seguida, é acrescentada a informação de que ela se aproxima desconfiada. No último trecho em negrito, há o acréscimo de que Valdemar engole em seco e o olhar de Lola é audiodescrito de forma diferente. Enquanto, na AD comercial, é dito que ela encara Valdemar, na AD mais

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

interpretativa é dito que ela olha arrependida. Essas ADs são bem diferentes, mostrando a dificuldade de o audiodescritor definir os estados emocionais complexos. Procuramos verificar se pelo contexto da cena, com a AD comercial, é possível perceber os estados emocionais das personagens ou se os acréscimos feitos na AD mais interpretativa são fundamentais para a composição cênica.

3. **Gestos divergentes da fala** (cena: reação de Benjamim após o filho do prefeito recitar — tempo inicial e final: 20:44 – 21:16)

Essa cena ocorre no primeiro terço do filme, após a apresentação da trupe, momento em que o prefeito os convida para comer em sua casa. Já em casa, o prefeito pede a Benjamim que seu filho se apresente junto com a trupe na próxima apresentação do circo e manda o filho recitar um poema para o grupo. Com essa cena, objetivamos avaliar a recepção de gestos que contradizem a mensagem verbal, na medida em que Benjamim diz gostar da apresentação do menino, mas sua fisionomia demonstra o contrário.

Quadro 11 – AD de gestos divergentes da fala: reação de Benjamim após o filho do prefeito recitar

AD comercial	**AD mais interpretativa**
Diante do jarro com enfeite de plumas sobre a mesa de centro, o filho do prefeito declama. [*Menino declama*] As plumas lembram asas de anjo nas costas do menino. Ele sorri. **Os artistas estão sérios. Alguns reprimem o riso.**	Diante do jarro com enfeite de plumas, que lembram asas de anjo, o filho do prefeito declama. [*Menino declama*] Ele sorri. Os artistas estão perplexos. **Benjamim está congelado no sofá entre os pais do menino.**
[*Prefeito: Talento, né, Benjamim?/ Mulher: É um artista, né?/ Benjamim: Ah! Muito bom! Muito bom!*]	

Na AD comercial, não é audiodescrita a fisionomia de Benjamim e, através dela, procuramos avaliar se somente pela entonação da personagem é possível perceber que ele "debocha" ou "dissimula", fingindo gostar da apresentação. Para audiodescrever a fisionomia de Benjamim que contradiz sua fala, na opção mais interpretativa, foi necessário sintetizar a AD da trupe, transformando "sérios e alguns reprimem o riso" em "perplexos".

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

Cenas do filme *Menos que nada*

1. **Gestos substitutivos da fala** (cena: Dante no hospício — tempo inicial e final: 06:14 – 07:51)

O objetivo desta cena é avaliar a recepção da AD de uma mímica. Como a AD comercial nessa cena é mais interpretativa, a AD alternativa é mais descritiva. Essa é a primeira cena de Dante adulto no filme, após a sequência inicial de sua infância. Ele está internado no hospício e se comunica só por gestos, chamando a atenção da médica residente.

<table>
<tr><th colspan="2">Quadro 12 – AD de gestos substitutivos da fala: Dante no hospício</th></tr>
<tr><td colspan="2">AD comercial</td></tr>
<tr><td colspan="2">Alguma coisa chama atenção da jovem. Um homem de aproximadamente 35 anos, agachado no gramado, segura um graveto com mãos retorcidas e rói como se fosse um osso. Cutuca uma cadeira atirada no chão. Encolhe-se agarrado ao graveto. A jovem observa de longe com interesse. O homem fareja o ar, levanta-se e dá alguns passos com as costas encurvadas.</td></tr>
<tr><td>AD comercial</td><td>AD mais descritiva</td></tr>
<tr><td>Olha em volta, pressentindo o perigo. Assume uma postura ameaçadora. [ah, ah]</td><td>Olha em volta, franzindo a testa e batendo no peito. [ah, ah]</td></tr>
<tr><td colspan="2">O homem recua e senta no chão voltando a roer o graveto. O médico explica [Médico: Ele faz isso de vez em quando. Ninguém mais presta atenção./ Dra.: é sempre igual?/ Médico: Não, às vezes ele está mais agitado. Já deu muito trabalho aqui. Tem enfermeiro que se recusa a chegar perto dele. É... no começo eu tentei interferir, mas depois eu desisti.</td></tr>
<tr><td>O homem se levanta, pega a cadeira e encaixa seu corpo entre as pernas dela, movimenta os quadris como uma relação sexual.</td><td>O homem se levanta, pega a cadeira e encaixa seu corpo entre as pernas dela, movimenta os quadris para frente e para trás.</td></tr>
<tr><td colspan="2">Larga a cadeira abruptamente.</td></tr>
<tr><td>e se joga no chão. Debate-se como se tentasse se defender de algo. Coloca-se de joelho. Apanha do chão um objeto imaginário, une as mãos e golpeia a cadeira repetidas vezes com fúria. Parece perder as forças e deixa-se cair inerte. [morreu...]</td><td>se joga no chão e debate-se. Ajoelha, apanha do chão um objeto imaginário, une as mãos acima da cabeça e golpeia a cadeira repetidas vezes. No último golpe, deixa o tronco cair sobre a cadeira, vai se virando até cair deitado no chão. [morreu...]</td></tr>
</table>

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

No primeiro trecho em negrito, na AD comercial só há a indicação de possíveis significados para os gestos e a AD mais descritiva fornece a expressão facial e a ação de "bater no peito" que leva a inferir a "postura ameaçadora". No segundo trecho em negrito, a AD comercial interpreta que Dante mexe os quadris "como em uma relação sexual" e a AD mais descritiva informa o movimento dos quadris sem sugerir uma interpretação. No último trecho em negrito, a opção mais descritiva audiodescreve passo a passo os movimentos de Dante. Primeiramente, foi retirada a explicação "debate-se como se tentasse se defender de algo", para verificar se é possível só pelo áudio inferir que ele se sente em perigo. O mesmo foi feito na frase seguinte, retirando a locução adverbial "com fúria" da AD. E, por fim, a interpretação "parece perder as forças e deixa-se cair inerte" foi substituída pela sequência de movimentos finais de Dante "no último golpe, deixa o tronco cair sobre a cadeira, vai se virando até cair deitado no chão".

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

2.a. Gestos emotivos simples (cena: Berenice, Dante e Ciro na construção — tempo inicial e final: 37:18 – 40:03)

Discutimos, com essa cena, a AD de gestos emotivos simples, a partir de três trechos. Antes dessa cena em questão, Berenice procurou Dante para mostrar um osso encontrado na barranca do terreno onde ela e seu marido Ciro estão construindo uma pousada. Dante e Berenice estão afastados desde a infância e ela o procura após reconhecê-lo em uma reportagem na TV sobre arqueologia. Os dois viajam juntos até o terreno da construção e Ciro aparece.

<table>
<tr><th colspan="2">Quadro 13 – AD de gestos emotivos simples: Berenice, Dante e Ciro na construção</th></tr>
<tr><td colspan="2">AD comercial</td></tr>
<tr><td colspan="2">A Paraty estaciona no alto da barranca. Berenice e Dante saem do carro. [Berenice: Vamos?] Descem até a praia onde os operários estão trabalhando. [Berenice: Oi. (...) Estão ali naquela parede.] Eles vão até o local. Dante examina uma reentrância da parede da barranca. Berenice o observa um pouco ansiosa. Dante enfia o braço em uma fenda e vasculha.</td></tr>
<tr><th>AD comercial</th><th>AD mais interpretativa</th></tr>
<tr><td>Olha repentinamente para Berenice.</td><td>Lança um olhar surpreso para ela.</td></tr>
</table>

[Berenice: Que foi? Achou alguma coisa?/ Dante: Talvez.] Pega uma espátula da mochila e volta a trabalhar na fenda. Ciro se aproxima por trás deles. [*Ciro: O que vocês estão fazendo?/ Berenice: ai Ciro, que susto! Resolveu aparecer!*] Ela tenta dar um beijo nele e ele vira o rosto. Dante encontra um osso. [*Berenice: Dante, esse é o meu marido, Ciro. Esse é o Dante, (...) Dante Becker, foi meu colega de escola.*] Dante estende a mão. [*Ciro: Deixa pra lá rapaz. Prazer./ Dante: Prazer./ Berenice: Nós achamos um negócio estranho aqui na barraca, daí, eu chamei o Dante pra dar uma olhada porque ele é arqueólogo./ Ciro: Negócio estranho?/ Dante: Talvez não seja nada demais, um osso de boi ou de carneiro.*] Mostra o osso recém-encontrado [*Dante: mas, eu queria examinar melhor./ Ciro: Examinar para quê?/ Dante: Pode ser um fóssil./ Ciro: um fóssil?/ Dante: É... um osso petrificado.*] Ciro arranca o osso das mãos de Dante. [*Ciro: A gente não tem tempo, nem dinheiro para ficar estudando osso./ Dante: Isso não vai custar nada./ Ciro: Não perguntei quanto que vai custar.*] Dirige-se a Berenice. [*Ciro: Quem sabe você não deixa a obra por minha conta e não vai pra casa desenhar um pouquinho. Minha mulher não entende muito desse trabalho não. Desculpa se ela te fez perder tempo. Devanor!]* O mestre de obra se aproxima. [*Ciro: Devanor vai te levar até a parada do ônibus, passa daqui meia hora./ Berenice: Ciro, ele acabou de chegar./ Ciro: Mas, já vai embora.*] Berenice baixa a cabeça submissa. Dante apanha a mochila.
	Berenice observa apreensiva. Dante, resignado, olha para Ciro.
[*Dante: Posso levar o osso?*]	
Ciro o encara com frieza.	**Ciro o encara com firmeza.**
[*Ciro: não pode não./ Berenice: Ciro, por favor. Ciro: Devanor!*] Berenice e Dante se entreolham. Ela está constrangida. [*Dante: Então... tchau./ Berenice: Desculpa!*] Dante encara Ciro, segue Devanor e vai embora. Ciro olha pra Berenice com reprovação e ela baixa a cabeça.	

No primeiro trecho, a opção mais interpretativa informa que o "olhar repentino", da AD comercial, é "surpresa". O objetivo é verificar se a surpresa é compreensível pela AD comercial em conjunto com o áudio do filme. No segundo trecho em negrito, foram acrescentadas informações que não tem na AD comercial. O intuito é verificar se pelo contexto é possível perceber ou se é fundamental audiodescrever esses estados emocionais. No último trecho, a AD comercial informa que Ciro encara com frieza e a opção mais interpretativa reforça o gesto de encarar com o uso do adjetivo "firmeza". O intuito é debater se a frieza e a firmeza são perceptíveis pelo contexto, se o uso desses adjetivos é necessário e/ou enriquece a cena.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

2.b. Gestos emotivos complexos (cena: No museu — tempo inicial e final: 01:28:24 – 01:31:22)

Essa cena se passa quase no final do filme, é o momento de maior tensão entre as personagens e estão todas juntas no museu. Antes de chegar ao museu, Dante e Renê pegaram vários ossos na barranca da construção de Ciro e Berenice. Dante se relacionou com Renê assim como com Berenice. Dante tentou devolver os ossos para Berenice após ser descoberto por ela, contudo, Renê o convenceu a ficar com os ossos, dizendo que eles deveriam ir juntos para os Estados Unidos pesquisá-los. Ciro descobre tanto que Berenice e Dante tiveram uma relação quanto que os ossos estão com ele e o denuncia por roubo. Dante, que estava na delegacia (seu pai é policial aposentado) tentando agilizar a retirada do passaporte para a viagem, fica retido e foge para ir ao museu. Ciro chega à delegacia no momento em que Dante está fugindo e o segue. O pai de Dante e o policial que reteve o filho dele na delegacia também vão atrás. Dante chega ao museu antes das demais personagens que estão atrás dele, passa por sua ex-professora da universidade e que apresentou a Renê e se encontra com Renê, iniciando a cena em questão, na qual avaliamos cinco trechos.

<table>
<tr><th colspan="2">Quadro 14 – AD de gestos emotivos complexos: no museu</th></tr>
<tr><td colspan="2">AD comercial</td></tr>
<tr><td colspan="2">No museu, Renê observa fósseis em exposição em frente a um painel com ilustrações de dinossauros. Está muito concentrada.</td></tr>
<tr><th>AD comercial</th><th>AD mais interpretativa</th></tr>
<tr><td>Dante chega devagar por trás dela, hesita.</td><td>Dante, com uma sobrancelha arqueada e lábios trêmulos, expressão transtornada, chega devagar por trás dela hesitante.</td></tr>
<tr><td>[Dante: Renê?] Ela tem um leve sobressalto. Vira-se para ele sem sorrir.</td><td>[Dante: Renê?] Surpresa, ela vira para ele com ar petulante.</td></tr>
<tr><td colspan="2">[entrevista de Berenice] Um carro da polícia para em frente ao museu. Gregório e Zanata desembarcam e vão até a entrada do prédio. [Gregório: Quando a gente chegou, ele não tinha conseguido entrar ainda./ Zanata: Polícia Federal. Pode abrir.]. Zanata mostra a credencial para segurança. Ciro aproveita e entra atrás deles.</td></tr>
<tr><td>Dentro do museu, Dante e Renê estão cara a cara.</td><td>Dentro do museu, Dante e Renê se entreolham fixamente.</td></tr>
</table>

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

Entram Zanata, Gregório e Ciro seguidos pelo segurança. Laura chega pelo lado oposto. [*Ciro: É ele./ Zanata: Dante Becker.*]	
Dante vira o rosto com olhar inexpressivo.	**Dante olha para Zanata perturbado.**
[Zanata: Tira a mão do bolso por favor./ Gregório: Obedece, filho!] Zanata saca arma. [*Zanata: tira a mão do bolso./ Gregório: Oh, Zanata, não precisa nada disso. Ele não tem arma./ Zanata: Ele não obedece, poxa./ Gregório: Dante, tu quer fazer o favor de tirar a mão do bolso, meu filho./ Ciro: Tu é um filho da puta de um ladrão. Devolve as coisas que levou do meu terreno./ Berenice: Ele não é ladrão./ Zanata: e a senhora, quem é?/ Berenice: Sou a proprietária do terreno./ Ciro: A propriedade também é minha. O senhor não vai fazer nada com esse ladrão?/ Zanata: Fica quieto aí, por favor! Dante, eu estou perdendo a paciência, tira a mão do bolso, por favor!*] Impassível, Dante tira o pacote de plástico bolha. Gregório e Zanata olham sem compreender. Dante desembrulha a presa do smilodom. [*Zanata: O que que é isso aí?/ Gregório: Taí Zanata, o que que eu disse. É só um pedaço de osso velho. Essa moça aí é amiga do meu filho desde criança, pô./ Ciro: ele tá segurando a prova do roubo./ Berenice: Não teve roubo nenhum. Eu dei o osso pra ele./ Ciro: cala a boa!/ Berenice: Doutor, meu marido não sabe o que aconteceu. Eu pedi pro Dante avaliar o osso que eu achei nas obras. Não teve roubo nenhum. As terras estão no meu nome./ Zanata: Você vai ter que se entender com a sua mulher. Se ela entregou o material pra ele, não tem roubo nenhum. O senhor tem mais alguma acusação pra fazer?/ Ciro: Você não vai sair dessa. Confessa o que tu fez com a minha mulher. Fala, desgraçado!/ Zanata: Abaixa essa arma!/ Ciro: só depois que ele confessar. Confessa!/ Berenice: Ciro, ele não tem nada pra confessar./ Ciro: Cala a boca, sua puta!/ Zanata: Tá fazendo besteira, rapaz! Abaixa essa arma!/ Ciro: confessa!*] Dante caminha devagar estendendo o fóssil para Ciro. [*Berenice: Ciro, pelo amor de Deus! Ele não tem culpa! Fui eu./ Ciro: então, tu vai ser...*] Aponta para ela. Dante dá um golpe em Ciro que cai. Ele ergue o corpo e aponta arma para Dante. Zanata dispara. Ciro tomba.	
Dante ergue o olhar completamente transtornado, com a mesma expressão que exibe no hospital. Olha para Berenice e para Renê.	**Dante, pálido, com olheiras profundas e respiração ofegante, que denotam sua perturbação, olha para Berenice e para Renê.**
[*Berenice: Como eu não percebi que ele estava apaixonado pela Renê./ Entrevista de Berenice./ Berenice: ai meu Deus! Como eu fui boba...*] No museu, Dante olha para Renê, que está apavorada. Ele revira os olhos e desaba ao lado do corpo de Ciro sem soltar a presa do smilodom.	

No primeiro trecho, a AD comercial não informa o estado emocional da personagem e a opção mais interpretativa audiodescreve seus traços fisionômicos e sugere uma interpretação para a fisionomia. No segundo trecho, a AD comercial, ao dizer que "ela se vira sem sorrir", sugere que Renê deveria sorrir. O objetivo é testar o impacto dessa AD no público, verificando se a afirmação de que ela não sorri gera confusão ou se o público considera essa afirmação importante. A opção mais interpretativa explicita essa ausência de sorriso como petulância. No terceiro

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

trecho, o intuito é verificar se há diferença para o público entre "estar cara a cara" e "se entreolhar". No quarto trecho, a AD comercial informa que Dante vira o rosto com olhar inexpressivo. Será que "vira o rosto" não gera confusão no público? Ele vira o rosto em direção a alguém? Ele vira o rosto para não olhar para alguém? Ou "vira o rosto" fica claro pelo contexto? O olhar de Dante é "inexpressivo" ou Dante olha "perturbado"? As diferenças nas ADs comercial e na opção mais interpretativa desse trecho buscam avaliar a compreensão do público a partir das questões acima suscitadas. No último trecho, na opção mais interpretativa, são fornecidos os traços da fisionomia da personagem que levam a inferir que ele está completamente perturbado; enquanto, na AD comercial, há a informação adicional de que a sua expressão é a mesma que ele tem no hospício.

3. **Gestos divergentes da fala** (cena: Nova entrevista com Berenice — tempo inicial e final: 01:01:00 – 01:02:20)

Nessa cena, Berenice está sendo entrevistada pela médica, que a pressiona tentando descobrir se Berenice teve ou não uma relação com Dante. O gestual incômodo mostra que o que Berenice afirma pode ser falso e a médica confirma que é falso em seguida. O objetivo, então, é avaliar se é possível perceber isso só pelo áudio ou se a AD do gestual de Berenice auxilia nessa percepção.

<table>
<tr><th colspan="2">Quadro 15 – AD de gestos divergentes: nova entrevista com Berenice</th></tr>
<tr><td colspan="2">AD comercial</td></tr>
<tr><td colspan="2">Nova entrevista com Berenice [Berenice: Eu já contei tudo./ Dra.: Tá. Tu contou que foi encontrar o Dante no hotel, conversou com ele e pediu que ele devolvesse os fósseis que ele tinha tirado] Ela está na varanda de casa. [Berenice: Sim, foi isso. E aí, ele me disse que tava pensando em pedir o embargo da obra. E aí, eu fiquei apavorada, porque eu sabia que o Ciro ia ficar furioso. Então, eu.]</td></tr>
<tr><td>AD comercial</td><td>AD mais descritiva</td></tr>
<tr><td></td><td><u>Berenice, com as mãos inquietas</u></td></tr>
<tr><td colspan="2">[Aí, eu fiz o Dante me prometer que ia esquecer tudo isso e ia nos deixar em paz. /Dra.: Ele aceitou? Berenice: Sim./ Dra.: E daí, tu saiu?]</td></tr>
<tr><td></td><td><u>Berenice revira os olhos</u></td></tr>
<tr><td colspan="2">[Berenice: Sim, eu saí./ Dra.: Berenice, eu sei que não foi bem assim. Eu sei que você teve uma relação sexual com Dante nessa noite. Desculpa, mas eu realmente preciso saber o que aconteceu. Ninguém vai ver essa fita. Aliás, se tu quiser, eu posso desligar a câmera agora.]</td></tr>
</table>

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

Berenice baixa o olhar, inquieta e bastante constrangida.	**Berenice baixa o olhar, olha para Paula por um instante e baixa o olhar novamente.**
[*Berenice: Então desliga, por favor.*] A tela escurece.	

Os dois primeiros trechos sublinhados e em negrito são acréscimos; e, no trecho final em negrito, a AD comercial mais interpretativa afirma que ela está inquieta e constrangida, enquanto a AD mais descritiva fornece os olhares de Berenice para que o público infira seu estado emocional.

Após relatar a preparação, a aplicação da pesquisa e o conteúdo dos roteiros de entrevistas nas duas instituições, faremos, na seção a seguir, a análise dos dados, na qual serão retomadas a cenas acima apresentadas. Primeiro pelas instituições e filmes, respectivamente, IBC e *O palhaço* e ADVERJ e *Menos que nada*, tendo como foco central a avaliação do primeiro objetivo — "testar se descrições mais interpretativas são necessárias, ou mesmo indispensáveis, para a fruição da obra cinematográfica" — e da hipótese "partimos do princípio de que é mais produtivo para a recepção do público se a AD dos gestos for mais interpretativa do que descritiva, na medida em que o público pode ficar confuso só com a AD dos elementos que levam a inferir o(s) sentido(s) dos gestos, desfocando sua atenção de algo mais importante para a trama". E, em seguida, será feita a análise por grupos, pelo tipo de deficiência visual. Nessa avaliação, o foco está no segundo objetivo "procurar verificar se há diferenças nas preferências do público de acordo com o tipo de deficiência visual" e em sua hipótese "partimos do princípio de que as escolhas estão relacionadas tanto com o tipo de deficiência visual quanto com as histórias de vida de cada um".

5.2.
Análise dos dados

A análise, no trecho em que se refere aos filmes e institutos, está dividida em três partes, seguindo o roteiro de entrevistas dos filmes. Na primeira — geral — serão apresentados os hábitos dos participantes em relação a filmes e à AD e ao que eles pensam sobre ela. A segunda parte — filme — está dividida em dois momentos. O primeiro é geral, no qual será brevemente relatada a compreensão

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

dos entrevistados sobre o filme, a partir de três eixos: trajetória da personagem principal, identificação, mesmo que não nominalmente, das personagens que compõem a trama e as relações entre as personagens secundárias. E o segundo é específico sobre os gestos, quando que se inicia a discussão sobre o objetivo e a hipótese. O ápice do debate estará na terceira parte, nas cenas dos filmes com as ADs comercial e a alternativa. A seção específica da parte dois e a terceira parte (cenas), apesar de debaterem os gestos, se diferenciam na forma pela qual a discussão foi feita. Podemos dizer que a parte dois é mais teórica e a três é mais prática, já que as opções de AD na parte dois não são apresentadas a partir de cenas, ou seja, em um contexto determinado. Essa diferença é fundamental na medida em que pudemos verificar se o que os entrevistados afirmavam na parte teórica se mantinha na prática.

Entendemos as pessoas com deficiência visual como protagonistas dos processos sociais que visam sua inclusão na vida em sociedade, como sujeitos ativos, partícipes da definição das características de produtos e serviços que lhes são dirigidos. Os resultados da escuta desse grupo social só poderiam ser aqui apresentados por meio de intensa reprodução de suas falas, reconhecidas como indicações fundamentais para a melhoria da qualidade da produção de AD. Assim sendo, a estratégia adotada na análise de dados, em um primeiro momento, constitui-se de uma caracterização bastante individualizada, para, posteriormente, permitir uma análise mais geral. Contudo, essa análise mais geral não tem o objetivo de criar generalizações e sim iniciar um mapeamento das preferências/opiniões do público para a partir deste conhecimento refletir sobre o roteiro, principal produto da AD.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

5.2.1.
IBC

I. Geral

Iniciaremos apresentando os quadros que compilam as informações da pesquisa para, na sequência, comentá-los. Os três primeiros quadros abaixo se referem aos hábitos dos participantes de assistirem a filmes.

Quadro 16 – Participantes IBC: periodicidade que assiste a filmes

Você gosta de assistir a filmes?	
Sim	**Não**
CA1	
CA2	
CC1	
	CC2
BV1	
BV2	
5	**1**

Periodicidade que assiste a filmes	
CA1	1 por dia
CA2	1 por mês
CC1	De vez em quando
CC2	Semanalmente
BV1	Todos os dias
BV2	Duas vezes por semana

Quadro 17 – Participantes IBC: preferência em relação aos gêneros dos filmes

Ação	Drama	Comédia	Animação	Outro
		CA1		CA1 suspense
				CA2 Qualquer tipo
CC1				CC1 Terror, suspense, fatos cotidianos
	CC2			CC2 documentário
BV1				BV1 terror
BV2	BV2		BV2	BV2 suspense
3	**2**		**1**	**6**

Quadro 18 – Participantes IBC: locais onde assiste aos filmes

Em casa	No cinema	Na TV	DVD	Computador
CA1		CA1		CA1
CA2			CA2	
CC1	CC1		CC1	CC1
CC2	CC2			CC2
BV1	BV1	BV1	BV1	BV1
BV2	BV2	BV2	BV2	BV2
6	**4**	**3**	**4**	**5**

Como podemos perceber nesses três primeiros quadros, é possível afirmar que a maior parte dos participantes do IBC gosta de filmes e que assiste com bastante frequência, pois até mesmo o participante CC2, que afirma não gostar de filmes, os assiste semanalmente. Os gêneros preferidos são ação e suspense, e todos assistem a filmes em casa, a maioria pelo computador, mais da metade vê também filmes em DVD e a metade afirmou assistir a filmes na TV. É interessante notar que quatro participantes afirmaram assistir a filmes também no cinema, o que normalmente fazem sem AD, dois desses participantes têm baixa

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

visão e dois, cegueira congênita. Os dois participantes com cegueira adquirida não mencionaram ir ao cinema.

Em relação à AD, há alguns aspectos interessantes a serem destacados.

Quadro 19 – Participantes IBC: hábito de familiares/amigos audiodescreverem		
Sim	**Não**	**Às vezes**
	CA1	
		CA2
CC1		
	CC2	
	BV1	
	BV2	
1	**4**	**1**

O primeiro, e de certo modo surpreendente, ou pelo menos interessante destacar, é que membros da família e amigos não costumam audiodescrever para a maioria dos participantes. Somente os familiares e amigos do participante CC1 audiodescrevem e os de CA2 o fazem às vezes. CC1 afirmou que sua mãe audiodescreve quando está perto e CA2, que a AD ocorre raramente "quando são coisas muito complicadas. Quando é mais tranquilo, eu deduzo". Já CA1, um dos participantes cujos amigos e familiares não audiodescrevem, comenta que "quando eu vejo jornal ou qualquer tipo de coisa, eu peço para descrever, mas a pessoa, ela mais está observando, mais vendo do que descrevendo, então...". Em outras palavras, suas dúvidas não são sanadas a contento. Os demais que responderam negativamente não teceram comentários a respeito.

Quadro 20 – Participantes IBC: hábito de ver filmes com AD feita por profissionais		
Sim	**Não**	**Às vezes**
CA1		
	CA2	
		CC1
		CC2
	BV1	
	BV2	
1	**3**	**2**

O segundo aspecto que chama a atenção é que metade dos participantes não tem o hábito de assistir a filmes com AD. CC1 afirmou só ter acesso a filmes com AD pela internet. CA1 também comenta: "é muito delicado isso, né? Porque, às vezes, a gente na verdade não tem tanto acesso, infelizmente, ainda a conteúdos audiodescritos. Assim... sempre quando eu acho algum pela internet eu vou lá,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

baixo e assisto". Alguns deles comentaram, como CA2, por exemplo, que no Instituto já assistiram a algumas peças, mas filmes não são exibidos com AD lá: "aqui (no IBC) fazem das peças... filmes não". O BV2 complementa essa informação dizendo que "só teve uma vez que eu saí aqui, quando fui experimentar (AD) e eu achei legal. Foi uma peça de teatro... foi aqui também. Agora, eu já fui duas vezes à audiodescrição feita aqui. No total, foram quatro vezes só. É muito pouco". É necessário refletir e buscar averiguar por que um Instituto com a tradição do Benjamin Constant não está utilizando esse recurso de tecnologia assistiva como prática com seus alunos do colégio, inclusive, tendo em vista que há uma comissão de AD lá apta a auxiliar nesse processo. Nas conversas iniciais em sala de aula, alguns alunos disseram não conhecer esse recurso e outros, que ele não era importante. Provavelmente, o que falta é um trabalho mais sistemático de apresentação da AD para os alunos e das vantagens de seu uso, assim como o estímulo à busca por ele fora do Instituto. Muitos desconheciam que a AD era obrigatória na TV e não sabiam como acessá-la, problema comum à maior parte das pessoas com deficiência visual. Durante as conversas e no dia da exibição do filme, os alunos pareceram bem interessados, até mesmo os que disseram que a AD não era importante. A maior parte dos alunos foi assistir ao filme com AD, o que mostra que atividades extraclasse são bem recebidas e, como já mencionado na seção anterior, eles participaram de um debate depois da exibição e comentaram suas impressões sobre o filme e a AD. Essa conversa foi registrada, mas não será utilizada aqui na pesquisa de recepção, já que foge da metodologia proposta.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

Quadro 21 – Participantes IBC: diferença(s) entre as ADs feitas pelos familiares/amigos e as feitas por profissionais

Sim	Não	Não vejo diferença	Não sei responder	Não respondeu
CA1				
CA2				
CC1				
CC2				
				BV1
				BV2
4				**2**

Voltando aos dados dos participantes da pesquisa: quatro entrevistados veem diferença entre a AD feita pelos familiares/amigos e as profissionais. Dois não responderam a essa questão, logo quatro representa a totalidade. Os que

responderam *não* a questão "tem hábito de ver filmes com AD feitas por profissionais?" podiam não responder essa pergunta se quisessem e foi o caso dos participantes BV1 e BV2. CA2, apesar de ter respondido *não* sobre ter o hábito de ver filmes com AD, respondeu essa questão dizendo que "Claro (que é diferente)! O cara está lá descrevendo o filme todo. Ele está lá só para isso, para descrever o filme e tem mais consistência. Eles sabem usar a palavra como ferramenta... ser breve e passar o que tem que ser passado". Todos responderam de forma semelhante a essa questão, mostrando que a AD profissional se atém aos detalhes e que os familiares e amigos só dão algumas informações.

Quadro 22 – Participantes IBC: gosta das ADs elaboradas por profissionais?

Sim	Não	Não sei responder	Não respondeu
CA1			
CA2			
CC1			
CC2			
			BV1
BV2			
5			**1**

Quadro 23 – Participantes IBC: preferência por empresa(s) que produz(em) AD

Sim	Não	Não respondeu
	CA1 não conhece	
	CA2 só conhece IBC	
CC1		
	CC2	
		BV1
	BV2 viu muito pouco e só no IBC	
1	**4**	**1**

Podemos perceber, em um dos dois quadros acima, que cinco participantes afirmaram gostar das ADs elaboradas por profissionais. Assim como a questão anterior, essa também podia não ser respondida por quem não tem o hábito de ver filmes com AD, contudo só o participante BV1 não respondeu a essa questão. De modo geral, o motivo pelo qual gostam da AD elaborada por profissionais esteve relacionado à resposta da diferença entre AD profissional e a feita pelos amigos/familiares. CA1 afirmou que gosta porque facilita o entendimento; CA2, pela consistência na AD; e CC1, pela riqueza dos detalhes. BV2 afirmou gostar, mas não disse o porquê. Já CC2, apesar de afirmar que gosta, disse que acha que, às vezes, há informação demais. Nas palavras dele:

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

> O problema da audiodescrição é que eles descrevem, às vezes, coisas desnecessárias, por exemplo, é... ele troca de roupa... é... o que mais?... O palhaço olha, vamos supor, para Zaira, com olhar de tristeza. Poxa, eu acho meio desnecessário, por que e quem nunca enxergou? Igual às fotos. Eu não gosto de foto. Eu não vou estar vendo o que está ali. Eu gosto (da AD feita por profissionais). O problema é que eles, às vezes, descrevem coisas que são meio... por exemplo, as cores, quem nunca viu não sabe como é uma cor.

Vale destacar que esse participante está preocupado com seu gosto pessoal e não está pensando na audiodescrição como um todo. Essa preferência dele exclui o público com baixa visão e o que adquiriu a cegueira. Daí a importância de se fazer um trabalho sistemático com o público sobre as características da audiodescrição e a impossibilidade de produção de audiodescrições tão direcionadas. Essa fala também reforça a importância dos cursos de formação para consultores com deficiência visual.

A maior parte respondeu não ter preferência por alguma empresa que produz AD. Como ficou evidente, apesar de os participantes do IBC conhecerem a AD, eles têm pouco contato com esse recurso e, por conseguinte, ou não conhecem ou conhecem somente o que é produzido no IBC. CC1, único que informou ter preferência, citou o *site* www.legendasonora.com.br. Nesse momento, foi perguntado que filmes eles já tinham assistido com AD, caso não tivessem citado anteriormente. Isso não estava escrito no roteiro de entrevista, mas foi combinado com os entrevistadores. BV2 e CA2 afirmaram só conhecer o IBC, CC1 disse que a maioria da AD que escuta é pela internet e foi feita pela pesquisadora desta tese e também por um audiodescritor, mas não citou o nome. Vale ressaltar que não produzi nenhum trabalho para disponibilizar na internet; mas, nas conversas iniciais, soubemos, por meio deles, que alguns dos filmes do projeto Cinema Nacional Legendado e Audiodescrito – Versão Videoteca estão disponíveis em mp3. Esse projeto, já mencionado em capítulos anteriores (1 e 4), produziu trinta filmes nacionais com AD que foram distribuídos para instituições de pessoas com deficiência visual por todo o país. Questionou-se por que eles não assistem aos filmes nos DVDs que foram entregues ao IBC e eles afirmaram não ter conhecimento da existência desse material no Instituto. CA1 mencionou já ter assistido com AD aos filmes *Tropa de elite, Era uma vez*, dois filmes desse projeto, e *Ensaio sobre a cegueira*. Sobre o *Ensaio sobre a cegueira*, ele diz: “o primeiro filme que vi e pensei caramba como esse negócio é bacana foi *Ensaio*

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

sobre a cegueira. Eu achei muito bacana, eu achei muito da hora. Foi o primeiro feito por empresa, assim...”

Para finalizar a parte geral, foram feitas três perguntas relativas ao que pensam sobre a AD: “que aspectos, para você, são necessários a uma boa audiodescrição?”, “o que não pode faltar em uma AD?” e “o que não deve estar presente em uma AD?”. As respostas estão sintetizadas no quadro abaixo, no qual os aspectos similares citados estão marcados em cores diferentes:

Quadro 24 – Participantes IBC: síntese “o que acham da AD”

	Que aspectos para você são necessários a uma boa AD?	O que não pode faltar em uma AD?	O que não deve estar presente em uma AD?
CA1	Narrar movimentos, cenário, não atropelar falas	Ações dos personagens	Audiodescrever cores
CA2	Audiodescrever tudo, o que vai influenciar a trama, falar do jeito que está sendo visto	Fazer do jeito que falou na anterior	Não deixar nada de fora
CC1	Tudo o que já fazem	Detalhes	Erros
CC2	Ações bem descritas, locuções com mais interpretação/emoção, cortar os créditos	Sinopse antes do filme	Cores, indicação de beijo e AD dos olhares
BV1	Falar nos silêncios, mencionar objetos não mencionados no diálogo	AD nos silêncios	Tudo deve estar presente
BV2	Informações rápidas da ação e detalhes também	Os pequenos detalhes	Não se referiu a nenhum aspecto do roteiro da AD, mas de sua exibição aberta nos cinemas

De modo geral, foi mencionado que a AD deve entrar nos momentos de silêncio e que as ações e os detalhes devem ser audiodescritos. Dois participantes, CA1 e CC2, consideram que as cores não devem estar presentes na AD, enquanto CA2 e BV1 acham que tudo deve estar presente. É interessante notar essas diferenças, pois representam à diversidade da expectativa do público em relação à AD e a impossibilidade de todas as expectativas dos diferentes usuários da AD (BV, CA e CC) serem atendidas pelos audiodescritores. É fundamental que haja um amplo trabalho de informação sobre a AD e a diversidade de pessoas que ela engloba. Desse modo, o público perceberá que algumas informações estão presentes para determinados perfis e que isso não se configura como um erro ou qualidade ruim da AD. CA2, por exemplo, apesar de afirmar que a AD das cores não é relevante, sinaliza a possibilidade de ser importante para outra pessoa, como

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

podemos ver nas palavras dele a seguir: “eu, para mim, que já enxerguei não faz diferença descrever cores. Não vejo tanta importância em dizer que tal coisa é azul, vermelha. Isso é delicado! A gente pensa que não faz falta, mas pode fazer para outra pessoa”. Um aspecto interessante de notar é que o participante CC2 mencionou elementos não citados pelos demais, mas que merecem ser estudados com maior profundidade: a locução com mais emoção e a apresentação da sinopse antes do filme. Normalmente, os videntes escolhem os filmes que vão assistir por meio das sinopses; qual será o critério de escolha das pessoas com deficiência visual? É interessante só escutar a sinopse antes de o filme começar ou ela deve estar acessível antecipadamente? O que os participantes pensam em relação à AD não é o foco desta pesquisa de recepção, mas essas perguntas ajudam a delinear o perfil dos participantes e, possivelmente, entender melhor suas escolhas. Além disso, esse material é muito rico e interessante, e suscita questões para novas pesquisas.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

II. Filme (*O palhaço*)

1. Geral

Nessa etapa da pesquisa, procuramos verificar o entendimento do filme pelos participantes, para auxiliar na avaliação das suas escolhas e identificar também se a AD comercial auxiliou no seu entendimento. Vale lembrar que o objetivo desta pesquisa de recepção não é avaliar a AD do filme; contudo, os comentários dos participantes nesse sentido são relevantes para refletir sobre os ADs que vêm sendo desenvolvidas. Isso não significa dizer que temos que levar em consideração todos os comentários dos participantes, na medida em que são usuários, não consultores formados, e, consequentemente, sem o conhecimento necessário sobre o processo de produção da AD. Partimos de três eixos para avaliar o entendimento: 1) identificação da trajetória da personagem principal; 2) identificação, mesmo que não nominal, das personagens que compõem a trama; e 3) identificação das relações entre as personagens secundárias. Não testamos a memória dos participantes, mas sim se entenderam as funções das personagens na trama, suas relações e a trajetória da personagem principal cujos gestos (substitutos e emotivos) são determinantes. Vale ressaltar que os eixos de análise foram baseados nas narrativas dos filmes selecionados (*O palhaço* e *Menos que*

nada), cujas estratégias dramáticas são constituídas por personagens principal e secundários. Esses eixos podem não ser aplicáveis a outros tipos de narrativas cinematográficas. O quadro a seguir explicita o entendimento geral do filme.

Quadro 25 – Participantes IBC: cenário geral do entendimento do filme	
CA1	1) Identificou que Benjamim oscilava, afirmou que ele era feliz e não sabia, que deixou o circo para se descobrir e voltou pela vontade de ser feliz com as pessoas de que gostava. 2) Identificou as personagens centrais da trama: Benjamim, Valdemar, Guilhermina e Lola. 3) Achou que Guilhermina gostava de Lola. Identificou que a relação de Valdemar e Lola era estremecida, mas não os identificou como tendo relação amorosa. **Boa identificação da trajetória da personagem principal e das personagens e razoável identificação das relações das personagens secundárias.**
CA2	1) Identificou que Benjamim não tinha motivos para ficar rindo. Não soube responder por que ele deixou o circo e voltou para lá. 2) Identificou mais que as personagens centrais. 3) Identificou a relação de Valdemar e Lola como amizade colorida. Não lembra se Guilhermina gostava de Lola. **Razoável identificação da trajetória da personagem principal e da relação das personagens secundárias. Boa identificação das personagens.**
CC1	1) Afirma que Benjamim é alcoólatra, que sai do circo por isso e volta após se curar. Identifica como uma história de superação. Diz que ele era feliz. 2) Identificou as personagens centrais da trama. 3) Identificou Valdemar e Lola como amigos e afirmou que Guilhermina gostava de Lola. **Fraca identificação da personagem principal e da relação das personagens secundárias. Boa identificação das personagens.**
CC2	1) Identificou que Benjamim era ora triste, ora feliz, mas afirmou não entender o porquê Disse que ele deixou o circo atrás de Ana (de fato, uma das motivações, mas não identificou vazio ou tristeza como causa para saída) e que voltou porque ela ia se casar com outro homem. 2) Identificou duas personagens: Benjamim e Lola. 3) Não se lembrou da relação de Valdemar e Lola e identificou que Guilhermina não gostava de Lola. **Razoável identificação da trajetória da personagem principal, da relação das personagens secundárias e das personagens.**
BV1	1) Identificou Benjamim como feliz. Não lembra por que ele deixou o circo, mas que voltou porque não conseguiu o trabalho que desejava. 2) Identificou Benjamim e o pai. 3) Identificou relação amorosa entre Valdemar e Lola e não soube responder se Guilhermina gostava de Lola. **Razoável identificação da trajetória da personagem principal, das personagens e da relação das personagens secundárias.**
BV2	1) Identificou a falta que Benjamim sentia e sua oscilação entre tristeza e alegria. Relaciona a sua saída e volta ao circo à busca da felicidade, já que sentia muito vazio. Afirmou não entender a relação de Benjamim com o ventilador e que essa relação era engraçada no filme. 2) Identificou Benjamim, o pai e Zaira. 3) Não lembra a relação de Valdemar e Lola e disse não saber responder se Guilhermina gostava de Lola. Entendeu que Puro Sangue morreu (o que não acontece). **Boa identificação da trajetória da personagem principal, razoável identificação das personagens e fraca identificação das relações das personagens secundárias.**

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

Apesar de não ser o foco da pesquisa de recepção avaliar o entendimento dos participantes do filme, assim como seus hábitos e expectativas em relação à AD, é interessante tecer alguns comentários a respeito. De modo geral, podemos dizer que os participantes do IBC são novos usuários da AD e têm pouco conhecimento acerca de sua produção. Suas considerações estão bem baseadas em suas expectativas pessoais acerca da AD, sem refletir sobre a gama de usuários que ela contempla e as especificidades de cada produto audiovisual. É claro que estamos aqui generalizando, alguns dos participantes mencionados pensam na AD de forma mais global. A maior parte dos entrevistados teve dificuldade no entendimento do filme. Como a dificuldade no entendimento do filme foi geral — quatro dos seis entrevistados tiveram dificuldade em entender a trajetória da personagem principal, por exemplo —, devemos nos questionar se a AD comercial nesse caso foi eficiente. É claro que outros fatores como a dispersão ou o fato de não gostar do filme podem influenciar no entendimento. Entretanto, esses fatores seriam mais plausíveis em casos isolados e não afetariam a maioria. Além disso, como podemos ver no quadro 26 abaixo, somente BV1 disse não ter gostado do filme e reforça que achou o filme chato por não gostar desse gênero. A falta de contato desses participantes com a AD e a dificuldade no entendimento do filme parecem indícios mais fortes de que a AD não tornou o filme de fato acessível. Entretanto, não é possível afirmar com certeza que a AD seja a responsável, pois seriam necessárias novas pesquisas com esses alunos do instituto para se chegar a uma conclusão mais precisa. Outro elemento que reforça a necessidade de outras pesquisas, como podemos ver também no quadro 26, é que todos os participantes afirmaram gostar da AD do filme e somente um deles, CA2, afirmou ter identificado falhas.

Quadro 26 – Participantes IBC: gostou do filme e de sua AD?

Gostou do filme?		Gostou da AD do filme?		
Sim	**Não**	**Sim**	**Não**	**Não sei responder**
CA1		CA1		
CA2		CA2 – tirando as falhas		
CC1		CC1		
CC2		CC2		
	BV1	BV1		
BV2		BV2		
5	**1**	**6**		

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

Os motivos indicados pelos participantes para terem gostado da AD foram diversos. CA1, por exemplo, afirmou "gostei bastante. Consegui entender o enredo do filme, as emoções dos personagens. Alguns mais e outros menos, mas não deixei de captar nada". CC1 e BV2 gostaram por conta dos detalhes. BV1 achou que a AD foi excelente e diferentemente das outras trouxe humor também. É interessante notar que a AD chamou a atenção do participante BV1 por também ter sido engraçada, se integrando com o filme. Esse aspecto precisa ser mais bem investigado e salienta a importância e a necessidade de mais pesquisas de recepção para a consolidação da AD em nosso país. Algumas questões que merecem atenção nesse tema são: o humor deve ser reproduzido no roteiro da AD e na locução? Somente em um desses dois elementos que compõem a AD? Ou deve ficar por conta somente do contexto do filme?

Já CC2 e CA2, apesar de afirmarem terem gostado, fizeram algumas ressalvas. CC2 achou que a AD estava boa, mas que tinha informação demais. Esse participante considera excessivo qualificar os olhares, informar as cores por exemplo, preferindo uma AD centrada na ação. Por isso, não é de estranhar seu comentário sobre a AD: "falou bem. O problema é só aquele mesmo de descrever coisas demais".

Já CA2 comentou que se perdeu no começo do filme, pois o palhaço estava sozinho colocando o nariz e começou a falar com outra pessoa. No entendimento dele, foi priorizada a AD de uma coisa corriqueira como colocar o nariz ao invés de informar que alguém tinha chegado ou ele saído. Nas palavras dele:

> Foram descritas coisas corriqueiras. Eu me perdi no início. Tipo... ele estava botando o nariz de palhaço e de repente ele estava conversando com outra pessoa. Aí, realmente, eu não sei o quê que houve. Ele estava se maquiando lá e não descreveu que ninguém chegou, só começou a falar.

É necessário refletir um pouco sobre o comentário desse participante. Apesar dele não ser claro quanto ao momento em que ficou em dúvida, pois o palhaço põe o nariz para entrar no picadeiro e não conversa com ninguém, é possível que sua dúvida tenha ocorrido pela falta de uma audiodescrição informando a mudança da cena em que o palhaço se maquia na tenda para a cena em que ele anda ao lado do mágico pelo acampamento do circo (ver DVD filme *O palhaço* em 5:25). Essa transição é fundamental na audiodescrição para que o áudio do filme faça sentido.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

A dúvida atrapalha a fruição da obra cinematográfica e o audiodescritor deve estar atento a isso para não interferir negativamente na experiência fílmica.

Na próxima seção, começaremos a discutir o primeiro objetivo "testar se audiodescrições mais interpretativas são necessárias, ou mesmo indispensáveis, para a fruição da obra cinematográfica" e a hipótese da tese "partimos do princípio de que é mais produtivo para a recepção do público se a AD dos gestos for mais interpretativa do que descritiva, na medida em que o público pode ficar confuso na identificação do gesto só com a AD dos movimentos que o compõem, desfocando sua atenção de algo mais importante para a trama". Até o momento, foi feito um preâmbulo fundamental tanto para os participantes entrarem no tema quanto para o mapeamento do que eles pensam sobre a AD em geral, que não só auxilia na análise dos dados em questão para esta pesquisa de recepção como também serve para abrir novos caminhos de pesquisas.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

2. Especifico: Gestos emotivos e substitutivos

I. Gestos emotivos

Primeiramente, a abordagem nesta parte específica constou de fazer uma pergunta genérica para entrada no tema (achou algumas emoção marcante no filme?), de modo que sanasse possíveis dúvidas. Em seguida, foi perguntada a preferência dos participantes entre quatro opções de AD, para, por fim, chegar ao ponto de principal interesse, que era saber como eles acham que a AD das emoções (gestos emotivos) deve ser feita: audiodescrevendo a fisionomia (AD mais descritiva) ou nomeando o sentimento (AD mais interpretativa). As quatro opções de resposta para a pergunta "qual você prefere?" eram possibilidades de AD do sentimento de tristeza de Benjamim. A única opção mais interpretativa era "Benjamim está triste". As demais eram mais descritivas. Nas opções "Benjamim está triste" e "Benjamim está cabisbaixo", não há a informação de que ele chora. Nas outras, "Benjamim chora" e "lágrimas escorrem pelo rosto de Benjamim", duas opções que audiodescrevem a mesma ação de formas diferentes, informa-se o choro, mas chorar não necessariamente implica tristeza. O intuito era verificar a preferência deles a partir do contexto do filme.

Quadro 27 – Participantes IBC: emoção no filme	
Sim	**Não**
CA1	
CA2	
CC1	
	CC2
	BV1
BV2	
4	**2**

Quadro 28 – Participantes IBC: opções gesto emotivo			
Triste	**Chora**	**Cabisbaixo**	**Lágrimas escorrem**
	CA1		
			CA2
			CC1
CC2			
			BV1
BV2	BV2		
2	**2**		**3**

Como podemos ver nos quadros 27 e 28 acima, quatro dos seis participantes consideraram alguma emoção marcante no filme. A AD não foi abordada diretamente nessa pergunta; mas, ao responderem por que tinham ou não achado alguma emoção marcante, os participantes CA2, CC2 e BV2 mencionaram a AD. CC2 respondeu que não considerou nenhuma emoção marcante e no "porquê" mostrou discordar da AD das emoções de Benjamim, como podemos perceber na sua fala: "ele descreveu as emoções, mas a personagem não parecia triste. Ele não falava como se estivesse triste. Ele falava todo sério, não falava com aquele tom de tristeza como os outros filmes". A AD foi narrada por uma voz masculina, por isso o participante diz *ele*. CA2 menciona algo parecido:

> Eu já falei isso para você lá no início! O palhaço está triste... sério! sério, por causa do que ele fazia. (A AD) chamou a atenção. O texto não tem que dizer... você que tem que saber, né? Você que tem que deduzir. O texto não pode... Poxa, como é que um narrador de futebol vai tomar partido de um time?

Apesar de não ser possível tirar conclusões só com essas falas, elas mostram insatisfação com a AD: na fala de CC2, por não reconhecer na voz da personagem a emoção audiodescrita; e, na de CA2, por ter sido audiodescrito o que ele deveria deduzir. Já BV2, ao contrário, achou marcante a AD da sensação de falta de Benjamim e disse "a gente estava vendo, mas não estava percebendo e a AD demonstrou isso".

Em relação à pergunta "você prefere", CA1 escolheu "chora" por ser mais preciso e direto:

> Essas quatro opções eram o mesmo sentimento. A primeira, ele estava "triste". Tá, beleza! Ele está triste e pronto? Acabou? Na B, você já coloca uma informação "ele está chorando". Na C, é "cabisbaixo". A pessoa está cabisbaixo, mas ela pode não estar chorando. "Lágrimas no rosto" não é necessário. Se você coloca que ela "está chorando", você já sabe que "lágrimas escorrem". Acho que fica bem na medida.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

CA2, CC1 e BV1 escolheram “lágrimas escorrem” por motivos distintos. CC1 justificou a escolha dizendo que essa informação é mais detalhada, apesar de as outras opções também serem boas. Para BV1, essa opção era melhor por audiodescrever a emoção e o jeito: “porque, sei lá... ele descreveu além da emoção, o jeito que essa emoção se passa. Você pode estar triste de outra maneira e não chorando”. Já CA2 defendeu que a escolha depende do filme e, para esse personagem, na visão dele, “chora” não era uma opção:

> Depende muito do filme. Se a pessoa tomou um esporro, por exemplo, “cabisbaixo” ficaria legal. Agora, se ele tivesse tomado um chifre “lágrimas escorrendo do seu rosto” ficaria legal. “Chorando”, eu não consideraria. “Triste”, não... também é vago. “Chora”, não, por causa do personagem.

O participante CC2 escolheu a opção “triste” por ser mais resumida e BV2 selecionou duas opções “chora” e “triste” por serem curtas e de fácil entendimento:

> Acho que o “triste” e o “chora” já fica mais curto, para mostrar isso, entendeu? Quando está audiodescrevendo não dá muito tempo, tem que ser uma coisa assim curta e que o ouvinte saiba. Se tiver um significado difícil... tem que ser coisa fácil, curta e descrevendo tudo sem esquecer dos pontos necessários, né?

É interessante notar que os dois participantes chamam a atenção para aspectos fundamentais na AD: CA2 fala sobre *a importância da escolha de acordo com o contexto* e BV2 destaca a *necessidade de a informação ser curta*, já que normalmente o tempo para inserção da AD é curto, e de *fácil entendimento*. Os exemplos dados nessa pergunta eram de gestos emotivos simples, cuja identificação é mais fácil por serem emoções primárias e com menos camadas de interpretação dos atores. Um terço dos participantes escolheu a opção mais interpretativa pela informação ser mais *resumida*. Dois terços escolheram opções mais descritivas, sendo que a metade dos participantes preferiu a opção mais “visual” ou, como nas palavras de um dos participantes, “mais detalhada”. Em síntese, mesmo sendo usuários novos, eles sinalizam aspectos que são fundamentais para a audiodescrição, um deles é a preferência por ADs resumidas. Talvez essa necessidade tenha relação com a idade dos participantes, que são jovens e, normalmente, mais impacientes. Outro aspecto interessante é a escolha da opção mais “visual”. É possível que essa escolha tenha relação com a necessidade de imaginar a fisionomia, tendo em vista que a nomeação da emoção não necessariamente leva à imaginação da mesma.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

Quadro 29 – Participantes IBC: como você acha que devem ser feitas as ADs das emoções?	
Audiodescrevendo a fisionomia	**Dando o nome do sentimento**
	CA1
	CA2
CC1	
	CC2
BV1	
	BV2
2	**4**

A pergunta "como você acha que devem ser feitas as ADs das emoções?" usou como mote o mesmo sentimento da pergunta anterior, a tristeza, utilizando uma AD mais complexa na AD da fisionomia. O intuito era verificar se os participantes manteriam sua opinião no caso da AD mais complexa. Os participantes CC1 e BV1 escolheram a AD dos traços que compõem a fisionomia (por exemplo, os olhos estão arregalados) por motivos semelhantes, os detalhes que essa estratégia de AD fornece. CC1 afirmou "é muito detalhe. Muita riqueza de informações". E BV1 "a primeira opção, eu acho mais plausível. Ué? Porque para a pessoa que não enxerga, que não está vendo a situação, é legal além de descrever a emoção, descrever também o jeito que ela está se passando". Vale ressaltar que pela justificativa de BV1, podemos entender que ele defende também a nomeação do sentimento, ou seja, que prefere a junção das duas estratégias narrativas.

As justificativas dos demais participantes para a escolha de nomear a emoção foram: CA1: "pelo excesso. Na fisionomia, dá um excesso de descrição. Eu acho que dá um excesso. Se você botar que ele está triste, a pessoa cega não vai querer saber a fisionomia. Não vai se preocupar tanto com a fisionomia, vai se preocupar mais com o sentimento"; CA2: "acho que, como dito, tem que ser breve e dar o nome"; CC2: *acha mais direto*; BV2: f*ica mais fácil de entender, às vezes a emoção não fica aparente*[89].

As falas de CA1 e BV2 trazem elementos importantes para a discussão. CA1 ressalta a importância do conhecimento da emoção presente na cena e BV2 complementa essa ideia mostrando que nem sempre pela AD da fisionomia a emoção ficará aparente, em outras palavras, será apreensível. Ambos abordam o

[89] Vale lembrar que nos roteiros de entrevista disponíveis no anexo constam duas informações: a informação em itálico, aqui reproduzida assim também, foi anotada pelos entrevistadores e normalmente é a síntese da fala do participante; e, a informação entre aspas é a transcrição da fala dos entrevistados feita pela pesquisadora a partir das filmagens.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

ponto central da pesquisa de recepção. Dois terços dos participantes nesse caso optaram pela AD mais interpretativa e um terço pela AD mais descritiva, sendo que um dos participantes que optou pela AD mais descritiva, na justificativa da escolha, sinalizou também a importância de se dizer a emoção.

A última pergunta desse trecho da pesquisa de recepção que se referia às emoções na AD era dissertativa e por isso não foi organizada em forma de quadro. Foi perguntado "o que não pode estar presente na AD das emoções?" BV2 respondeu não fazer ideia, BV1 disse que "tem que estar presente tudo"; CC1, "que não pode ter erros e tem que explicar muito"; CC2, que "quando o cara está alegre, o ator vai botar a emoção", o que significa dizer que pela voz é possível entender a emoção da personagem. Essa fala é interessante, contudo, vale notar que esse entrevistado não conseguiu perceber a nuance de tristeza na voz de Benjamim, o identificando só como um homem sério. Talvez isso sinalize a importância do reforço na AD da emoção que não está só na voz, mas é composta também pelos gestos. É interessante também notar que quando o participante menciona que "tem que colocar tudo", isso refere-se à AD dos gestos e ao nome da emoção provocada por esse gesto.

As duas colocações que mais agregam ao debate aqui colocado foram de CA2 que afirmou que "depende do filme", ressaltando a importância do contexto para as escolhas, e de CA1, que disse "você pode ter um pouco da fisionomia, mas sem detalhes. Os adjetivos são importantes. Dizer se a pessoa está sorrindo, séria, é importante, porque vai mexer um pouco com a história", ressaltando a importância do uso dos adjetivos e de nomear a emoção, já que eles interferem na história.

O objetivo desta pesquisa de recepção é o conhecimento das motivações das escolhas e não a quantificação dos dados em si. A quantificação auxilia no mapeamento das preferências e por isso estamos debatendo a partir dessas duas perspectivas – numérica e justificativa das escolhas[90]. Podemos perceber nesse momento, pelos dados obtidos nessa parte da pesquisa, que ambas as estratégias são consideradas interessantes por esses participantes do IBC, que têm pouco contato com a AD. Em outras palavras, são usuários novos e talvez, por isso, mais

[90] Vale lembrar pesquisas qualitativas são feitas com poucos entrevistados e, por isso, são mais individualizadas e ricas em detalhes. Elas servem como uma primeira avaliação para a preparação de uma pesquisa quantitativa, que aí sim objetiva gerar generalizações.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

receptivos e sem uma opinião formada sobre o assunto. Enquanto, nas quatro opções, a maioria escolheu opções mais descritivas, na pergunta mais teórica sobre o tema e com exemplo mais complexo, a maioria escolheu a opção mais interpretativa. O que pode parecer, a princípio, contraditório, na verdade, não é, porque se baseia no contexto, fortalecendo a ideia de que as duas formas de AD (mais descritiva e mais interpretativa) são importantes e devem ser utilizadas de acordo com o contexto de cada cena. Esse debate será retomado e aprofundado na seção 5.3.3 sobre interseções nas duas instituições, a partir da avaliação dos resultados do IBC e da ADVERJ sobre esse tema. A seguir, daremos continuidade à análise da pesquisa no IBC.

II. Gesto substitutivos

Nessa parte do gesto substitutivo, a estratégia utilizada foi similar à das emoções. Primeiro, foi feita uma pergunta genérica sobre o filme para a entrada no tema, depois foram dadas duas opções para que escolhessem a preferida, com base em uma cena do filme, para, por fim, chegar ao centro do debate, perguntando teoricamente como eles acham que a AD dos gestos substitutivos deve ser feita. Cabem aqui dois comentários. O primeiro já foi abordado quando apresentados os roteiros de entrevista: o uso de um exemplo de outro filme nessa última questão, por não ter sido encontrado, no *O palhaço*, um exemplo que cobrisse as três opções propostas (audiodescrever os movimentos que compõem o gesto, nomear o gesto e dar o significado do gesto no contexto). O segundo comentário é que avaliamos nesse trecho só exemplos de gestos substitutivos e não de gestos divergentes, pois estes necessariamente precisam da cena, já que contradizem a mensagem verbal. Assim sendo, esses gestos serão testados somente na última parte da pesquisa de recepção, na qual os entrevistados veem cenas e escolhem a de sua preferência. Contudo, provavelmente será possível extrapolar os resultados aqui obtidos para os gestos divergentes, na medida em que a função de ambos é comunicar, o substitutivo no lugar da fala e o divergente contrariando a fala.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

Quadro 30 – Participantes IBC: alguma cena de mímica te chamou a atenção no filme?		
Sim	**Não**	**Não sei responder**
CA1		
CA2		
	CC1	
	CC2	
		BV1
		BV2
2	**2**	**2**

Como podemos ver no quadro acima, os dois participantes com baixa visão, BV1 e BV2, não souberam responder se alguma mímica lhes chamou a atenção no filme. Os dois participantes com cegueira congênita disseram que não. CC1 disse "porque eu não enxergo" e CC2, "não, não vi nenhum gesto. Não deu para ver nenhum gesto que ele fez nem com a AD". Somente os participantes com cegueira adquirida acharam que alguma mímica lhes chamou a atenção: CA1, por ter ficado em dúvida, como podemos perceber em sua descrição da cena "Benjamim está na barraca e o pai põe a mão na testa de Benjamim. Eu até pensei... Ué? Por que ele passou a mão na verdade? Ele podia estar com febre e coisa e tal, mas ele só botou por botar mesmo"; e CA2 foi o único a mencionar as apresentações no circo: "bastante no circo. Um monte de momento. É um show quase totalmente visual. Você passar isso (audiodescrever isso)...". É interessante notar que as escolhas nesse caso foram iguais de acordo com o tipo de deficiência visual e que os dois com cegueira congênita mencionaram o fato de não enxergar. Na AD dos gestos emotivos, as falas das personagens dão dicas e auxiliam na percepção, já na AD dos gestos substitutivos, não há informação auditiva a não ser a da AD e talvez seja mais complexo para a formação das imagens mentais.

Quadro 31 – Participantes IBC: opções gesto substitutivo	
Põe no ouvido, mexe e cospe	**Põe no ouvido, gira como manivela e cospe como fonte**
CA1	
CA2	
CC1	
CC2	
BV1	
BV2	
6	

Na pergunta "qual você prefere?", todos escolheram a AD mais descritiva, ao invés de a mais interpretativa, que agrega metáforas na tentativa de precisar o

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

movimento na orelha e a forma pela qual a água é cuspida pelo palhaço. De modo geral, todos acharam a primeira mais fácil de entender e a segunda com informações desnecessárias, como podemos ver na fala de CA1:

> Ela tem muitos artifícios como fonte, manivela. A "A" é mais direta, você consegue acompanhar e entender. Você não precisa ficar pensando, deduzindo, ainda mais nesse filme que tem muito movimento. Se você ficar botando muita informação você se perde.

É interessante notar que os participantes não gostaram do uso de analogias, evidenciando a necessidade de mais pesquisas a esse respeito na medida em que nos cursos de audiodescrição normalmente é ensinado que os audiodescritores devem usá-las.

Quadro 32 – Participantes IBC: como você acha que devem ser feitas as ADs dos gestos?

Audiodescrevendo só o gesto	Dando o significado do gesto no contexto	Dando o nome do gesto, quando houver
	CA1	
CA2		
	CC1	CC1
CC2		
	BV1	
BV2	BV2	
2	**3**	**1**

Já na pergunta "como você acha que as ADs dos gestos devem ser feitas?", a metade dos participantes preferiu "dando significado no contexto", opção mais interpretativa. Dois participantes acharam que a solução ideal seria juntar duas opções. A opção complementar desses participantes está em itálico no quadro e não foi contabilizada no resultado final. Caso fosse contabilizada aumentaria a escolha da opção "dando o significado no contexto". O exemplo dado para a opção "audiodescrevendo só o gesto" ou seja, audiodescrevendo os elementos que compõem o gesto foi "Capitão Nascimento passa a mão espalmada para baixo na frente do pescoço da esquerda para a direita"; o exemplo dado para a opção "dando o significado no contexto", ou seja, audiodescrevendo a explicitação do gestos, foi "Capitão Nascimento manda os policiais invadirem"; e o exemplo dado para a opção " dando o nome de gesto" foi "Capitão Nascimento faz gesto de degola". A primeira opção é mais descritiva; a segunda mais interpretativa; e a terceira está entre as duas, mas, por outro lado, está mais próxima da mais descritiva, porque só fará sentido se o espectador conhecer o gesto e souber o seu

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

significado. Os três participantes que escolheram a AD mais interpretativa (dando o significado) justificaram a escolha de forma similar. BV1 escolheu a

> segunda opção, porque a audiodescrição indica a ação que ele vai fazer. O primeiro mostra que ele passou a mão para lá e para cá no pescoço, mas não indica que ele vai querer dar a autorização para poder matar os bandidos. Eu acho que a segunda é a melhor.

E CA1 disse:

> Na primeira, "espalmada", você ouviu e entendeu o que ele fez. O que isso vai influenciar na próxima cena? Não influencia muito; e, a "C" sinal de "degola", mas... Tá... você fica pensando... sinal de degola? A "B" é bem objetiva, você já vai para outra cena sabendo o que ele pediu para fazer.

BV2 afirma algo bem similar, mas considera que audiodescrever o gesto e dar o significado deixa a AD mais completa:

> Porque na um ninguém sabe o quê que é "degola", né?... Seria isso aqui? (a participante faz o gesto na frente do pescoço e a entrevistadora confirma que está correto). Então, "invadir" seria uma boa, mas "espalmada" também deu para entender... (a participante repete o gesto na frente do pescoço)... é que até chegar e ver a pessoa... acaba não entendendo "espalmada". Então, acho que seria melhor o "invadir", o que ele estava querendo. Não esquecendo o detalhe. Podia falar assim: Ah! ele faz o gesto de "espalmada" (a participante faz o gesto na frente do pescoço mais um vez) e manda "invadir". Aí não ia ter problema nenhum se colocasse as duas juntas. Fica mais claro.

CC1 foi o único a escolher a terceira opção, contudo sua justifica faz parecer que prefere juntar as opções um e dois, como podemos ver na fala dele a seguir:

> Eu acho a terceira (melhor), porque, no caso, quem está vendo sabe como é feito o gesto. Então, para quem não enxerga, no caso, tem que ter o detalhe de como é feito o gesto e eu acho que... tipo assim... você teria que fazer o gesto e falar qual o significado desse gesto. No caso, para quem não está vendo é importante o detalhe.

A opção dele não foi alterada, porque a entrevistadora, após a justificativa, perguntou novamente se era a terceira opção, gesto de degola, que ele preferia e ele respondeu que sim. Entretanto, está bem claro que ele defende que o significado do gesto seja informado junto com os movimentos que o compõem, chamado por ele de "detalhes".

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

CC2 e CA2 escolheram a audiodescrição dos movimentos que compõem o gesto. CC2 justificou a escolha dizendo que é "porque descreve" e CA2 "porque é breve e usa palavras simples".

Assim como na parte dos gestos emotivos, nessa parte da AD dos gestos substitutivos, foi feita uma última pergunta dissertativa, "o que não pode estar presente na AD dos gestos", que não foi colocada em forma de quadro. CA1 respondeu "muita informação desnecessária". Já CA2 acha que tudo vale na AD dos gestos. CC1 só reforçou que os detalhes têm que ser acrescentados. CC2 diz "(os audiodescritores) podem descrever os gestos, mas não podem deixar de explicá-los. Agora, em relação ao olhar, à tristeza... aí pô...". O entrevistador teve dificuldade em entender essa fala do entrevistado e perguntou se o que ele estava dizendo é que o audiodescritor não pode interpretar para ele. Em seguida, o entrevistador retomou o primeiro exemplo do filme *Tropa de elite* (Capitão Nascimento passa a mão espalmada), questionando o entrevistado se era só para audiodescrever os movimentos que compõem os gestos deixando para o público inferir seus sentidos. O participante completou "(o público) procura entender". Ou seja, apesar de parecer que ele prefere que o público infira os possíveis sentidos para os gestos, ele sinaliza que inferir, às vezes, pode ser difícil. BV1 usou como exemplo a primeira audiodescrição do Capitão Nascimento e disse "esse negócio de passar a mão no rosto da esquerda para a direita, da direita para esquerda, não lembro... Eu acho que deixou uma coisa muito elétrica... assim... eu acho que... sei lá.. tirou um pouco o sentido do filme". Já BV2, assim como CC2, reforçou o que não pode faltar e não o que não haver em uma AD, dizendo que não podem ficar de fora informações necessárias.

Podemos perceber que os participantes tiveram mais dificuldade em responder às questões relacionadas ao gesto substitutivo, talvez porque esse tipo de gesto seja mais abstrato para eles. Assim como na AD dos gestos emotivos, nos gestos substitutivos também ficou evidente que as duas estratégias (AD mais descritiva e AD mais interpretativa) funcionam melhor ou pior de acordo com o contexto. Percebemos, pelas falas dos entrevistados, que a AD mais interpretativa auxilia na compreensão e que eles preferem AD com palavras simples e de fácil entendimento. Um aspecto interessante que só foi mencionado diretamente por dois participantes (BV2 e CC1), mas que podemos perceber indiretamente na fala final de CC2, é que talvez a melhor estratégia para a AD dos gestos seja a junção

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

das duas formas, audiodescrevendo os movimentos que compõem o gesto e acrescentando seus possíveis significados de acordo com o contexto da cena, o que, claro, só é possível se houver tempo disponível. Aprofundaremos também esse debate na seção 5.3.3 junto com os resultados dessa temática na pesquisa com o grupo da ADVERJ. A seguir, nos debruçaremos sobre as cenas com as ADs comercial e a alternativa. Como já mencionado no início da análise dos dados, a diferença entre o debate que acabamos de travar aqui e o que se segue na próxima seção está na abordagem. Nessa seção, a abordagem foi mais "teórica", na medida em que as opções de AD foram discutidas sem a apresentação dessas opções inseridas em cenas, e, na próxima, será mais "prática", aplicada a contextos (cenas) específicos. Essa diferença é importante e possibilita a verificação se o que os entrevistados afirmaram na parte teórica se mantem na prática.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

III. Cenas

Nessa etapa, os participantes assistiram a quatro conjuntos de cenas, um para cada tipo de gesto, na seguinte ordem: gesto substitutivo, gesto emotivo simples, gesto emotivo complexo e gesto divergente. Eles escutaram novamente a versão comercial e uma versão alternativa criada pela pesquisadora. A versão alternativa, como já mencionado na apresentação do roteiro de entrevista, levou em consideração o teor da AD comercial: se essa fosse mais descritiva, a AD alternativa era mais interpretativa e vice-versa. Os participantes escutaram seguidas as duas versões, gravadas pelo mesmo locutor. Vale lembrar que o locutor regravou a AD comercial para que a voz não fosse um critério de preferência dos participantes. Eles puderam escutar mais de uma vez cada versão ou trechos delas e o recurso de escutar mais de uma vez, quando utilizado, foi levado em conta na análise.

1. **Gestos substitutivos da fala** (Pangaré no picadeiro)

Os participantes, no caso do gesto substitutivo, escutaram primeiro a AD comercial e em seguida a AD mais interpretativa da cena em que Pangaré apresenta seu número no picadeiro (ver texto das ADs na p.180). Eram duas

diferenças entre as ADs, acréscimos, na AD mais interpretativa. O primeiro era o desencontro proposital entre Pangaré e o homem alto no início da cena e ao final o uso de uma metáfora para a criação de uma imagem ou interpretação que representasse o movimento do cuspe do palhaço. Vale destacar que no roteiro de entrevista designamos como "cena 1" e "cena 2" as duas possibilidades de AD para a mesma cena: Pangaré executando seu número no picadeiro. Assim sendo, cena 1 e cena 2, como aparece no quadro abaixo, não se referem a cenas diferentes, mas ao tipo de AD utilizada.

Quadro 33 – Participantes IBC: cenas gestos substitutivos

Qual AD prefere?		Qual(is) a(s) diferença(s) entre as cenas?			
Cena 1 AD comercial, mais descritiva	**Cena 2** AD alternativa, mais interpretativa	**Quantidade de informação**	**Elementos diferentes AD**	**AD das emoções**	**AD dos gestos**
CA1		CA1			CA1
	CA2	CA2			CA2
	CC1	CC1			CC1
CC2		CC2			CC2
	BV1	BV1			
BV2					BV2
3	**3**	**5**			**5**

Como podemos perceber no quadro acima, a metade dos entrevistados escolheu a versão comercial e a outra metade escolheu a opção mais interpretativa. É interessante notar que não houve homogeneidade na escolha por tipo de deficiência visual. Em cada estratégia de AD (cena 1 e cena 2), há um participante de cada tipo. Antes de apresentar e debater as motivações deles para suas escolhas, é importante ressaltar que, de modo geral, eles identificaram bem que as diferenças nas ADs eram a quantidade de informação e a AD dos gestos. Os participantes CC2 e BV2 escolheram a cena 1 por ser mais resumida ou, nas palavras de BV2, "mais direta". Ela afirmou que a cena 2 não atrapalhou, mas que preferiu a primeira. CC2 reforçou que menos informação é positivo. Nas palavras dele: "a primeira, porque resume mais o que o audiodescritor fala. Ele não fala tanto. Esse papo de perseguição tinha que tirar". Sobre a diferença dos gestos ele diz "a dois tem uma diferença, explica mais os gestos, mas acho que essas explicações são desnecessárias". CC2 defendeu desde o início que a AD deve ser sintética, sem mencionar cores, qualificar olhares, informar quando beija etc., e se mostrou coerente em suas escolhas, evidenciando que, mesmo não gostando de assistir a filmes e não ter o hábito de ver filmes com AD, tem opinião bem

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

formada de como as ADs devem ser feitas. Entretanto, vale ressaltar que falta a ele ainda a compreensão de que a audiodescrição não pode ser feita para um único indivíduo e que precisa contemplar, pelo contrário, públicos bem diversos; e, assim sendo, provavelmente, suas expectativas sobre como uma AD deve ser feita serão frustradas. CA1, que também escolheu a cena 1, justifica a escolha dizendo:

> Olha, eu vou me contradizer! Essa cena precisava de detalhes. É uma cena bem corrida e ao mesmo tempo ela tem muita coisinha acontecendo. A primeira conseguiu transmitir isso bem. Consegui entender todos os fatos que estavam acontecendo. A segunda tinha esse propósito, mas ainda deixava escapar algumas coisas. Para essa cena, especificamente, a falta de informação deixa a desejar. Então, tem que ter certos detalhes.

Na diferença entre as ADs, ele diz que em uma o audiodescritor apresenta o gesto de modo detalhado e na outra, simplificado. Apesar da boa identificação da diferença entre as ADs, parece que ele se confundiu ao mencionar a escolha, porque as características atribuídas às cenas estão invertidas. Contudo, a entrevistadora perguntou mais de uma vez se a escolha dele era a primeira cena e reforçou a pergunta quando ele mencionou as diferenças entre os gestos e o entrevistado sempre confirmou a escolha.

Os participantes CA2 e CC1, que escolheram a cena 2, mais interpretativa, justificaram sua escolha de forma similar, afirmando que ela tinha mais detalhes, mas CC1 disse também ter gostado muito da cena 1. BV1 afirmou ter se identificado mais com as palavras da cena 2. Os três mencionaram o desencontro. CC1 diz: “na primeira não fala do desencontro. Na segunda fala que ele cospe como uma fonte. Tem mais detalhes, tem mais informações”. CA2 comentou a diferença entre as cenas da seguinte forma: “foi que ele desencontra do cara, aí o cara seguiu ele. Ele fez a palhaçada lá com o líquido, o cara bate no ombro dele, ele vira e cospe o bagulho”. Já BV2, sobre as diferenças, comenta: “eu não achei muita diferença. Só as palavras que mudaram, mas a ideia era a mesma. Eu me identifiquei com a segunda, porque eu gostei das palavras escolhidas”. Esse comentário de BV2 aborda o ponto central da pesquisa, que é a estratégia que será utilizada para audiodescrever a mesma imagem. A sua identificação com determinadas palavras mostra que, nessa cena, sua preferência está em uma AD mais interpretativa.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

É interessante notar que três participantes preferiram a informação do desencontro, enquanto um dos participantes – CC2 – afirma que essa informação precisa ser retirada. Mais uma vez nos deparamos com a ideia de que as duas formas são válidas e importantes e que dependerá não só do contexto como também das preferências do espectador. Evidencia-se a necessidade de uma ampliação desse estudo para uma pesquisa quantitativa. Além disso, é necessário que os audiodescritores, em sua formação, tenham conhecimento dessas estratégias para que as usem com critério e que haja um trabalho de conscientização do público de que as preferências e necessidades são múltiplas e que alguns elementos são inseridos na AD para determinados perfis. Esse trabalho de formação do público poderia ser feito pelas instituições que lidam com pessoas com deficiência visual, como o próprio IBC, por exemplo, assim como em ciclos de exibição de filmes com posterior debate com o audiodescritor.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

2. **Gestos emotivos simples** (Guilhermina vendo foto na tenda de Benjamim)

Assim como no primeiro conjunto de cenas, neste, os participantes também escutaram primeiro a AD comercial (designado na pesquisa como cena 3) e na sequência a AD mais interpretativa (cena 4). O objetivo era verificar como o público recebe as diferentes formas de audiodescrever emoções primárias (ver texto das ADs na p.182). A cena 3, AD comercial e mais descritiva, só informa as emoções de Guilhermina ao olhar a foto e insere uma informação adicional ao final de que Lola é mais jovem que Valdemar, podendo dar a impressão de que Guilhermina fica triste ao olhar para Lola por esse motivo. A cena 4, a alternativa e mais interpretativa, audiodescreve de forma diferente as emoções de Guilhermina e acrescenta a AD das expressões faciais das personagens na foto. Em relação às emoções de Guilhermina, a AD comercial informa que ela sorri ao ver a foto e fica triste ao ver Lola abraçada a Puro Sangue. A AD mais interpretativa diz que ela fica feliz ao ver a foto e desfaz o sorriso, chateada, ao ver Lola. E é informado ao final, na AD mais interpretativa, que Lola olha para o lado contrário à trupe mordendo a unha. O intuito era gerar um contraponto com a AD comercial mostrando que Lola não está contente ou confortável. Vale relembrar, como já evidenciado na apresentação das ADs comercial e alternativa,

que seguimos na prática a tese aqui defendida e, nesta parte final, consideramos mais conveniente utilizar uma AD mais descritiva em contraposição à AD comercial. Isso significa dizer que, mesmo esse trecho sendo no todo mais interpretativo, ele possui uma parte mais descritiva.

Quadro 34 – Participantes IBC: cenas gestos emotivos simples

Qual AD prefere?			Qual(is) a(s) diferença(s) entre as cenas?			
Cena 3 AD comercial, mais descritiva	**Cena 4** AD alternativa, mais interpretativa		**Quantidade de informação**	**Elementos diferentes AD**	**AD das emoções**	**AD dos gestos**
CA1			CA1	CA1	CA1	
	CA2		CA2		CA2	CA2
	CC1		CC1			CC1
CC2				CC2		
	BV1		BV1			
	BV2		BV2		BV2	BV2
2	**4**		**5**	**2**	**3**	**3**

Como podemos ver no quadro acima, dois terços dos entrevistados preferiram a AD mais interpretativa. A maioria identificou que a quantidade de informação na AD era diferente e metade que a diferença estava na AD das emoções. Os quatro participantes que escolheram a AD mais interpretativa justificaram a escolha por ter mais informação e ser mais detalhada. Ao responder qual a diferença entre as cenas, BV1 só disse que a segunda tinha mais informação que a primeira. CC1 disse: "ficou sério, mordeu os dedos... é um exemplo, não é?". BV2 afirmou que "descreveu as reações de Guilhermina. As informações enriqueceram a cena quatro". E CA2 disse:

> ela (cena 4) descreve que a menina parou de sorrir quando ela viu a parte da foto que não gostou. Tipo... ela murchou e ela estava feliz quando começou a ver a foto. Mostra o que ele estava sentindo quando a foto foi batida, "com sorriso satisfeito", essas coisas. Tem mais coisa, a foto preta e branca.

CC2, que preferiu a AD comercial, mais descritiva, justificou a preferência afirmando que a cena 3 "vai direto ao ponto" e identificou bem que "elementos que não foram descritos na primeira aparecem na segunda: 'foto em preto', 'pose da Lola'". Já CA1 informou preferir a cena 3 por ser mais direta e ter a informação de que Lola é mais nova que Valdemar (Puro Sangue), como podemos ver nas suas respostas abaixo do porquê escolheu a cena e qual a diferença entre elas:

> Porque é mais direta. Essa cena foi importante. Os detalhes ajudam na interpretação dos sentimentos. Na verdade, ele fala e

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

> descreve ao mesmo tempo. Ele coloca mais ou menos a interpretação do filme. Ele já coloca assim: "a pessoa mais nova". Na segunda, não tem isso, ou seja, Guilhermina estava chateada porque viu a Lola, uma mulher mais nova, com Puro Sangue, que é mais velho. Isso ajuda a gente a entender o contexto da cena.
>
> A primeira tinha mais informação que a segunda. Elementos diferentes. Tem a questão da idade, descritos de forma bem diferentes. Na primeira, bota bastante detalhe e a segunda é mais simplificada. A terceira você tem detalhes a mais da emoção tanto de quem vê a foto quanto de quem está na foto. Na quarta, até você tem mais de forma simplificada.

Há certa confusão na colocação de CA1. Ficou clara sua preferência pela informação da diferença de idade entre as personagens, mas, ao contrário do que ele afirma, a cena 4 tem mais detalhes da emoção do que a cena 3. A motivação para a escolha dessa cena pelo participante chama a atenção para o cuidado que o audiodescritor deve ter ao caracterizar as personagens. O momento escolhido para informar que Lola era mais jovem levou o participante a inferir que esse era o motivo para que Guilhermina não gostasse de Lola, mas a menina não gostava de Lola porque a viu roubando a trupe e traindo Valdemar. Além disso, Guilhermina vê a fisionomia de Lola na foto, sendo a fisionomia dela, talvez, já suficiente para que a menina desfizesse o sorriso. Isso significa dizer que, ao escolher informar a diferença de idade, a audiodescritora deixou de fornecer uma informação relevante da cena, e, ainda, pela forma como forneceu a informação, levou à dedução equivocada do público.

Podemos dizer, de modo geral, que, no caso dessa cena, a preferência foi tanto pela AD ser mais interpretativa quanto pelos acréscimos detalhando as emoções das personagens na foto. Isso sinaliza que houve uma preferência pela AD da fisionomia junto com a informação de sua emoção, o que corrobora nossa hipótese de que ADs mais interpretativas são também imprescindíveis.

3. **Gestos emotivos complexos** (Lola é expulsa do carro por Valdemar)

Nesse conjunto de cenas, ao contrário dos dois anteriores, os participantes assistiram primeiro a cena com AD mais interpretativa (designada no roteiro de entrevista como cena 5) e, na sequência, a cena com a AD comercial, mais descritiva (cena 6). Como o objetivo desse conjunto de cenas era debater as possíveis formas de se audiodescreverem os gestos emotivos complexos, as

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

diferenças consistiam primordialmente na AD dos olhares e das fisionomias das personagens (ver texto das cenas na p.183). Assim como no conjunto anterior de cenas, a AD mais interpretativa tem momentos mais descritivos.

Quadro 35 – Participantes IBC: cenas gestos emotivos complexos

Qual AD prefere?		Qual(is) a(s) diferença(s) entre as cenas?			
Cena 5 AD alternativa, mais interpretativa	**Cena 6** AD comercial, mais descritiva	**Quantidade de informação**	**Elementos diferentes AD**	**AD das emoções**	**AD dos gestos**
CA1		CA1			
CA2		CA2		CA2	
	CC1	CC1		CC1	
	CC2	CC2			
BV1		BV1			
BV2		BV2	BV2		BV2
4	**2**	**6**	**1**	**2**	**1**

Como podemos perceber no quadro acima, dois terços dos participantes escolheram a cena 5, AD mais interpretativa, e todos identificaram que a diferença estava na quantidade de informação. Contudo, somente um terço dos participantes identificou a diferença na AD das emoções. É interessante notar que a escolha nesse caso está homogênea de acordo com o tipo de deficiência visual. Somente os dois participantes com cegueira congênita preferiram a AD mais descritiva. CC2 escolheu a cena 6 porque "vai direto ao ponto" e reconhece que a cena 5 é mais detalhada, sendo isso um problema para ele. Já CC1 considerou a cena 5 mais detalhada em um ponto específico, na hora em que ela abre a porta do carro, considerando isso decisivo para sua escolha.

Os participantes com cegueira adquirida e baixa visão justificaram a escolha pela cena 5 de forma similar, apontando que essa cena tinha mais informações e que isso é um aspecto positivo. CA1 disse:

> Se você fosse acompanhar com alguém que enxergue, você ia entender tanto quanto eles entenderam também. Você tem as mesmas ações narradas que vocês estão vendo. Eu também estou vendo. A quinta teve bastante informação, mais detalhes da cena. A sexta já não teve tanto.

CA2 justificou: "a segunda (cena 6) acrescentou detalhes que a primeira não tem. Só um na verdade, mas a primeira (cena 5) foi melhor. A primeira apresentou muito mais detalhes que influenciam na história do que a segunda". BV1, além dos detalhes, menciona a escolha das palavras como decisivo para sua opção:

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

> Porque tinha mais informação que eu consegui perceber. As duas foram bem descritas, mas a primeira (cena 5), que eu falei que eu escolhi... eu escolhi, porque ele descreveu não só a cena, mas também os detalhes como, por exemplo, "as lágrimas", que eu achei fundamental. A ideia foi a mesma, mas, como eu disse antes, as palavras influenciam muito e descreveu os pequenos gestos e eu achei que foi útil.

Já BV2 centrou sua escolha, assim como CC1, em uma parte específica da cena como podemos ver em sua fala: "ele inclui a emoção na primeira (cena 5) e no segundo não... só (informou) que eles tinham saído do carro".

As escolhas no caso desse conjunto de cenas foram influenciadas mais pelos detalhes do que a maneira pela qual os gestos emotivos foram audiodescritos. Pelo menos, esse aspecto não foi mencionado explicitamente como ocorreu nos conjuntos de cenas anteriores. Assim sendo, apesar de a maioria ter escolhido a cena mais interpretativa, não é possível afirmar que essa escolha corrobora, necessariamente, nossa hipótese.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

4. **Gestos divergentes da fala** (Reação de Benjamim depois de o filho do prefeito recitar)

Nesse conjunto de cenas, assim como no anterior, os participantes escutaram primeiro a AD alternativa, mais interpretativa (designado no roteiro como cena 7) e, em seguida, a AD comercial, mais descritiva (cena 8) (ver texto das ADs na p.185). A principal diferença consistiu na AD das fisionomias da trupe e de Benjamim após o filho do prefeito recitar. Na AD comercial não é audiodescrita a fisionomia de Benjamim e as fisionomias dos integrantes da trupe são mais detalhadas, enquanto na AD mais interpretativa é informado o gesto emotivo da trupe, sintetizando a informação, e é audiodescrita a posição de Benjamim, que afirma ter gostado mesmo quando sua fisionomia mostra o contrário.

Quadro 36 – Participantes IBC: cenas gestos divergentes da fala					
Qual AD prefere?		Qual(is) a(s) diferença(s) entre as cenas?			
Cena 7 **AD alternativa, mais interpretativa**	**Cena 8** **AD comercial, mais descritiva**	**Quantidade de informação**	**Elementos diferentes AD**	**AD das emoções**	**AD dos gestos**
CA1 (início)	CA1 (final)	CA1	CA1		
	CA2	CA2		CA2	
	CC1	CC1	CC1		
CC2		CC2			
	BV1			BV1	
	BV2	BV2	BV2	BV2	
1	**5**	**5**	**3**	**3**	

Como vemos no quadro acima, a maioria dos entrevistados preferiu a AD comercial, mais descritiva. Como a alteração na parte inicial da AD só foi efetuada para que o texto final coubesse, a preferência pela parte inicial da cena 7 não será contabilizada, apesar de estar sinalizada no quadro. A maior parte identificou que a quantidade de informação era diferente, mas nenhum identificou que a diferença estava na AD dos gestos. Foi difícil encontrar nesse filme uma cena com bom espaço para AD do gesto divergente e parece que a AD alternativa, proposta pela pesquisadora, não chamou atenção suficiente para Benjamim, a personagem que executa o gesto divergente. A atenção dos participantes ficou na AD das fisionomias das demais personagens da trupe e no vaso que formava uma espécie de asas de anjos nas costas do menino. CC1, por exemplo, pediu para ouvir de novo as duas cenas, escolheu a cena 8 porque tinha mais detalhes e, quando perguntado sobre Benjamim, respondeu:

> Benjamim estava deitado no sofá e deu para perceber, não pela AD, mas deu para perceber, que ele estava um pouco embriagado. É porque ele estava falando "é muito bom, muito bom" (tentou imitar a voz da personagem) com jeitinho assim... uma pessoa quando está bêbada não fica meio lerda? Lesa?... mais ou menos... achei até a cena engraçada.

CA2 ficou confuso com as cenas e pediu para explicar o que tinha acontecido.

> A primeira (cena 7). Na segunda dá dúvida do que os artistas acharam. Eu estou com dúvida agora. Na primeira fala que Benjamim está feliz, meio que pensativo; e, na segunda, diz que eles reprimem o riso como se o menino fizesse algo de errado.
>
> Qual é a parada mesmo que acontece no filme? (a entrevistadora explica a cena e após a explicação o entrevistado conclui). E no final ele pega ela (o entrevistado ri). No primeiro dá impressão de que eles gostaram. Eu quero mudar (a cena

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

> escolhida). Em relação ao que foi e o que precisava ser descrito, a segunda é melhor.

CA1 preferiu o final da cena 8 porque "eles ficaram sérios e alguns reprimiram o riso. Esse detalhezinho foi importante". A participante BV2 reconheceu a cena 8 como a AD apresentada no filme e justificou a escolha por esse motivo. Já BV1 preferiu a AD das fisionomias "a segunda (cena 8) conseguiu transmitir isso, o que cada rosto estava dizendo. Eu achei isso". E CC2, único a escolher a cena 7, afirmou que sua preferência estava baseada no fato de a AD ter sido mais sintética: "essa segunda é um pouquinho mais detalhada. Eu prefiro as que explicam mais rapidamente: o resumo do resumo do resumo do resumo".

Nenhum entrevistado mencionou o fato de Benjamim estar espremido no sofá e somente um deles, quando perguntado, afirmou que ele estava deitado e que sua voz demonstrava que estava bêbado. Evidencia-se aí a necessidade, no caso dessa cena, da AD do estado emocional de Benjamim e que nem a AD comercial e nem a alternativa cumpriram essa função.

Esse conjunto de cenas não corrobora e nem invalida nossa hipótese, mas sinaliza que as escolhas na AD alternativa, única sobre a qual tínhamos controle, não foram acertadas. É interessante notar que isso não ficou claro no teste da pesquisa de recepção, caso contrário, outra AD teria sido feita em substituição. No teste, o entrevistado achou exagerado o uso de "perplexos" e "congelado no sofá", mas como citou como Benjamim estava na cena, criticando, inclusive, o termo da AD, pareceu-nos que a AD alternativa funcionaria na pesquisa. Entretanto, os comentários dos entrevistados evidenciaram o contrário.

Na próxima seção, analisaremos os dados da pesquisa de recepção feita com o grupo da ADVERJ, que assistiu ao filme *Menos que nada*. Na última seção deste capítulo, retomaremos alguns pontos abordados em ambas as pesquisas procurando tecer um diálogo entre os resultados, aprofundando também a análise de nossas hipóteses.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

5.2.2.
ADVERJ

I. Geral

Assim como na apresentação dos dados da pesquisa feita com os integrantes do IBC, aqui também mostraremos primeiro os quadros e, na sequência, os comentaremos.

Quadro 37 – Participantes ADVERJ: periodicidade que assiste a filmes

Você gosta de assistir a filmes?	
Sim	**Não**
CA3	
CA4	
CC3	
CC4	
BV3	
BV4	
6	

	Periodicidade com que assiste a filmes
CA3	3 a 4 vezes por semana
CA4	Um por semana
CC3	Uma ou duas vezes no mês. Documentário um por semana
CC4	Um por semana, no mínimo
BV3	Um por mês
BV4	Dois por mês

Quadro 38 – Participantes ADVERJ: preferência em relação aos gêneros dos filmes

Ação	Drama	Comédia	Animação	Outro
				CA3 Todos
		CA4	CA4	CA4 Romance
	CC3			CC3 Épicos
CC4	CC4	CC4		CC4 Documentário, romance
	BV3	BV3		BV3 Histórico, documentário
BV4		BV4		BV4 Romance
2	**3**	**4**	**1**	**6**

Quadro 39 – Participantes ADVERJ: locais onde assiste aos filmes

Em casa	No cinema	Na TV	DVD	Computador
CA3		CA3	CA3	CA3
	CA4			
CC3				CC3
CC4		CC4		CC4
BV3	BV3			BV3
BV4	BV4	BV4	BV4	BV4
5	**3**	**3**	**2**	**5**

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

Em relação aos hábitos dos entrevistados da ADVERJ, como podemos ver nos quadros acima, todos os entrevistados gostam de assistir a filmes e os veem com bastante frequência. Os que menos assistem são os participantes com baixa visão, que tem o hábito de assistir uma ou duas vezes ao mês. Os demais assistem semanalmente e os participantes CA3 e CC4 mais de um por semana. Comédia e romance são os gêneros preferidos, mas documentários, filmes históricos/épicos e dramas também são bem aceitos, evidenciando que o gosto dos participantes é bem eclético. A maior parte dos entrevistados assiste a filmes em casa e pelo computador, metade deles assiste pela TV, um terço pelo DVD e metade vai ao cinema, normalmente sem AD. Dois dos três participantes que vão ao cinema têm baixa visão e a outra, cegueira adquirida. A participante com cegueira adquirida vai ao cinema e assiste à TV acompanhada pela filha que audiodescreve o que estão assistindo.

Quadro 40 – Participantes ADVERJ: hábito de familiares/amigos audiodescreverem

Sim	Não	Às vezes
CA3		
CA4		
		CC3
CC4		
	BV3	
BV4		
4	**1**	**1**

Ela, assim como dois terços dos entrevistados, como evidenciado no quadro acima, tem os filmes audiodescritos por membros da família/amigos. Somente um dos participantes com baixa visão — BV3 — que não possui esse hábito e CC3, que ocorre às vezes. CC3 a esse respeito diz: “na maioria das vezes eu assisto sozinho. Quem assiste comigo, geralmente, faz algum comentário do que aconteceu, alguma coisa específica, mas para descrever o filme todo... assim... não tem”. É interessante notar a heterogeneidade nesse aspecto. Os entrevistados CA4 e BV4 são casados e a filha dela, enteada do BV4, audiodescreve para os dois desde os seis anos de idade. Atualmente, ela está com onze anos. Sobre a AD feita pela filha, CA4 comenta: “ela descreve tudo e qualquer coisa. Vejo muita TV com ela, quando passa algo sem diálogo, imediatamente, ela descreve. Despertou a necessidade interior de me fazer participar com ela”. A entrevistada contou que, quando lia livros em braile para a filha pequena, surgiu, na filha, a curiosidade sobre o significado dos pontinhos que contornam os desenhos. Ela explicou que

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

aqueles pontos serviam para que ela visualize o desenho e, passou a descrever as imagens para a filha, além de ler o texto. Quando a filha começou a ler, passou a ler as histórias para a mãe e a audiodescrever também as figuras. A participante acha que daí surgiu o interesse da filha ou a percepção da necessidade da AD para que as duas possam ter uma troca. Já a entrevistada CC3 tem os filmes audiodescritos pelo marido e por uma amiga: "meu marido descreve. Eu tenho uma amiga que faz isso com muita frequência. Ela descreve filmes estrangeiros com legenda". Essa amiga muitas vezes assiste aos filmes primeiro para depois audiodescrever para ela, mas não há a produção de um roteiro. A mãe de CC4 é quem audiodescreve para ela porque "normalmente, ela tem mais paciência". Ela e o marido, também deficiente visual e estrangeiro, assistem a filmes audiodescritos em espanhol, normalmente, disponibilizados pela ONCE. Assim sendo, ela tem hábito de assistir a filmes com AD feitas por audiodescritores brasileiros e estrangeiros.

Quadro 41 – Participantes ADVERJ: hábito de ver filmes com AD feita por profissionais

Sim	Não	Às vezes
CA3		
CA4		
		CC3
CC4		
BV3		
BV4		
5		**1**

Somente um dos participantes desse grupo não tem o hábito de assistir a filmes com AD elaborada por profissionais. CC3 justifica a falta de hábito pela dificuldade de acesso: "eu vou raramente ao cinema. Uma vez ou outra, pela falta de AD. Eu gosto muito, mas não tenho o hábito porque... assim... é pouca ainda (pouca oferta de filmes com AD). Eu gosto muito, principalmente, quando passa o *Programa Especial* na TV Brasil". Esse programa é o único atualmente que é transmitido com AD aberta. Todos os entrevistados mencionaram a dificuldade no acesso à AD na TV. Somente CC3 mencionou conseguir assistir aos filmes da TV Globo; mas, ainda assim, reclamou do acesso à AD de modo geral:

> Eu assisto filmes com AD: os que a Globo disponibiliza, os filmes da ONCE que eu consigo ter acesso e que vem com AD também. De vez em quando, alguém compartilha alguma coisa ou pelo CPL ou pela Iguale. Ainda é muito difícil ter acesso. Quem pode costuma compartilhar.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

BV3 comenta:

> Quando disponível sim, inclusive, eu estive em diversas séries... numa série que foi patrocinada pela Petrobrás, pelo Banco do Brasil. Eu fui a diversas, praticamente todas durante um ano inteiro, eu estava uma vez por mês... sábado... Aliás, foram treze meses e eu estive todos os sábados, faltando apenas um. Pena que eram só filmes nacionais, mas tudo bem. Já é uma grande coisa. Já acho isso muito bom, muito boa iniciativa. Gostaria até que continuasse.

Quadro 42 – Participantes ADVERJ: diferença(s) entre as ADs feitas pelos familiares/amigos e as feitas por profissionais

Sim	Não	Não vejo diferença	Não sei responder
CA3			
CA4			
CC3			
CC4			
BV3			
BV4			
6			

Sobre se há diferença na AD feita por profissionais e as elaboradas por familiares/amigos, todos os entrevistados, como exposto no quadro acima, afirmaram que há diferença. As justificativas mostram, de modo geral, que a AD elaborada por profissionais tem uma técnica, enquanto a feita pelos familiares seria mais amadora. CC3 diz: "uma coisa é você descrever a cena e outra é você fazer um comentário superficial". As falas de CA4, CC4 e BV3 complementam esta ideia. CA4 diz:

> Eu acho que quando você se especializa em audiodescrever, você está tentando se aproximar daquelas sensações que as figuras passam e tenta expressar em palavras para que a gente, que não enxerga, possa realmente se aproximar. Mas, as pessoas que estão a nossa volta também estão vendo o filme. Então, não é o foco. Elas não ficam prestando atenção naquilo (na AD). Quem está ali realmente com foco para abrir como se fosse uma porta para tudo o que não é som, aquilo que possa ser visto, como se fosse uma janela, que traz mais informações (é o audiodescritor). (o audiodescritor) Está pronto e preparado só para pensar nos detalhes e não no enredo.

CC4 afirma:

> A audiodescrição profissional, normalmente, é feita com roteiro. Ela tem mais ou menos ideia do texto que ela vai precisar descrever na cena. A feita pelo familiar é mais improvisada. É feita enquanto assiste e, às vezes, algum detalhe pode acabar passando batido. A pessoa não tem normalmente, a menos que tenha assistido antes, não tem uma prévia e pode

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

> acabar perdendo alguns detalhes, que podem acabar fazendo a diferença como a expressão de um personagem em alguma cena. De qualquer forma, a audiodescrição (feita) por um familiar é mais nos momentos em que as cenas são mudas. As cenas faladas, mesmo que seja necessária a descrição, não têm, porque você não vai ficar perturbando. Só o fato de já ter o roteiro elaborado, você já faz a escolha.

E BV3:

> Aliás, eu já assisti, em 2004, mais ou menos, aquele filme... é... foi Carandiru num grupo reunido em que uma pessoa descreveu o filme. E era uma pessoa... é.. ele com bem melhor potencial de visão e as pessoas com baixa visão eram os assistentes. Então, ele descreveu. Ora, é flagrante a diferença entre a descrição profissional e que aliás é cada vez mais profissional e a descrição informal feita por uma pessoa que se disponibiliza a fazer, né? Por exemplo, redundâncias de palavras; às vezes, descreve com um pouco de atraso, se desatenta em determinados... perde o foco em determinadas cenas. Enfim, é muito... numa é a descrição profissional avaliada com roteiro, né? A segunda é uma produção informal num momento em que se está vendo a cena, né? Por melhor que seja, por mais observadora que seja, a pessoa no momento em que esteja fazendo a descrição... o informal, sempre será alguma coisa informal, sempre será alguma coisa não profissional e nem sempre sincronizada como o audiodescritor.

BV4 também traz outros elementos. Primeiro, reforça a importância da AD para quem tem baixa visão e complementa mostrando que atualmente a AD da família é imprescindível, uma vez que o acesso a esse recurso ainda é pequeno.

> O ganho de compreensão é maior. A baixa visão também aproveita a audiodescrição, mesmo podendo aproveitar bastante o filme sem ela. Em relação à audiodescrição realizada por profissionais, esta, sem dúvida, é melhor do que aquela feita por amigos ou familiares. Os profissionais descrevem os detalhes das cenas enquanto amigos ou familiares realizam um auxílio de forma amadora. No entanto, na realidade brasileira onde a audiodescrição é uma exceção, aquela efetuada por familiares se torna importante e bastante útil. Em minha casa, minha enteada de onze anos faz a audiodescrição de algumas cenas, pois já está acostumada com a deficiência visual desde seu nascimento, uma vez que sua mãe possui deficiência visual (cegueira).

CA3 traz um novo elemento, bem interessante, mostrando que, apesar de confirmar essa diferença, prefere a AD feita por amigos, pelo menos pela amiga que sempre audiodescreve para ela, pois se tornou uma AD personalizada de acordo com seu gosto.

> As diferenças são muitas. O audiodescritor profissional tem sua escolha tradutória baseada em teoria, em pesquisas realizadas. A família passa mais o que está vendo do que o que a gente

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

> precisaria ver. São carregadas de emoções, de interpretação. A audiodescrição feita pelos familiares é bem personalizada. A minha amiga me faz sempre me sentir dentro do filme. Nem sempre os audiodescritores profissionais conseguem. Inclusive de filmes que não são dublados. Ela costuma assistir aos filmes primeiro. Ela não elabora nenhum roteiro, mas ela se lembra. Ela me dá a sinopse para ficar mais fácil. Com os meus amigos eu digo o que eu preciso e com os audiodescritores, a gente não tem esse canal.

Essa entrevistada sinaliza a importância de se criar ou ampliar canais de acesso aos audiodescritores, assim como a necessidade do aumento de pesquisas sobre as necessidades e preferências na AD. Ela chama a atenção de que as ADs feitas pelos familiares são carregadas de emoção e interpretação e são personalizadas, o que contradiz a regra da AD de "descrever o que se vê", objetivamente e sem interpretar. Obviamente, a AD elaborada por profissionais não pode e nem deve ser personalizada para abranger o maior número possível de pessoas. Contudo, é necessário avaliar a forma como as ADs são feitas e que audiodescritores e público possam dialogar a respeito de suas produções.

A fala de CA3 aborda, de forma indireta, os temas das próximas perguntas "gosta da AD elaborada por profissionais?" e "tem preferência por empresas que produzem AD?".

Sobre essas questões, a participante diz:

> Algumas são carregadas dessa interpretação que eu não consigo entender. Como é que depois de alguns estudos já feitos, de algum aprimoramento, ainda se percebe muito claramente frases desnecessárias, repetição de palavras que só fazem a gente se afastar do filme? Me faz perder tempo e acaba caindo num vazio e, às vezes, me provoca até irritação. Eu perco a vontade de ver. Fica "ele", "ele", "ele". Eu já sei que é "ele" que está fazendo. Às vezes, chega a ponto de ficar idiotizado.

Ela chama a atenção para alguns elementos da AD como a interpretação, a repetição de palavras e o excesso de informação. A repetição de palavras e a interpretação foram elementos recorrentes nas falas desses entrevistados. Apesar de as colocações de CA3 serem ricas e interessantes, parece-nos que falta conhecimento da participante sobre a produção da AD e a diversidade do público. Ela defende um tipo de AD muito específica, quase telegráfica, que pode não ser suficiente para outras pessoas, como, por exemplo, as que estão conhecendo esse recurso agora ou aquelas que não têm o hábito de assistir a filmes tão frequentemente.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

Sobre a objetividade e uso de adjetivos, BV3 comenta:

> Acho que elas têm melhorado muito. Eu realmente... eu tive que repensar muito sobre isso. Porque eu tenho achado que tem melhorado bastante. Bastante mesmo. Estão mais atentos, estão mais profissionais. Atentos aos intervalos mudos das cenas. As cenas são descritas com, talvez, mais concisão, sem muitos adjetivos, objetivamente descritas. Aliás, esta também é uma diferença da descrição informal, porque, na descrição informal, a pessoa, muitas vezes, adjetiva os personagens, adjetiva as cenas, né? Na descrição técnica, ou na descrição profissional, não.

Já sobre a repetição de palavras CC4 afirma:

> Por exemplo, tem uma cena do Dante em que o locutor fica dizendo "ele", "ele", "ele". Não que isso me incomode, mas podia ser substituído por outra coisa ou mesmo só pela descrição da cena.

É interessante notar que metade dos entrevistados disse ter preferência por alguma empresa que produz AD e dois dos três que afirmaram não ter preferência conheciam duas empresas. O terceiro mencionou só uma nessa resposta, contudo, em outro momento, mencionou um programa audiodescrito na TV Brasil feito por outra empresa. Assim sendo, nominalmente, ele conhece uma, mas pode conhecer mais sem saber o nome da empresa que produziu. Apesar desses três participantes não terem preferência, conhecem empresas que produzem AD, o que revela que de fato, utilizam esse recurso em seu cotidiano, apesar de não ser na quantidade desejada.

Quadro 43 – Participantes ADVERJ: gosta das ADs elaboradas por profissionais?

Sim	Não	Não sei responder
CA3 de algumas		
CA4		
CC3		
CC4		
BV3		
BV4		
6		

Quadro 44 – Participantes ADVERJ: preferência por empresa(s) que produz(em) AD

Sim	Não
CA3	
	CA4
	CC3 só conhece 1
CC4	
	BV3
BV4	
3	**3**

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

Seguindo a metodologia já mencionada, para finalizar a parte geral, foram feitas três perguntas dissertativas. As respostas dos participantes estão sintetizadas no quadro abaixo e os aspectos similares citados estão marcados em cores diferentes.

Quadro 45 – Participantes ADVERJ: síntese "o que acham da AD"

	Que aspectos para você, são necessários a uma boa AD?	O que não pode faltar em uma AD?	O que não deve estar presente em uma AD?
CA3	Bom roteiro, locução e ajuste de áudio. Evitar interpretação do roteirista e locutor	Clareza e veracidade, fidelidade à proposta do filme	Adjetivos, advérbios, repetições de palavras e linguagem cinematográfica
CA4	Locução sem interpretação Reconhecimento do que é relevante para apreensão da história do filme	Português correto	Interpretação do audiodescritor. Importante respeitar a interpretação de cada um
CC3	Detalhe da cena – informação geral e detalhe Entonação na voz do audiodescritor – passar de forma expressiva ali, se imaginar ali	Descrição do ambiente, quantidade de pessoas e como estão O máximo de detalhes possível na cena	Silêncio do audiodescritor Contradição da AD e do que é visto
CC4	Ausência de sobreposição, repetição de palavras. Roteiro mais direto com menos detalhes. Sem opinião do audiodescritor	AD clara, só com as informações necessárias	Opinião da equipe de audiodescrição
BV3	Audiodescrever com o mínimo de palavras, o máximo de informação Respeitar os espaços de silêncio Roteiro com palavras certas Audiodescrever legendas e créditos Não adiantar informações	Descrição de expressões faciais, cor de olhos, emoções transmitidas pelas personagens Ambientes	Atrapalhar a fala das personagens. Redundância na AD. Algo que infira a emoção do audiodescritor. Todos os detalhes da cena
BV4	AD deve ser concisa, sem muitos detalhes. Roteiro deve ter consultoria de pessoas com deficiência visual	*Feeling* do audiodescritor do que é importante para a cena. Descrição do ambiente. Definição do contexto. Não sobrepor fala das personagens	Excesso de informação

A interpretação foi citada no roteiro e na locução. No roteiro, CA3 atrelou a interpretação ao uso de adjetivos e advérbios. CA4 afirmou que a interpretação do audiodescritor não pode estar presente na AD, respeitando-se a opinião de cada um dos usuários. CC4 não usou o termo interpretação, mas é possível identificar menção em sua fala ao se referir à opinião da equipe de AD. BV4 seguiu mais ou menos a mesma linha de CC4 ao afirmar que não pode estar presenta "algo que infira a emoção do audiodescritor". Em outras palavras, seria a opinião do audiodescritor que deveria ficar de fora. Podemos dizer que, de modo geral, a interpretação na fala dos entrevistados está relacionada à ideia de opinião. O que está em questão aqui são os graus de explicitação, como mencionado por Cabeza-

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

Cárceres e já discutido no capítulo anterior (4). Voltaremos a essa questão na última seção deste capítulo.

Na locução, CA3 e CA4, acham que não deve haver interpretação, e CC3, ao contrário, afirma a necessidade da expressividade na voz para que o espectador se sinta no filme. Apesar de a interpretação na locução não ser o foco desta tese, é interessante notar que metade dos participantes a mencionaram e que o entrevistado, que é novo usuário da AD, sente falta de maior expressividade do locutor, enquanto as duas participantes, mais a favor da objetividade, defendem a neutralidade também na locução. Sobre os detalhes, de modo geral, foi mencionado roteiro conciso, sem muitos detalhes. Contudo, o participante CC3 pede que tenha o máximo de detalhes possível, ressaltando a impossibilidade de um roteiro de AD agradar a todos. O principal que devemos buscar é que o roteiro seja funcional, ou seja, que possibilite que a pessoa com deficiência visual desfrute e interaja com a obra. Alguns elementos mencionados merecem destaque. BV4 ressalta a importância da participação de um consultor na elaboração do roteiro; CC4 e CA3 sinalizam o cuidado para não repetir palavras; CC3 chama a atenção para não haver contradição entre o que é audiodescrito e o que está sendo visto (ele menciona AD simultânea, quando o roteiro é feito na hora sem o conhecimento prévio do que vai acontecer); BV4 e CA4 mencionam a importância do reconhecimento do que é importante para a cena; e, CA4 chama a atenção para o uso correto do português. Os elementos mencionados mostram o bom conhecimento desses entrevistados sobre a elaboração da AD. Eles entendem que há diferença entre a produção do roteiro e a locução e que o roteiro pode ser feito de diferentes formas (com antecedência ou na hora do evento). Como já mencionado na parte geral da análise de dados do filme *O palhaço*, o objetivo desta tese não é verificar o que os participantes pensam em relação à AD. Contudo, isso auxilia a definir o perfil deles e a compreender melhor suas escolhas. A seguir, vamos nos debruçar sobre o filme *Menos que nada* e sua AD.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

II. Filme (*Menos que nada*)

1. Geral

Da mesma forma que no filme *O palhaço*, com o intuito de ajudar na análise dos dados e também para identificar se a AD comercial foi fundamental para o entendimento do filme, nessa etapa da pesquisa procuramos verificar o entendimento da trama e dos personagens do filme. Ele também foi avaliado a partir dos três eixos, já citados, e que foram definidos, de acordo as narrativas dos filmes desta pesquisa, não sendo aplicáveis a qualquer narrativa cinematográfica: 1) identificação da trajetória da personagem principal; 2) identificação, mesmo que não nominalmente, das personagens que compõem a trama; e 3) identificação da relação com as personagens secundárias. Procuramos verificar o entendimento das funções das personagens na trama, a relação da personagem principal com as secundárias e a trajetória da personagem principal cujos gestos (substituto e emotivo) são determinantes. Vale ressaltar que não foi testada a memória dos participantes, assim sendo não era necessário saber exatamente o nome das personagens e a profissão de Dante, por exemplo, mas entender o que ele fazia e suas relações com os demais.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

Quadro 46 – Participantes ADVERJ: cenário geral do entendimento do filme	
CA3	1) Identificou que há um trauma no passado, que Dante era introspectivo, passivo, trabalhava como arqueólogo de contrato e que a decepção o levou ao hospício. 2) Identificou as personagens centrais da trama. 3) Identificou que tinha relação de confiança com a Dra. Paula, superficial com o pai, de submissão e admiração com Renê e que ficou surpreso com o reencontro com Berenice. **Boa identificação da trajetória da personagem principal, das personagens das relações com as personagens secundárias.**
CA4	1) Identificou problema de Dante na infância com a morte da mãe e remorso por conta do pedido dela. Já adulto o identificou trabalhando como arqueólogo, que fazia anotações e liberava as obras. Introvertido, que viveu um jogo de sedução e interesse e teve surto psicótico com a morte do marido de Berenice, mas também pela traição e por ter se sentido usado. 2) Identificou só a personagem principal. 3) Identificou que tinha relação de confiança com a Dra. Paula, fria e distante com o pai, de fascinação e platônica com Renê e boa com Berenice. **Boa identificação da trajetória da personagem principal e da relação com as personagens secundárias. Razoável identificação das personagens.**
CC3	1) Identificou Dante como garoto normal que vive uma história com Berenice, se separa por um tempo e a reencontra. Adulto, o identifica como arqueólogo, que tinha tudo para ser feliz, mas era, em alguns momentos, inexpressivo e desmotivado. Teve relacionamento amoroso com duas mulheres, Berenice e Renê, passa a ter a vida conturbada, vive em conflito até chegar ao hospício. Atribui o surto à confusão mental gerada pelo convívio com duas mulheres e o conflito com Ciro no museu. 2) Identificou todas as personagens. 3) Identificou como ótima relação com Dra. Paula, boa relação com o pai, ótima relação com Renê e ótima com Berenice. Entendeu que Renê gostava de Dante e queria leva-lo pata Los Angeles. **Razoável identificação da trajetória da personagem principal e da relação com as personagens secundárias. Boa identificação das personagens.**
CC4	1) Identificou Dante como introspectivo; como trauma, a morte da mãe e a problemática com Berenice e o estopim para o surto, a traição de Renê. Ficou em dúvida sobre a profissão de Dante. Afirmou que ele diz não ser arqueólogo e perguntou se ele não seria então escavador. 2) Identificou as personagens centrais para a trama. 3) Identificou a relação com a Dra. Paula como boa, com o pai, tranquila, distante, mas não conflituosa, com Renê de submissão e com Berenice de confiança. **Boa identificação da trajetória da personagem principal, da relação com as personagens secundárias e das personagens.**
BV3	1) Identificou a morte da mãe e culpa, desejo e atração por Berenice na infância. Na vida adulta, o identificou como triste e inexpressivo. Afirmou que ele era historiador e protoarqueólogo. E que por conta das situações que viveu e a decepção desenvolveu a doença psiquiátrica. 2) Identificou as personagens centrais para a trama. 3) Identificou a relação com a Dra. Paula como de amizade e confiança, com o pai, distante, fria e sem afeto, com Renê, de atração física e com Berenice de medo. **Boa identificação da trajetória da personagem principal, das personagens e da relação com as personagens secundárias.**
BV4	1) Identificou três momentos na vida de Dante: infância, adulto e doente. Afirmou que ele deixou o curso, mas se manteve ligado. Identificou que Dante sofreu grande decepção e que era inexpressivo e apático. 2) Identificou todas as personagens. 3) Identificou como boa a relação com a Dra. Paula, afirmou que o pai passou a se importar com o Dante tarde demais, quando ele já estava doente, identificou a relação como Renê como boa, afirmando que ela teve o que queria dele, mas depois o ignorou. E, por fim, identificou a relação com Berenice como conflituosa. **Boa identificação da trajetória da personagem principal, das personagens e das relações com as personagens secundárias.**

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

Como podemos perceber pelo quadro acima, o entendimento dos entrevistados da ADVERJ foi muito bom e a AD certamente cumpriu importante papel para esse entendimento, uma vez que, como CA3 aponta, “esse filme em especial seria muito difícil assistir sem AD por essa passagem de tempo e o tema que não é recorrente”. Esse comentário chama a atenção, pois essa foi a única participante a não gostar da AD, o que significa dizer que mesmo que ela não tenha gostado da forma como a AD foi feita, ela cumpriu sua função, traduzindo as imagens em palavras para os espectadores. Como exposto no quadro abaixo, todos os entrevistados gostaram do filme e a maioria gostou da AD.

Quadro 47 – Participantes ADVERJ: gostou do filme e de sua AD?

Gostou do filme?			Gostou da AD do filme?		
Sim	**Não**		**Sim**	**Não**	**Não sei responder**
CA3				CA3	
CA4			CA4		
CC3			CC3		
CC4			CC4		
BV3			BV3		
BV4			BV4		
6			**5**	**1**	

CC3 também chama a atenção para a importância da AD no caso desse filme. Nas palavras desse entrevistado:

> Eu percebi que esse é um filme que tem muita imagem, muita cena e ainda mais quando rola esse contraste de várias entrevistas, várias pessoas, lugares diferentes, cenas que vão e que voltam. Então, isso, realmente, é uma confusão muito grande na cabeça da gente, porque você não sabe. Começa a contar uma história, daqui a pouco, um fala, outro fala. Então, você acaba se perdendo, porque você não tem noção de como é que aquilo está disposto. A audiodescrição vem para explicar. A audiodescrição vai separar cada cena para você entender o que está acontecendo.

Somente a participante CA3, como já mencionado, disse não ter gostado. Ela argumenta:

> Eu achei a audiodescrição horrível exceto a edição que estava bonitinha. A locução estava boa também, estava direitinha. O uso do “parece ser”, “parece estar” é abominável. Quase me matou. E a mulher austera? Eu não posso deixar passar! O que é austera para o cego? O vocabulário não está difícil, não está rebuscado; está repetitivo, não se deram nem ao trabalho de procurar sinônimos.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

As justificativas dos demais participantes que gostaram da AD foram simples e os comentários maiores foram sobre a introdução com a AD das personagens. Sobre a AD desse filme CA4 disse: “no filme de hoje, eu acho que ele descreveu bem. Foi uma boa audiodescrição”; CC4, “achei bem clara bem objetiva explicando as mudanças de cena”; e, BV3: “eu achei uma audiodescrição muito boa”. É interessante notar que CC4 elogia afirmando que a AD é bem objetiva. Como já mencionado anteriormente e pode ser visto na fala de CA4 a seguir, a AD desse filme é mais interpretativa com extenso uso de adjetivos. CA3 comenta que considerou o uso de adjetivos excessivo nessa AD dizendo: “eu fiquei receosa de estar sentindo alguma emoção passada pelo audiodescritor e não pelo filme. Dá muita insegurança quando usa muita adjetivação”. Vale refletir um pouco sobre esse comentário de CA3. A participante reproduz um discurso presente na área da audiodescrição, que a nosso ver, mantem a dicotomia descrição/interpretação. CA3 ao afirmar que se fica receosa de sentir o que o audiodescritor está sentindo e não o que o filme quer passar, está partindo do princípio de que há uma emoção a ser passada pelo filme, intrínseca a ele. Além disso, ela só demonstra essa preocupação no momento da adjetivação, desconsiderando que o mesmo poderia ocorrer com as demais palavras por ele escolhida. Assim sendo, na perspectiva dela, ao se evitar o uso de qualificativos, a AD ficaria isenta da interpretação do audiodescritor, o que discordamos e procuramos descontruir neste trabalho.

Como os entrevistados desse grupo ativeram mais seus comentários à audiointrodução desse filme, abriremos um parêntese aqui para apresentar esses comentários, apesar de não ser o foco da pesquisa de recepção, e depois retornaremos ao nosso objeto de estudo. A audiointrodução é uma técnica da AD normalmente utilizada no teatro. Nessa introdução, que acontece antes do início do espetáculo são audiodescritos os cenários, vestimentas das personagens, adereços etc. Como técnica utilizada em filmes é bem recente e ainda tem poucos estudos sobre isso. No capítulo 3 (p.105), foi mencionada uma pesquisa de Fryer sobre o uso de audiointrodução em filmes, na qual 70% dos participantes aprovaram a presença da audiointrodução e consideraram interessante tê-la em outros filmes. A audiointrodução testada por aquela pesquisadora continha AD detalhada das personagens e dos ambientes, assim como a apresentação da sinopse e dos créditos do filme. Na audiointrodução do filme *Menos que nada*, foram

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

fornecidas as fisionomias e características das personagens nas diferentes fases da trama e foram apresentadas as vozes delas.

É interessante notar que a "aprovação" ou "desaprovação" da audiointrodução foi homogênea de acordo com o tipo de deficiência visual. Os dois entrevistados com baixa visão gostaram da introdução com a AD das personagens e a apresentação de suas vozes. BV4, por exemplo, gostou bastante e achou que isso facilita o entendimento do filme, dando para sentir antecipadamente quais seriam as emoções, mas ficou em dúvida se essa parte introdutória fazia parte do filme ou se era específica da AD.

BV3 a esse respeito disse:

> Aliás, agora sim eu vou fazer um comentário sobre o início do filme. Eu gostei de uma coisa que eu nunca tinha visto numa audiodescrição anterior que foi a descrição dos personagens, a sua caracterização física e as fases em que ele aparece no filme. Também dava os exemplos das vozes, para que o deficiente pudesse fixar, né? Nome, traços, enfim, as fases em que ele aparece no filme. Eu achei aquilo muito interessante, você apresentar o personagem como num trailer do filme. Um trailer de audiodescrição, vamos dizer assim. Muito bom! Eu gostei! Eu ainda não havia pensado nisso, mas achei uma sacada muito boa, que deve ser considerada talvez nas audiodescrições. Eu acho que não fica redundante para um público com deficiência, acho que isso pega muito bem e, aliás, uma coisa que eu acho... eu, como uma pessoa com baixa visão, nem sempre percebo coisas que estão, ou traços de emoções...algumas coisas me escapam e a audiodescrição... por isso, que eu acentuei tanto as emoções, ajuda muito a compreender esses aspectos e isso é fundamental pra você entender toda a trama de um filme. Eu acho importante você descrever isso, as emoções. Eu gostei daquela audiodescrição ali.

As participantes com cegueira adquirida não gostaram da introdução e foram radicais a esse respeito. CA3 disse: "essa coisa de apresentar as vozes, pelo amor de deus! Isso é horrível, cansativo! A descrição dos personagens, uma boa audiodescrição vai me oferecer". Já CA4 vai além e expõe mais seu ponto de vista:

> não vou dizer que eu sou avessa. Vou dizer que eu sou indiferente à descrição dos personagens. Acho que é absolutamente irrelevante. O audiodescritor fez a descrição da Renê, por exemplo. Renê... agora não vou lembrar o sobrenome dela... chama sua atenção pela beleza. Chama a atenção de quem? Pode chamar a sua e a minha não chamar. Isso é uma interpretação. Me incomodou, porque você já parte do principio de que ela é atraente para um homem e para mim pode não ser. Então, você não pode botar que uma pessoa chama atenção pela beleza. Essa beleza vai chamar a atenção de quem? Esse tipo de

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

> informação, para mim, não, não... Essa coisa dessa pequena descrição do filme me atrapalhou, porque eu achei que aquilo seria parte do filme. Voz de não sei o que ... Isso não encaixou não. Não gostei, achei desnecessário, confuso. Atrapalhou, porque eu achei que fosse o filme começando. Achei, assim, que fosse o filme onde fala voz... Eu só fui entender na quarta pessoa que ele estava dizendo quem era e como a pessoa era. Até porque a descrição facial, a expressão, isso faz parte da audiodescrição. O que interferiu ele descrever que quando moço era não sei o que, quando... sabe confundiu. Já está no filme. São coisas que você acaba subestimando o entendimento do telespectador. Vou te explicar por que: sugestiona a pessoa que está vendo. Então, você pensa assim: vou usar novamente o exemplo da Renê "chama atenção pela sua beleza". Você já me colocou para sugerir que a beleza dela vai interferir na história e interferiu. Então, você já disse e você não tem que dizer, porque eu também posso ter uma leitura diferente da sua e a gente vendo o filme sem enxergar. Eu acho que isso, você tem que respeitar também, a interpretação de cada pessoa que vê o filme, porque vocês que enxergam... eu duvido que vocês, se eu tivesse aqui fazendo uma entrevista ao contrário, você não ia ter a mesma interpretação que a Larissa (pesquisadora, entrevistadora de outro participante) e nem que a Silvia (vidente entrevistadora de outro participante). Então, eu acho que isso atrapalha. Para mim, atrapalhou, me confundiu e me sugestionou pra muitas coisas, entendeu? Ah! O olhar deprimido, não sei o que. Eu tenho que descobrir que ele é deprimido dentro do filme. Eles descrevem os personagens interpretando suas formas de ver as coisas. Isso pra mim não encaixa. Atrapalha. Não sei se para as outras pessoas cegas...

Os entrevistados com cegueira congênita não mencionaram a audiointrodução diretamente ao falarem sobre a AD do filme. Os participantes com baixa visão gostaram desse recurso e acharam que ele auxilia no entendimento e fruição do filme. BV3 considerou que essa introdução, chamada por ele de "trailer da audiodescrição", ajuda na fixação das vozes das personagens e não fica redundante. Já as entrevistadas com cegueira adquirida, ao contrário, defendem que a apresentação das vozes e essa caracterização subestimam a inteligência do público e sugestionam; ou, em nossa percepção sobre a fala da entrevistada CA4, antecipa informações que deveriam ser dadas ao longo do filme. São necessárias mais pesquisas para verificar a validade ou não do uso das audiointroduções e, talvez, seja necessário testar outros formatos, como por exemplo, a apresentação da sinopse (pedida por um dos participantes do IBC), uma AD mais rápida das personagens e dos ambientes, sem a apresentação das vozes, pois como este não é foco desta pesquisa, não é possível afirmar se a audiointrodução é válida para os usuários da AD aqui no Brasil.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

Assim como na análise do filme *O palhaço*, no filme *Menos que nada*, até o momento, foi feito um mapeamento que auxilia na análise dos dados e introduz os participantes no tema da pesquisa. Na próxima seção, iniciaremos o debate sobre o primeiro objetivo testar se audiodescrições mais interpretativas são necessárias, ou mesmo indispensáveis, para a fruição da obra cinematográfica" e a hipótese da tese "partimos do princípio de que é mais produtivo para a recepção do público se a AD dos gestos for mais interpretativa do que descritiva, na medida em que o público pode ficar confuso na identificação do gesto só com a AD dos movimentos que o compõem, desfocando sua atenção de algo mais importante para a trama", agora, focado no grupo da ADVERJ.

2. Especifico: Gestos emotivos e substitutivos

A. Gestos emotivos

A estratégia nessa etapa foi partir de uma pergunta genérica "você achou alguma emoção marcante no filme?"; para, em seguida, aprofundar no tema perguntando a maneira pela qual eles preferiam a AD da cena de Dante com Berenice na barranca. As opções eram formas diferentes de audiodescrever surpresa: "vira repentinamente", "com os olhos arregalados" e "surpreso". Depois, foi perguntado "como eles acham que as ADs das emoções devem ser feitas" – pergunta central nessa fase. As opções eram: "audiodescrevendo a fisionomia" (AD mais descritiva) ou "dando o nome do sentimento" (AD mais interpretativa). Essa pergunta usou o mesmo exemplo do roteiro do filme *O palhaço* sobre a tristeza por ser uma AD mais complexa na AD da fisionomia. O intuito era verificar as preferências, a partir de uma AD mais complexa.

Quadro 48 – Participantes ADVERJ: emoção no filme

Sim	Não
CA3	
CA4	
CC3	
CC4	
BV3	
BV4	
6	

Quadro 49 – Participantes ADVERJ: opções gestos emotivos

Vira repentinamente	Com os olhos arregalados	Surpreso
	CA3	
	CA4	
		CC3
	CC4	
	BV3	
	BV4	
	5	**1**

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

Quadro 50 – Participantes ADVERJ: Como você acha que devem ser feitas as ADs das emoções?	
Audiodescrevendo a fisionomia	**Dando o nome do sentimento**
CA3	
CA4	
CC3 (complemento)	CC3 (prefere)
CC4	
BV3	
BV4	
5	**1**

Como podemos ver nos quadros acima, todos os entrevistados acharam alguma emoção marcante no filme e todos mencionaram alguma cena de Dante, exceto CA3 que mencionou a cena em que Paula descobre como se comunicar com Dante. Ela também falou sobre a AD do gesto emotivo de modo geral afirmando que:

> Eu fiquei receosa de estar sentindo alguma emoção passada pelo audiodescritor e não pelo filme. Dá muita insegurança quando usa muita adjetivação. É necessário cuidado com o tipo de vocabulário que será usado. Ele usou muito a palavra "apavorado". Tinha momento que pela ação a gente já sabia. Berenice era ameaçada, a gente já sabe que ela está apavorada. Usou muito constrangido.

CC3 também falou sobre a AD e, ao contrário, de CA3 afirmou que: "se não tivesse AD, eu acredito que não iria sentir emoção nenhuma, porque iria ficar muito implícito ali na imagem. Eu não ia saber o que aconteceu". CC3 considerou a AD fundamental para compreensão do filme. CA3 também afirmou que teria dificuldade em acompanhar esse filme sem AD, contudo, critica as escolhas tradutórias do audiodescritor e CC3 não tece comentário a esse respeito. Assim como os dois entrevistados acima citados, CC4 também teceu comentário geral sobre a AD dos gestos emotivos nesse filme. Os demais citaram momentos do filme, sem mencionar diretamente a AD. Nas palavras de CC4: "foram muito bem descritas. Em um filme como esse, a AD das emoções é fundamental para que a gente pudesse compreender todo o contexto dos personagens".

Na pergunta com opções para escolha da preferência dos entrevistados, a maior parte escolheu a AD mais descritiva "com os olhos arregalados", as opções "vira repentinamente" e "surpreso" eram mais interpretativas. Somente o participante CC3 escolheu "surpreso" e justificou a escolha da seguinte forma: "com olhos arregalados pode indicar muita coisa. Você arregala os olhos se tiver feliz, triste, com raiva. Quando você está surpreso você já vai notar que houve ali

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

um espanto, uma emoção, que tem sentimento por trás. Aí você vai imaginar que...".

Diferentemente de CC3, CA3 defendeu já saber o que significa de "olhos arregalados":

> "Com os olhos arregalados", eu já sei. Arregalados não é uma qualidade do olhar. Arregalar é deixar os olhos abertos e se eu abro os olhos é para enxergar melhor ou porque eu me surpreendi. Fica mais claro e mais simples. "Se virar"... repentinamente está totalmente inadequado. Achei bom, "olhos arregalados".

CA4 acrescentou outro elemento afirmando que a AD mais descritiva traz mais possibilidades de visualizar a cena: "porque o fato de falar que está com os 'olhos arregalados' traz mais possibilidade de visualizar o rosto, porque 'surpreso' você pode estar de boca aberta, com a mão para o alto, cabelo arrepiado, sei lá...". Esse comentário é interessante porque "arregalar os olhos" é uma ação concreta e, independente de já ter sido vivenciada pela pessoa, auxilia na visualização da fisionomia que expressa a emoção; já "surpreso" não expressa característica física e dificulta a visualização, apesar de a sensação de estar surpreso certamente já ter sido vivenciada pela pessoa.

BV4 corrobora dizendo que essa opção dá mais dimensão do que é, contextualizando como a pessoa está. CC4 segue a mesma linha de CA4 e BV4 dizendo "com os olhos arregalados, quem está ouvindo a AD identifica que ele fica surpreso ou interpreta que ele está espantado ou sei lá o que...".

Já BV3 faz uma ampla reflexão acerca das opções "com olhos arregalados" e "surpreso", abordando os conceitos de interpretação e inferência:

> As duas opções são boas. Elas não são, assim, ruins. Tanto "Dante vira para Berenice surpreso" como "com os olhos arregalados", porque transmitem ambas um aspecto de surpresa. Um descreve o ato em si. Vamos dizer assim, está denotando uma surpresa através dos olhos arregalados. Para mim, as duas opções são melhores, mas se eu for seguir a linha do meu raciocínio que é não revelar tudo, os "olhos arregalados", se você souber que olhos arregalados implica certa surpresa, certo espanto, você já sabe que aquilo ali... Em certas coisas, não precisa expressar exatamente... descrever exatamente a situação, o estado dele, mas inferir, deixar que ele seja inferido pelo deficiente. Eu quero deixar uma marca aqui: sempre que possível melhor descrever a cena de modo que o deficiente infira os estados emocionais, mas vai depender da sensibilidade do audiodescritor no momento em que está vendo o filme: "o que devo fazer? Dizer aquilo exatamente ou eu devo deixar inferir?". Fica a critério e sensibilidade do roteirista

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

> audiodescritor. Mas eu acho que se deve dar preferência a você inferir, a você escrever alguma coisa deixando que o outro veja, que o outro interprete.

Um aspecto que chama atenção na fala de BV3 e que reforça o debate que estamos travando é a forma como ele relacionada as noções de inferência e interpretação. Ele defende que o audiodescritor deve deixar que o público infira, interprete os estados emocionais sempre que possível. A correlação dessas noções é usual na AD, mas o que é interessante notar é que ele considera a possibilidade da inferência-interpretação do audiodescritor estar presente, diferente do que usualmente ocorre em nosso campo, quebrando com a vilanização da interpretação e ressaltando que as duas estratégias (a que explicita a emoção e a que deixa que o público a infira a partir da AD dos traços que compõem a fisionomia da personagem) são necessárias. Talvez na explicitação da emoção o que se restrinja no público não seja a possibilidade de interpretar, mas sim a possibilidade de ele imaginar a fisionomia das personagens, pois ao nomear a emoção uma série de interpretações também é possível.

BV3 defende a AD das fisionomias ao invés de nomear o sentimento para ampliar a interpretação do público. Pelos comentários de alguns entrevistados, se o audiodescritor não audiodescreve a fisionomia, eles não a imaginam só pela nomeação da emoção. Já com a AD da fisionomia, eles podem imaginar o rosto da personagem e chegar às possíveis emoções. Se por um lado, isso pode atrapalhar a fruição da trama, por outro, como dito por eles, é prazerosa essa imaginação, mostrando a necessidade de se audiodescrever as fisionomias, sempre que houver tempo hábil. Caberá ao audiodescritor definir pelo contexto se há a necessidade também de informar a emoção junto com a AD da fisionomia. Em suma, as opções mais plausíveis aqui são audiodescrever a fisionomia ou audiodescrever a fisionomia com o nome da emoção. A nomeação da emoção sozinha só deve ocorrer por conta da restrição de tempo.

Na pergunta seguinte, questão mais teórica dessa etapa, a maioria dos entrevistados escolheu a AD da fisionomia ao invés de nomear a emoção. Somente CC3 escolheu a nomeação da emoção. Contudo, defendeu que, caso haja tempo, seria indicado juntar com a AD da fisionomia.

> O sentimento é mais proveitoso. Mas, se puder colocar assim, por exemplo, a pessoa está muito “triste” “com os olhos e os cantos da boca caídos”. Esse detalhe vai enriquecer a audiodescrição e vai falar como é que ele está triste. A gente vai

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

> entender a forma. Mas, simplesmente falar o detalhe, a pessoa está "com os olhos e os cantos da boca caídos" e se ela não passar nenhuma demonstração de sentimento, ela pode simplesmente falar numa entonação que dê sentido de comédia. Se puder dar o detalhe, beleza, mas se não puder eu prefiro que fale o nome do sentimento.

Fica claro na fala desse entrevistado a preocupação com a locução, pois, no entendimento dele, a AD da fisionomia narrada de forma equivocada transformaria a cena negativamente, enquanto a nomeação da emoção garantiria a compreensão.

CA3 reforça a ideia da imaginação:

> Quando você me dá a descrição, eu tenho a possibilidade de imaginar a tristeza dele. Quando você me diz que ele está triste, você já me entregou de bandeja o que está ali. Não precisava. Até porque eu tenho que entender a razão da tristeza dele. Eu quero participar do filme.

CA4 também reforça essa ideia:

> Facilita a visualização. Os sentimentos são muito próprios daquele que vê e quando você imagina que uma pessoa que está com "os olhos caídos", você cria um rosto. Com a emoção, você não consegue criar, ela já está pronta. O audiodescritor tem que ajudar você entrar no filme e não estar dentro do filme por você. Ele tem que ser apenas os olhos.

BV3, BV4 e CC4, apesar de preferirem a AD da fisionomia, consideram aceitável a denominação da emoção, mas as argumentações são um pouco diferentes. BV4 considera aceitável a denominação do sentimento se a AD da fisionomia não ajudar na compreensão. Já CC4 considera essa opção de acordo com a restrição do tempo:

> Eu acho melhor descrever a fisionomia, mas eu entendo que em determinadas cenas não é possível, porque o tempo da fala é muito pouco. Então, muitas vezes, dar nome do sentimento acaba sendo mais eficaz. Não tem assim uma linha reta. Depende da cena, do tempo de fala do audiodescritor, depende do filme. De acordo com a fisionomia, a interpretação fica por conta de quem está assistindo.

BV3 argumenta de forma similar a CC3:

> Pois é, recaímos naquela questão, no mesmo ponto. Você sabendo que determinadas situações traduzem por determinados gestos, é melhor você deixar os gestos. Você descrever a expressão, e não o nome da expressão. Por que se você for ah... "está com o canto da boca caído"; assim, uma coisa "triste"... e não pode fazer as duas coisas. Então, tem que optar por uma ou outra. Se tem tempo, "denotando tristeza" ou alguma coisa assim... isso, tudo bem.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

As falas desses entrevistados reforçam o que consideramos um equivoco relacionado à interpretação na AD; a razão pela tristeza da personagem não é informada na AD, ela é entendida ou não, interpretada ou não, a partir do contexto do filme. Explicitar uma emoção ou qualquer outra coisa no filme não é retirar a possibilidade de a pessoa com deficiência visual interagir com o filme é, pelo contrário, de acordo com o contexto, possibilitar que ela usufrua da obra, talvez com menos possibilidade de imaginação. Assim sendo, tendemos a concordar com a defesa de que ao explicitar a emoção na AD, você diminui a possibilidade de imaginação da fisionomia. Por conseguinte, a estratégia de fornecer somente a emoção na AD deve ser utilizada somente quando imposta pela restrição de tempo.

Por fim, foi feita uma pergunta dissertativa "o que não pode estar presente na AD das emoções?" CA4, BV3 e BV4 mencionaram a interpretação.

CA4

> Substituição da interpretação do telespectador com deficiência visual. Ele não pode tirar esse direito da gente. Não pode tirar a minha capacidade de sentir. Ele deve ter respeito pela ajuda, que é o que a gente precisa, mas essa ajuda não pode passar do fato de a gente não ter um dos sentidos. Os outros precisam funcionar.

BV4 reforça o discurso de CA4:

> Caso dê para entender a cena, o espectador pode fazer sua própria análise. Na audiodescrição de emoções, há que se descrever a cena sem colocar a interpretação pessoal, subjetiva, do audiodescritor. Me parece importante para se permita que a pessoa com deficiência visual tire suas próprias conclusões garantindo a sua autonomia em relação à cena.

BV3 aprofunda mais de uma forma que quase se aproxima do discurso cientificista do século XIX baseado na neutralidade e fidelidade:

> Aí eu vou pra mesma questão. Redundância de sentimentos. Você tem que escolher a palavra certa. Aí é que entra a sensibilidade, o conhecimento do idioma, o conhecimento das palavras que traduzem exatamente os sentimentos, que traduzem as emoções e que traduzem as expressões para não haver redundância, para não haver também traição, entre aspas, da emoção de quem está descrevendo. Ser o mais neutro possível. O que não pode fazer... é ele interpretar. Ele tem que ser o mais neutro, o mais conciso, o mais objetivo possível, deixar o sujeito inferir o que está acontecendo ali na cena.

Afirmamos que BV3 quase se aproxima do discurso cientificista, pois ao mesmo tempo que defende a objetividade, neutralidade, a não traição, ele usa a

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

expressão “o mais” possível, indicando que não é possível ser totalmente neutro e objetivo.

CA3 citou como inaceitável o uso do termo “parece estar”, o uso de adjetivos e o excesso de advérbios:

> Adjetivos e excesso de advérbios, por exemplo, “extremamente cansado”, “levemente cansado”. Ai meu deus! Ele fez um negócio horrível! Eu não posso deixar de falar: “ele parece ter” não sei o que, “ele parece estar receoso”. Pior do que receoso é parece estar. O “parece estar” é abominável. Se não tem certeza, não vai me dizer que parece.

Vale ressaltar que esse aspecto é uma opinião particular e que opiniões particulares não devem nortear as escolhas dos audiodescritores. Por exemplo, o consultor de AD que participou do teste da pesquisa de recepção defende exatamente o contrário afirmando que o “parece estar” seria uma proteção para o audiodescritor.

CC4 teve dificuldade em responder a essa pergunta e disse: “talvez exageros. Não existe uma regra”. Já CC3 reforçou a importância do uso do nome da emoção e da locução de acordo com o tom da cena: “se a cena é triste a entonação deve ser triste também”.

Podemos dizer que as opções escolhidas e as justificativas dos entrevistados mostram claramente a preferência por ADs mais descritivas do que interpretativas, refutando, nesse ponto, nossa hipótese de que ADs mais interpretativas são necessárias, ou mesmo indispensáveis, para a fruição da obra cinematográfica. Vale ressaltar que esses participantes têm bom conhecimento da AD, alguns, já foram consultores e têm a ideia mais geral de *neutralidade* e *fidelidade* na AD bem arraigada. O único participante que foge a esse perfil nesse grupo é CC3 que optou pelas ADs mais interpretativas. Por isso, talvez seja possível afirmar que, para os novos usuários, a AD mais interpretativa seja imprescindível, enquanto que, para o público já formado, a AD mais descritiva seja mais interessante.

B. Gestos substitutivos

Nessa parte, seguindo a mesma abordagem do gesto emotivo, foi feita uma pergunta genérica para introdução no tema “alguma cena de mímica te chamou a atenção no filme?”, em seguida, foram dadas duas opções para a AD da relação de

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

Dante com a cadeira. Depois, como já explicado na apresentação do roteiro de entrevista e na parte do gesto substitutivo do filme *O palhaço*, foi perguntado como eles acham que as ADs dos gestos devem ser feitas a partir de três formas de audiodescrever o gesto de uma cena do filme *Tropa de elite*. A opção por esse filme foi a falta de um bom exemplo no filme *Menos que nada*. Todos os participantes da ADVERJ tinham assistido ao filme com ou sem AD, sendo que a maioria o assistiu com o recurso.

Quadro 51 – Participantes ADVERJ: alguma cena de mímica te chamou a atenção no filme?

Sim	Não	Não sei responder
CA3		
CA4		
CC3		
CC4		
BV3		
		BV4
5		**1**

Conforme o quadro acima, cinco dos seis entrevistados acharam alguma cena de mímica marcante no filme. Somente BV4 afirmou não lembrar. BV3 falou genericamente sobre Dante, afirmando que ele não conseguia se expressar pela fala, só por mímica. CA4 mencionou as baixadas de cabeça de Berenice para o marido, indicando sua submissão, e a cena de Dante com o tigre. Já CA3, CC3 e CC4 mencionaram um ou mais gestos, citando a importância da AD. CA3 mencionou a cena inicial de Dante e reforçou a importância dessa AD. CC3 disse:

> Tiveram vários, na verdade. As cenas que achei mais interessantes foram a que ele estava no jardim fazendo escavação, quando Dante e Renê estavam lá no terreno fazendo escavação por fora e a Renê vai lá e pega o fóssil. A cena da árvore que ele chega e vai por trás dela (entrevistado riu). Se não tem audiodescrição, você fica perguntando o que está acontecendo.

E CC4 citou tique de Dante, mencionando a importância da AD: "tique de Dante de movimentar os dedos, foi bem interessante essa AD porque do meio para o final já dava para entender que quando ele fazia esse gesto, ele estava passando por uma situação difícil com a qual não sabia lidar".

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

Quadro 52 – Participantes ADVERJ: opções gesto substitutivo	
Movimenta o quadril para frente e para trás	**Movimenta o quadril como uma relação sexual**
CA3	
CA4	
	CC3
	CC4
BV3	
	BV4
3	**3**

O quadro 52 acima mostra as opções oferecidas na pergunta seguinte. A primeira, AD mais descritiva, audiodescrevia somente os movimentos que compõem o gesto e a segunda, mais interpretativa, explicitava o significado do gesto. Metade dos entrevistados preferiu a AD mais descritiva e a outra metade a AD mais interpretativa. Os entrevistados com cegueira adquirida preferiram a mais descritiva e os com cegueira congênita, a mais interpretativa.

CA3 justificou a escolha afirmando que não colocaria em seus roteiros a segunda opção, mais interpretativa, e que com a história as pessoas chegariam a essa conclusão. CA4 segue na mesma linha de argumentação, mas vai além mostrando que audiodescrever mais interpretativamente logo de início seria desconstruir o que foi arquitetado para o filme. Nas palavras de CA4:

> No final do filme, eles repetem essa cena. Ou seja, é ali que você tem que fazer o *link*. É ali que o autor quer que você faça o *link*. Na verdade, quem está vendo mesmo quando olha ele fazendo aquilo ali não sabe o que o filme vai falar. Você não prevê que aquilo é a representação de uma cena que no final do filme você vai entender, que ele está mergulhado em um surto psicótico. Você tem que caminhar junto com o autor, que cria uma expectativa filha da mãe para você poder chegar aquilo ali. O autor trabalhou pra isso. A descrição dos gestos precisam fazer parte da cena e não da história. Você entende mais ou menos o que eu quero dizer? (Descrever) O que você tem que entender da cena.

BV3 também argumenta algo similar, sinalizando que a AD mais interpretativa explicita mais do que ele considera que deveria ser explicitado nessa AD:

> Não, assim é muito explícito. Ele usou essa expressão, mas na verdade ali ele está interpretando. Eu prefiro a que mostra "para frente e pra trás", porque é um ato que denota mesmo a relação sexual. Ali você já jogou pra pessoa interpretar. Você não precisa ser tão explícito.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

Já CC3, CC4 e BV4, que escolheram a opção mais interpretativa, justificaram suas escolhas de forma parecida, assinalando a necessidade da explicitação para garantia da compreensão da cena. BV4, por exemplo, afirmou que conseguiu entender porque enxergou alguma coisa, mas que para pessoas com cegueira total essa informação seria necessária. Ele defendeu que "se não for mencionado não será compreendido. Em relação aos gestos, me parece ser diferente do que falei no item anterior. A descrição do contexto em que os gestos são feitos é fundamental". CC4 reforçou essa ideia dizendo: "deixa mais claro que trata de uma relação sexual com um objeto inanimado". E CC3 disse:

> A dois é melhor, porque você está descrevendo o que seria o contexto da cena. Por exemplo, "para frente e para trás" não quer dizer que é uma relação sexual, embora, esteja explícito que ele pega cadeira e mexe o corpo, dependendo do som você vai entender. Poderia ser o corpo da cadeira.

Quadro 53 – Participantes ADVERJ: Como você acha que devem ser feitas as ADs dos gestos?

Audiodescrevendo só o gesto	Dando o significado do gesto no contexto	Dando o nome do gesto, quando houver
CA3 (juntar, 1º)		*CA3* (juntar 2º)
		CA4
CC3 (2)	CC3 (+ claro, prefere)*	*CC3*(3)
	CC4	
		BV3
		BV4
1	**2**	**3**

*Se puder juntar as 3 opções, fazer na ordem 2,1,3

Na pergunta "como você acha que as ADs dos gestos devem ser feitas?", que utilizou como exemplo cena do filme *Tropa de elite*, um terço dos entrevistados preferiu "dando significado no contexto", opção mais interpretativa. Dois participantes acharam que a solução ideal seria juntar duas opções. A opção complementar desses participantes está em itálico no quadro e não foi contabilizada no resultado final. Das opções dadas, a primeira é mais descritiva, a segunda mais interpretativa e a terceira está entre as duas; mas, mais próxima da mais descritiva, porque só fará sentido se o espectador conhecer o gesto e souber o seu significado.

Vale ressaltar que os dois participantes com cegueira congênita foram os únicos a escolher a AD mais interpretativa. A justificativa de CC4 foi baseada no tipo de deficiência visual "tudo é uma questão de depende... se tiver o nome do gesto é bom falar. Muitos nasceram sem enxergar e nem sempre quem nasceu

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

cego vai entender que aquele gesto tem determinado significado". Já a escolha de CC3 teve como justificativa a clareza. Para ele, o ideal seria juntar as três opções em uma única AD na ordem: "significado do gesto", "AD dos movimentos que o compõem" e, por fim, "o nome". Não havendo tempo para as três opções dar "o significado" e a "AD dos movimentos" ou "o significado" e "o nome" do gesto.

A participante CA3 foi a única a escolher a opção "audiodescrevendo só o gesto". Primeiramente, ela escolheu a opção mais interpretativa, "dando o significado do gesto no contexto", contudo, ao ser questionada se a segunda opção não seria uma forma de interpretação, a participante pediu para mudar a escolha. Ela considerou como ideal juntar "os movimentos que compõem o gesto" com o seu "nome". Nas palavras de CA3: "esse gesto é muito visual. Eu não sei se eu já ia introjetar pelo gesto... sei lá se é um tique. Para contextualizar, é "mandar invadir". Nesse caso, eu acho importante fazer o oposto. Assim se o cego não sabe, nesse momento ele vai aprender".

Os participantes BV3, BV4 e CA4 optaram pelo nome do gesto. CA4 justificou de forma simples dizendo "porque explica melhor. Expressou melhor a ideia". BV4 afirma que a primeira opção é incompreensível e que as outras duas não têm muita diferença, mas no caso desse filme seria melhor informar o nome do gesto. Nas palavras de BV4:

> O gesto de decapitação. Me parece mais adequado que relate tal fato ao invés de descrever que a pessoa fazia gesto com a mão para um lado e para o outro etc. Foi nesse sentido que eu mencionei a importância de descrever o contexto, o que acaba gerando um componente de interpretação pessoal do audiodescritor.

Já BV3 em sua argumentação mostra o desafio que o audiodescritor se depara aos audiodescrever os gestos: o quanto se deve explicitar; ou seja, que gestos são facilmente reconhecíveis pelos nomes como parece no caso de "degola", que movimentos que compõem o gesto são facilmente entendidos pelas pessoas com deficiência visual e quais gestos precisam ser explicados.

> Olha a questão sutil, porque esse gesto talvez não tenha uma compreensão... se ele não tiver uma compreensão universal... Se não tiver um conhecimento universal, ela não deve ser usada assim. Mas nesse caso aqui talvez seja bom o gesto de degola, faz gesto de degola. O gesto de degola você já está quase que inferindo. Todo mundo já sabe, porque ele já tem um nome. Nesse caso, eu prefiro esse aqui.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

Por fim, foi feita uma última pergunta dissertativa “o que não deve estar presente na AD dos gestos?”

CA3 e BV4 mencionaram a interpretação do audiodescritor. CA3 disse: “influência do... uma interpretação do audiodescritor. Uma simples interpretação sem o significado correto para aquele gesto”. BV4, ao contrário, afirmou que a interpretação no caso dos gestos deve estar presente: “pouca subjetividade. Não descrição de um contexto relevante. Na descrição do gesto não adianta evitar a subjetividade”.

CA4 reforça a importância da AD no caso dos gestos dizendo que o audiodescritor pode ajudar as pessoas com deficiência visual usando vocabulário de fácil acesso e audiodescrevendo a cena, sem desvendar ou antecipar alguma informação da história, como aquela por ela mencionada, no caso do “movimento para frente e para trás como em uma relação sexual”. BV3 aborda esse mesmo ponto por outra perspectiva dizendo que o audiodescritor deve

> não ir além do gesto. É ser justo na sua descrição, preciso. Ele não pode ser redundante, não pode ocupar mais espaço do que ele mereça. Ele tem que encontrar uma solução técnica, uma solução linguística para expressar exatamente o que é o gesto e se possível seu significado de forma bem sucinta.

É interessante notar que, nas falas de BV3, há sempre a busca pela objetividade, neutralidade e a exatidão da AD, como se isso fosse realmente possível e não uma busca fadada ao insucesso.

CC3 menciona, de forma breve, que não pode ter informação vaga na AD dos gestos e CC4 afirma que é difícil dizer algo, já que, para ela, os gestos são muito abstratos, mas o que não deve haver é a opinião da equipe de AD.

Como podemos ver, as preferências no caso dos gestos substitutivos ficaram divididas. Talvez por ser bem visual e mais distante do cotidiano deles, a explicitação do gesto, característica de ADs mais interpretativas, foi mais bem aceita, mesmo esses participantes demonstrando preferência por ADs mais descritivas. É interessante notar que a preferência pelas ADs mais interpretativas se concentrou nos participantes com cegueira congênita. Assim sendo, é necessária uma pesquisa mais aprofundada sobre esse tipo de gesto, especialmente uma pesquisa quantitativa para se chegar a conclusões mais contundentes. Com as preferências aqui mencionadas não podemos dizer nem que nossa hipótese foi confirmada, nem refutada, mas que há um bom indício de que ADs mais

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

interpretativas são eficazes para pessoas com cegueira congênita. Vale lembrar, como já explicitado na análise do filme *O palhaço*, que essa seção que aqui terminamos discute os gestos emotivos e substitutivos mais "teoricamente" e a seção que se segue debate os quatro tipos de gestos (substitutivo da fala, emotivo simples, emotivo complexo e divergente da fala) aplicados a contextos (cenas) específicos e, por conseguinte, é mais "prática". Isso torna possível a verificação se o que os entrevistados afirmaram na parte teórica se mantem na prática.

III. Cenas

Assim como na pesquisa feita no IBC com o filme *O palhaço*, nessa fase da pesquisa, os integrantes da ADVERJ assistiram novamente a quatro cenas do filme *Menos que nada* com a apresentação de outra versão de AD para a mesma cena, totalizando quatro conjuntos de cenas, um para cada tipo de gesto na seguinte ordem: gesto substitutivo, gesto emotivo simples, gesto emotivo complexo e gesto divergente. A AD alternativa para a cena foi escrita pela pesquisadora e, como já mencionado, teve a AD comercial como referência. Assim sendo, se a AD comercial era mais descritiva, a AD alternativa era mais interpretativa e vice-versa. A locução da AD comercial foi gravada por outro locutor que também gravou a AD alternativa para que a voz não fosse um critério de preferência dos participantes. Eles puderam escutar mais de uma vez cada versão ou trechos delas e os que escutaram mais de uma vez foram sinalizados para serem levados em conta na análise.

1. **Gestos substitutivos da fala** (Dante no hospício)

Os entrevistados, no caso do gesto substitutivo, escutaram primeiro a AD mais descritiva; e, em seguida, a AD comercial (ver texto das ADs na p.186). As diferenças se concentraram na AD das expressões faciais e movimentos que compõem os gestos efetuados por Dante na AD mais descritiva, e na AD comercial, mais interpretativa, foram fornecidas também possíveis interpretações para os gestos. Vale destacar que no roteiro de entrevista designamos como "cena 1" e "cena 2" as duas possibilidades de AD para a mesma cena em que Dante está

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

no hospício. Assim sendo, cena 1 e cena 2, como aparece no quadro abaixo, não se referem a cenas diferentes, mas ao tipo de AD utilizada.

Quadro 54 – Participantes ADVERJ: cenas gestos substitutivos						
Qual AD prefere?			Qual(is) a(s) diferença(s) entre as cenas?			
Cena 1 AD alternativa, mais descritiva	**Cena 2** comercial, mais interpretativa		**Quantidade de informação**	**Elementos diferentes AD**	**AD das emoções**	**AD dos gestos**
CA3						CA3
CA4			CA4		CA4	CA4
	CC3				CC3	
CC4			CC4		CC4	CC4
	BV3		BV3		BV3	
	BV4		BV4	BV4		BV4
3	**3**		**4**	**1**	**4**	**4**

Como exposto acima, metade dos entrevistados preferiu a AD mais descritiva e a outra metade a AD comercial, mais interpretativa. É interessante notar que os participantes com baixa visão optaram pela AD mais interpretativa e as participantes com cegueira adquirida pela AD mais descritiva. Os entrevistados com cegueira congênita ficaram divididos, não havendo, portanto, homogeneidade por tipo de deficiência visual, nos levando a afirmar que a história de vida de cada tem mais impacto nessa escolha. Entretanto, é necessário uma pesquisa quantitativa para melhor delinear o tema. Um aspecto que precisa ser melhor investigado também é se quanto mais abstrato e/ou complexo o gesto substitutivo, ou qualquer um deles (emotivos e divergentes), mais bem recebida será a AD mais interpretativa. A maioria dos participantes identificou que as diferenças entre as ADs estavam na quantidade de informação, na AD dos gestos emotivos e na AD dos gestos substitutivos. O foco dessa cena eram os gestos substitutivos, contudo, há momentos de gestos emotivos e, por conseguinte, a avaliação deles não foi equivocada. Eles não foram informados sobre o tipo de gesto que estava sendo trabalhado para que essa informação não interferisse na percepção deles. Nossa avaliação, como já mencionado na metodologia, foi feita de forma indireta.

Os participantes CA3 e CC4 mencionaram a intepretação na AD comercial e optaram pela AD mais descritiva. CA3 mencionou que as informações são as mesmas, contudo, audiodescritas de formas diferentes. CA3 disse: “na cena um diz que movimenta corpo para frente e para trás. Na cena dois, diz que assume postura ameaçadora, com fúria. A segunda está totalmente carregada de interpretação. As informações são basicamente as mesmas, mas descritas de

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

formas diferentes.”. CC4 chama a atenção de que a AD mais descritiva não tem interpretação e que a AD mais interpretativa tem informações desnecessárias: “A cena um não tem interpretação. A cena dois tem descrições desnecessárias: ‘como se fosse um osso, ‘pressentindo o perigo’”.

Já CA4, que também escolheu a AD mais descritiva, justificou a escolha pela quantidade de informação. Nas palavras da participante:

> Continuo com minha tese da audiodescrição das cenas de uma forma seca. Por mais que a gente tenha essa riqueza de detalhes com o gesto dele “indo para frente e para trás”, a gente consegue perceber que é uma relação sexual. Não é para ser dito antes.
>
> Na primeira, ele diz que pega um objeto imaginário, o segura com as duas mãos no alto da cabeça. Isso foi uma coisa que para a gente foi ótimo. Na segunda, ele já falou estoca a cadeira com fúria. A gente não sabe que ele colocou a coisa no alto da cabeça. Para gente é muito mais legal saber que ele dá estacadas de cima da cabeça do que com fúria. Ele pode estar fazendo de lado, com as duas mãos. A primeira foi uma escolha melhor.

BV3 também comenta a interpretação na AD comercial e afirma preferi-la pelos detalhes e não pelas interpretações.

> Na segunda, ele foi mais preciso nos atos, nos gestos do cara. O único senão que eu achei ali é a questão da relação sexual, que ele interpretou a relação sexual. Ele poderia encaixá-la entre os quadris e faz movimento para baixo e para cá, para frente e para trás, mas tirando este aspecto eu acho que a segunda foi mais precisa, embora tenha sido até um pouco mais interpretativa. Mas ela foi melhor, expressou melhor. Essa é a do filme. A segunda foi mais expressiva, teve mais detalhes.

É interessante notar que o entrevistado fez uma boa avaliação das cenas e, mesmo afirmando o incômodo com a interpretação, escolheu a AD mais interpretativa. Já para CA3 e CC4, a interpretação foi aspecto negativo, definidor em suas escolhas.

CC3, por outro lado, considerou as interpretações determinantes para sua preferência. Ele mencionou que as interpretações auxiliam na compreensão da cena. O que é considerado por alguns redução na possibilidade de inferência do público, para ele é o que possibilita a interação com a obra. CC3 comentou:

> Porque além dos detalhes da cena, ele descreve também os sentimentos com que vai acontecendo. Quando ele fala ali “numa situação ameaçadora”, naquela relação com a cadeira “movimenta os quadris como uma relação sexual”. Ou seja, ele está dando as informações e os detalhes do que aquilo poderia ser. Quando ele fala “tentando se defender”, você imagina como

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

> aquilo está sendo reproduzido. Então, (prefiro que informe) o nome do sentimento, eu acho isso muito importante.

BV4 só afirmou que a cena 2 fornece melhor o contexto e "retrata bem as ações relevantíssimas".

Podemos dizer, de modo geral, que as preferências em relação a essa cena refutam nossa hipótese, apesar de só a metade dos participantes terem escolhido a AD mais descritiva. Somente um dos entrevistados optou pela AD mais interpretativa justificando que ela auxilia na compreensão. Um dos que optou pela mais interpretativa considerou os elementos, tidos como mais interpretativos, como negativos nessa AD. Isso reforça o que já vem sendo mencionado na AD dos gestos emotivos e substitutivos, visto na seção anterior, que os participantes desse grupo, que possuem mais contato com a AD e têm maior conhecimento sobre suas técnicas, preferem ADs mais descritivas, e o único participante que tem menos contato com a AD prefere as ADs mais interpretativas.

2. **Gestos emotivos simples** (Berenice, Dante e Ciro na construção)

Primeiramente, os participantes escutaram a AD alternativa, mais interpretativa (designada no roteiro de entrevista como cena 3) e depois a AD comercial, mais descritiva (cena 4) (ver texto das ADs na p.187). Foram três diferenças nesse conjunto de cenas. A primeira foi a AD da surpresa de duas formas diferentes, a segunda foi o acréscimo de estados emocionais que não estavam presentes na AD comercial e a terceira foram duas formas diferentes de audiodescrever o ato de encarar.

Quadro 55 – Participantes ADVERJ: cenas gestos emotivos simples

Qual AD prefere?			Qual(is) a(s) diferença(s) entre as cenas?			
Cena 3 AD alternativa, mais interpretativa	**Cena 4** AD comercial, mais descritiva		**Quantidade de informação**	**Elementos diferentes AD**	**AD das emoções**	**AD dos gestos**
	BV3				BV3	
	CC3		CC3		CC3	CC3
	CA4				CA3	CA3
						CA4
	CC4		CC4		CC4	
	BV4		BV4			
	5		**3**		**4**	**3**

* CA3 não quis escolher opção. Achou as duas ruins.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

Cinco dos seis entrevistados optaram pela AD comercial, como mostrado no quadro acima. A maioria dos participantes identificou que as diferenças estavam na AD dos gestos emotivos. Um dos participantes, CA3, não quis escolher nenhuma das opções por considerar as duas ruins, muito interpretativas e com excesso de adjetivos. Nas palavras dela:

> As duas são muito parecidas. Até as descrições "constrangida", "reprovação". Tão carregadas de adjetivos atribuídos à Berenice. Gostei da cena quatro, do início dela. Na quatro, diz que ela está submissa e na três não usa essa expressão. Até podia achar a três melhor por isso, só que na três ele diz que alguém tem um olhar surpreso e na quatro não tem. Um compensa de um lado e piora do outro.

Vale destacar que encontramos na fala de CA3 a concretização na prática do que debatemos aqui, na medida em que a gradação da AD mais descritiva estava aquém de sua expectativa. Em outras palavras, para essa entrevistada a AD mais descritiva era ainda mais interpretativa do que ela esperava. É claro que essa participante defende a objetividade e a neutralidade "absolutas" não sendo possível jamais se alcançar o que ela deseja, mesmo em uma audiodescrição personalizada. É interessante notar também que o que a participante CA3 considerou como aspecto negativo na cena 3 — a definição da forma do olhar — é visto como aspecto positivo pelo participante BV3. Ele comentou:

> Na primeira (cena 3), ele interpreta o olhar, mas os olhares são múltiplos. É preciso dizer o que um olhar significa. Fora a interpretação do olhar, a segunda (cena 4) é melhor. A segunda encontrou soluções melhores. Eu preferia juntar as duas só por um detalhe, pelo detalhe do olhar.

Para esse entrevistado, a definição do modo de olhar é tão importante, que chegou a escolher a cena 3 só por essa característica. Talvez aí possamos encontrar uma diferença baseada no tipo de deficiência visual ou na experiência de vida de cada um, pois, para CA3, o uso do adjetivo é visto como negativo e inaceitável, sendo preferível perder uma qualificação que pode ser significativa para o contexto. Já para BV3 essa informação é imprescindível.

CC3 reforça a importância dos detalhes e da junção do nome do sentimento com a AD da fisionomia. Vale ressaltar que CC3 escolheu a cena 4, mais descritiva, mas sua justificativa mostra preferência pela cena 3, mais interpretativa, pois a cena 3 é mais detalhada e nela os olhares são qualificados.

> Detalhes a mais de algumas coisas que aconteceram. Houve mais informação, então se consegue entender melhor.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

> Consegue-se imaginar mais. Entender o constrangimento. Juntou o nome do sentimento com mais detalhes da informação.

CA4, CC4 e BV4 preferiram a cena 4, mais descritiva, por ser mais objetiva, ou nas palavras de CA4 "mais seca". Ela ressalta a preferência por menos inserções de AD:

> As cenas são muito parecidas. Não me atrapalhou muito não. Não sei por que eu gostei. Eu acho a segunda mais seca. É a descrição do gesto... é como eu gosto mais, mais direto e mais simples. Quanto menos fala, melhor. É muita audição, cansa.

BV4 salienta que a cena 4 "é objetiva, mas traz informações necessárias" e CC4 complementa informando que a cena 3 é "cheia de detalhes desnecessários, descreve mais as emoções. A cena quatro é mais objetiva e descreve só o necessário".

Ficou evidente a preferência nessa cena pela AD mais descritiva. Apesar de a participante CA3 não ter escolhido nenhuma opção por, na sua concepção, a AD mais descritiva ser ainda muito interpretativa e CC3 ter optado pela cena 4, mas sua justificativa mostrar a preferência pela cena 3, podemos dizer que a tendência desse grupo foi mantida. Assim sendo, nessa cena, consideramos também que nossa hipótese foi refutada, realçando ainda mais a ideia de que, para usuários novos ou sem uma concepção de AD já construída, ADs mais interpretativas são bem-vindas e necessárias.

3. **Gestos emotivos complexos** (Cena no museu)

Nas cenas dos gestos emotivos complexos, os participantes ouviram primeiro a AD comercial, mais descritiva (designada no roteiro de entrevista como cena 5), e, em seguida, a AD alternativa, mais interpretativa (cena 6) (ver texto das ADs na p.189). São cinco diferenças entre as ADs, todas referentes às fisionomias das personagens. Na primeira, há um acréscimo dos traços fisionômicos da personagem com sugestão de uma interpretação para a fisionomia. A segunda são duas formas diferentes de audiodescrever a fisionomia da personagem, na AD comercial como "ausência de sorriso" e na mais interpretativa como "petulância". Na terceira, a diferença está na forma de audiodescrever que as personagens se encaram. Na quarta diferença entre as ADs, é audiodescrita, de formas diferentes, a virada de rosto de Dante. E, a última diferença está no fornecimento dos traços que demonstram que a personagem está

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

perturbada, e a informação adicional de que essa fisionomia é a mesma que a personagem tem no hospício.

Quadro 56 – Participantes ADVERJ: cenas gestos emotivos complexos

Qual AD prefere?			Qual(is) a(s) diferença(s) entre as cenas?			
Cena 5 AD comercial, mais descritiva	**Cena 6** AD alternativa, mais interpretativa		**Quantidade de informação**	**Elementos diferentes AD**	**AD das emoções**	**AD dos gestos**
BV3			BV3		BV3	
	CC3		CC3		CC3	
CA3					CA3	
CA4			CA4			
CC4			CC4		CC4	
	BV4		BV4			BV4
4	**2**		**5**		**4**	**1**

Como evidenciado no quadro acima, dois terços dos entrevistados escolheu a AD comercial, mais descritiva. Vale destacar que as participantes com cegueira adquirida optaram pela mesma cena. A maior parte identificou que as diferenças estavam na quantidade de informação e na AD dos gestos emotivos.

CC3 e BV4 escolheram a AD mais interpretativa. CC3, como podemos notar, se manteve na preferência por esse tipo de AD, ressaltando a importância dos detalhes, como salientado em sua fala:

> São pequenas informações, detalhes: "olhar perturbado", "olheira", "entreolhar", que fazem a diferença e são informações importantes. Não é que a primeira não esteja correta e que não dê para assistir. Aumentando a quantidade de informação, aumenta o nível de emoção.

BV4 disse: "é mais descrita sem carga subjetiva e descreve emoções quando necessário". O comentário de BV4 reforça a importância do uso de adjetivos para a fruição da cena.

BV3 considerou que o final da cena mais interpretativa foi excessivo e escolheu a cena mais descritiva por ser mais sucinta: "talvez porque a segunda (cena 6) tenha alguns excessos de descrição aqui no final. O outro foi mais sucinto. A primeira (cena 5) foi mais precisa e não usou excesso de informação".

CA4 e CC4 concordam com BV3 que o excesso de informação atrapalha a AD e, nas opções aqui em questão, atrapalhou a fruição da cena na AD mais interpretativa. CA4 é incisiva a esse respeito: "cena seis tem muita falação e não estou podendo. Excesso de informação na segunda (cena 6). A descrição das emoções que foi demais na segunda (cena 6)". CC4 reafirma que não é necessário

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

audiodescrever tanto as emoções: “a cena (seis) tem muita informação, tem descrição das informações e das emoções. É desnecessário descrever tanto as emoções”.

CA3 não gostou de nenhuma das opções, mas considerou a AD comercial “melhorzinha”. Ela ressalta como negativo o uso do adjetivo “petulante” e afirma ter ficado com dúvida sobre o que acontece na cena por considerar que foram audiodescritas de formas diferentes.

> A cinco está melhorzinha. Ele diz na cinco que a Renê “dá um leve sobressalto”; e, na seis, ele diz que ela olha de forma “petulante”. Eu acho melhor “leve sobressalto”. Causa dúvida! Leve sobressalto eu meio que me assustei. É melhor do que dizer petulante. Leve sobressalto pode querer dizer muita coisa. Agora, petulante, ele já fechou para mim que ela estava olhando petulante. Aí aquela surpresa que eu imaginei na cinco, já cai por terra. Ela está petulante, ela não está nem se incomodando com ele. É uma forma diferente de descrever as emoções que causa até dúvida. A qualquer momento eu reclamaria de “petulante”. “De leve sobressalto” não.

Vale destacar que a entrevistada fez uma leve confusão. A AD “surpresa” se referia “ao leve sobressalto” e a “petulância” se referia ao fato de a personagem se virar “sem sorrir”. A dúvida que ela menciona provavelmente se deve mais a uma questão de memória do que de fato às diferenças nas ADs. Mais uma vez ela reforçou que não gosta do uso de adjetivos ao chamar a atenção que reclamaria de petulante a qualquer momento.

Podemos dizer que a hipótese no caso dessa cena também foi refutada, confirmando a tendência desse grupo à preferência por ADs mais descritivas. Como nas demais cenas, CC3 se mostrou a exceção realçando mais uma vez a ideia já levantada anteriormente de que ADs mais interpretativas funcionam melhor com novos usuários. Consideramos importante destacar que a pesquisadora decidiu na AD mais interpretativa dessa cena exagerar no uso de adjetivos para avaliar a aceitação dos mesmos. Ficou claro que o excesso de qualificativos para audiodescrever os gestos emotivos não é bem-vindo e interfere na recepção do público.

4. **Gestos divergentes da fala** (Nova entrevista com Berenice)

Nesse conjunto de cenas, os entrevistados escutaram primeiro a AD alternativa, mais descritiva (designada no roteiro de entrevista como cena 7), e, na

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

sequência, a AD comercial, mais interpretativa (cena 8) (ver texto das ADs na p.191). A AD comercial sintetizou o incômodo de Berenice em um único trecho afirmando que ela estava inquieta e constrangida. Não é dito na AD que ela está mentindo, o que seria uma interpretação excessiva. Essa inferência era para ser efetuada pelo público a partir do contexto da cena e dos adjetivos utilizados para audiodescrever a cena. Já a AD mais descritiva foi inserindo elementos nas pequenas pausas da personagem audiodescrevendo o movimento das mãos e os olhares.

Quadro 57 – Participantes ADVERJ: cenas gestos divergentes da fala

Qual AD prefere?			Qual(is) a(s) diferença(s) entre as cenas?			
Cena 7 AD alternativa, mais descritiva	**Cena 8** AD comercial, mais interpretativa		**Quantidade de informação**	**Elementos diferentes AD**	**AD das emoções**	**AD dos gestos**
BV3						BV3
CC3			CC3	CC3		
CA3					CA3	CA3
CA4			CA4			CA4
CC4					CC4	
BV4			BV4			
6			**3**	**1**	**2**	**3**

Como exposto no quadro acima, todos os entrevistados preferiram a AD mais descritiva. A metade deles identificou que a diferença estava na AD dos gestos e na quantidade de informação. As motivações para as escolhas foram, de modo geral, os acréscimos com a AD dos movimentos das mãos de Berenice e o olhar dela que levanta e baixa. Essas características foram destacadas nas falas de todos os participantes como podemos ver nas citações abaixo.

BV3 ressalta a importância dos movimentos das mãos: "porque ela tem uma coisa que eu acho importante, os gestos das mãos... isso estava faltando na segunda (cena 8). A primeira descrição (cena 7) foi na medida." Já CC3 ressalta a AD dos olhares: "a primeira (cena 7) teve descrição 'baixa o olhar', 'olha Paula', 'baixa'. Na segunda (cena 8) diz 'está constrangida' e atrasou na hora das informações". CA4 também chama a atenção para o movimento das mãos: "cena oito não descreveu o gesto da mão dela. A cena sete descreve todos os gestos. A cena oito só fala da emoção e não descreve os gestos". BV4 mostra a diferença de maneira mais sintética: "teve mais riqueza de detalhes. A cena oito perdeu por não ter descrição suficiente".

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

CC4 ressalta a importância dos dois aspectos “movimento das mãos” e “olhares” e chama a atenção de que a AD mais descritiva forneceu elementos suficientes para a compreensão da cena, sem a necessidade da nomeação da emoção nela presente.

> Para o contexto dessa cena era importante ter a descrição dos gestos e olhares e a cena sete não tem interpretação. Cena sete: os gestos são mais descritos e isso foi importante para compreender o sentimento da personagem sem precisar dar o nome ao sentimento.

Já CA3 preferiu a cena 7, mas salientou que o uso do adjetivo foi um erro:

> A sete está melhor que a oito, embora ele tenha cometido algum erro: “mãos inquietas”. Dizer “Berenice mexe as mãos” eu já sei que tem algo. Não tem essas informações na oito e é importante. E “baixa o olhar, olha para a Paula, baixa”. Isso tem na sete e na oito diz que ela fica constrangida. Faltaram duas informações na oito.

Vale salientar que CA3 chama de erro o uso do adjetivo “inquietas”. Apesar de algumas recomendações afirmarem que os adjetivos devem ser usados com cautela, nenhuma é tão radical ao ponto de considerar um erro o uso de adjetivos. Por isso, nossa defesa da necessidade de um trabalho de formação do público que pode ser feito nos institutos e instituições destinadas às pessoas com deficiência visual, assim como nos festivais e eventos que oferecem AD. A aproximação dos audiodescritores e dos públicos que se beneficiam da AD é fundamental e o debate gerado nessa aproximação gerará não só melhorias nos trabalhos que vêm sendo realizados como também no entendimento do público de como esse trabalho é feito.

No caso dessa cena, não podemos dizer que nossa hipótese foi nem aceita nem refutada, na medida em que, apesar de os dados mostrarem a preferência pela AD mais descritiva, a AD comercial, mais interpretativa, deixou lacunas, sintetizando excessivamente a informação com espaços disponíveis para audiodescrever. Em outras palavras, é possível que a preferência pela AD mais descritiva se deva aos acréscimos e à AD melhor distribuída na cena do que, de fato, pela escolha das palavras e essa sim (a escolha das palavras) que foi usada como referência para análise das hipóteses.

Na próxima seção, vamos aprofundar a análise de nossas hipóteses a partir das interseções dos resultados das pesquisas nas duas instituições. Além das partes

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

contidas nos roteiros de entrevista, serão tematizados ao final a interpretação e o uso de adjetivos na AD.

5.2.3.
Interseções nas duas instituições: avaliação nos grupos por tipo de deficiência visual ou à guisa de conclusão

Aspectos gerais

Sobre os aspectos gerais dos dois grupos, podemos dizer, de modo geral, que os participantes do IBC, apesar de estudarem em uma instituição de referência, têm pouco contato com a AD e que esse recurso não é utilizado de forma sistemática na escola. Já os participantes da ADVERJ têm bastante contato com a AD e, generalizando um pouco, podemos afirmar que eles possuem a visão "tradicional" da AD calcada nas ideias de objetividade e neutralidade do audiodescritor. Somente um dos participantes da ADVERJ, CC3, foge a esse perfil, se aproximando talvez mais dos participantes do IBC. Podemos considerá-los como novos usuários da AD, enquanto os cinco participantes da ADVERJ representam um perfil de usuário mais experiente.

Ambos os grupos assistem aos filmes majoritariamente em casa e pelo computador, a maior parte comentou a dificuldade no acesso em geral a AD (TV, computador, cinema etc.). Dois participantes, um de cada grupo, mencionaram o compartilhamento de filmes com AD pelo computador, disponível só o áudio, usualmente, em mp3. Os quatro participantes com baixa visão afirmaram ir ao cinema assistir a filmes sem AD. Os entrevistados com cegueira congênita do IBC afirmaram ir ao cinema e uma participante com cegueira adquirida da ADVERJ também. A participante da ADVERJ comentou que vai ao cinema com a filha que audiodescreve para ela. CC1, participante do IBC, disse que familiares e amigos têm o hábito de audiodescrever para ele, mas não citou se isso acontece no cinema também. Já CC2 assiste aos filmes sem AD, já que familiares e amigos não costumam audiodescrever para ele. Nesse aspecto, podemos verificar uma homogeneidade talvez óbvia, ou mais fácil de imaginar; a maior quantidade de pessoas que vão ao cinema, normalmente sem AD, é de participantes com baixa visão, uma vez que conseguem acompanhar os filmes com menos lacunas sem esse recurso.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

Uma diferença substancial e que não está relacionada ao tipo de deficiência visual está no percentual de participantes com o hábito de ter filmes audiodescritos por familiares e amigos. Somente um participante do IBC possui esse hábito, enquanto quatro participantes da ADVERJ o têm. Quatro participantes do IBC não possuem esse hábito e somente um da ADVERJ diz não ter. O participante da ADVERJ que não tem esse costume possui baixa visão. Os dois com baixa visão do IBC também não o têm, o que nos parece mais óbvio. Entretanto, um participante com cegueira congênita e um com cegueira adquirida também não o possuem. Não tínhamos expectativas em relação a esses dados, apesar de considerarmos que determinados elementos seriam mais prováveis como a ida dos participantes com baixa visão ao cinema sem AD e eles terem AD feita por familiares e amigos com menor frequência. É possível também que os integrantes do IBC não tenham esse hábito por serem jovens, fase em que normalmente não se fica muito tempo com a família. Assim sendo, não podemos dizer que é, exatamente, uma surpresa não terem esse hábito, mas, de certa forma, é intrigante perceber que familiares e amigos não partilham algo importante para a formação desses indivíduos. Não estamos defendendo que a AD é a solução para a vida das pessoas. Contudo, esse recurso muda a forma elas se relacionam com o mundo, alterando o seu cotidiano. Os que utilizam AD em seu cotidiano costumam dizer que depois que assistem a filmes com AD, vê-los sem não tem graça. CA4 a esse respeito diz: “quem se habitua a assistir filmes com AD depois fica difícil assistir sem. Eu me desligo, não fico concentrada quando vejo filmes sem AD”.

Para fechar os aspectos gerais desses dois grupos, mais um elemento reforça a percepção já mencionada de que os participantes da ADVERJ podem ser considerados usuários mais antigos e com maior conhecimento sobre AD e os participantes do IBC, novos usuários, ainda com pouco conhecimento. Na pergunta sobre se eles tinham preferência por alguma empresa de AD, procurou-se não só escutar a preferência e o porquê, mas também saber o que tinham de conhecimento, o que já tinham assistido e em que circunstâncias. Três participantes do IBC mencionaram já terem assistido a filmes com ADs feitas pela pesquisadora, dois citaram a audiodescritora nominalmente e um deles só o nome do filme. Os dois que citaram nominalmente os escutaram através do compartilhamento do áudio na internet. O que citou o nome do filme disse já ter

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

assistido a um no CCBB e ter visto *Ensaio sobre a cegueira* em DVD, mas não soube dizer também quem o tinha produzido. Um dos participantes citou um *site* na internet que disponibiliza material audiodescrito, mas essa AD não é feita por profissionais. Os demais não conhecem ou disseram só conhecer o que é produzido no próprio Instituto. Os participantes da ADVERJ citaram, mesmo sem ter preferência, trabalhos de diferentes profissionais e/ou empresas não só do Rio de Janeiro, cidade onde moram, mas também de São Paulo e do sul do país. De alguma forma, esses participantes vêm tendo contato com a AD que está sendo produzida em diferentes regiões do Brasil. Já os participantes do IBC mostraram que estão começando a ter contato agora com esse recurso e esse contato ainda é limitado ao Instituto e/ou mediado pela internet. Vale lembrar que os participantes da ADVERJ são mais velhos e provavelmente têm mais autonomia do que os participantes do IBC.

Resumidamente, nessa parte geral, podemos considerar que o único aspecto homogêneo por tipo de deficiência visual foi a ida ao cinema. Outro aspecto interessante, homogêneo, não no tipo de deficiência, mas na constituição dos grupos das duas instituições, foi os participantes do IBC serem usuários novos com menor conhecimento de AD e os da ADVERJ serem usuários mais experientes com maior conhecimento do tema, o que acabou enriquecendo a pesquisa de recepção.

Um aspecto interessante a esse respeito é refletir sobre esse tipo de pesquisa de recepção – baseado nas preferências – de acordo com o perfil dos dois grupos. Ao fazer a análise dos dados de cada uma das instituições começamos a nos questionar sobre o "impacto" dessa metodologia de pesquisa no grupo de usuários experientes. Talvez, e fica a indicação para pesquisas futuras, seja mais eficaz para esse perfil de usuário uma pesquisa mais direcionada e que não seja de opinião, na medida em que pudemos perceber que esse grupo de entrevistados mais experientes tendeu a escolher nessa metodologia (pesquisa de opinião) a partir de sua defesa teórica, baseada nos conceitos mais arraigados da AD ligados a objetividade, neutralidade e não interpretação, ou seja, os entrevistados procuraram escolher os trechos da pesquisa de acordo com as regras gerais da AD e mesmo nos momentos em que escolheram um trecho mais interpretativo, a justificativa se fixou na questão da objetividade/subjetividade, focada na defesa da não interpretação.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

Outro aspecto fundamental de pontuar, que foi mencionado em alguns momentos da análise, mas não tratado de forma aprofundada e sistemática, já que não é o foco da pesquisa de recepção, é o papel do consultor com deficiência visual e a formação deste profissional. No decorrer da análise, procuramos chamar a atenção para o fato de que os consultores não podem ser vistos como "opinadores" sobre a qualidade da AD. As pesquisas de opinião com o público leigo tem esse papel e exatamente por esse motivo nos referimos acima sobre a necessidade de uma metodologia de pesquisa diferente para o público mais experiente, no qual estariam também os consultores.

O consultor, além de ser um espectador mais experiente em relação à AD, precisa ter uma formação tão sólida quanto à do audiodescritor-roteirista para desempenhar tal papel. Ele precisa passar por curso de formação para participar de todas as etapas de produção da AD, especialmente a de produção dos roteiros. Assim como o audiodescritor-roteirista, ele precisa ter bom domínio do português, conhecimento teórico da influência da linguagem do produto audiovisual na obra e precisa levar em consideração que o público da AD é bem amplo e heterogêneo, entendendo que determinados elementos são colocados nos roteiros para perfis específicos, possibilitando que as ADs elaboradas por profissionais contemplem a maior parte das pessoas, em suas heterogeneidades. Isso significa dizer que não basta ser deficiente visual e espectador experiente da AD para se tornar um consultor. Provavelmente, um espectador assíduo e experiente em relação à AD se tornará um bom consultor, mas é necessário para se tornar profissional, um conhecimento técnico aprofundado do tema. Talvez seja interessante na formação deste profissional, que ele participe da escrita do roteiro com o audiodescritor, de forma semelhante à experiência da Alemanha, na qual dois videntes e um deficiente visual elaboram o roteiro em conjunto (ver capítulo 3), para que, assim, possa sugerir as modificações no roteiro de forma mais embasada. A principal função do consultor é avaliar se as informações na AD são suficientes, se algo, como um barulho, por exemplo, não está claro e se o conjunto AD e áudio da obra não está cansativo. É importante destacar que assim como o surgimento e consolidação da AD em nosso país, a reflexão sobre a formação e a atuação deste profissional é bem recente e, por conseguinte, ainda há um longo caminho a ser percorrido. O mercado de AD vem se ampliando e cada vez mais serão necessários consultores bem formados para produção de ADs de qualidade.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

Gestos emotivos

É possível afirmar que as escolhas dos participantes da ADVERJ em relação aos gestos emotivos foram uniformes, enquanto que as escolhas do grupo do IBC foram mais heterogêneas. Cinco dos seis participantes da ADVERJ escolherem as ADs mais descritivas e somente o participante CC3, novo usuário da AD, preferiu as ADs mais interpretativas. No IBC, dois participantes optaram pelas ADs mais descritivas, um pelas ADs mais interpretativas e três oscilaram em suas escolhas. Em uma das perguntas, preferiram a AD mais descritiva e na outra a mais interpretativa. Em relação às opções por tipo de deficiência visual, podemos dizer que a maior homogeneidade foi dos participantes com baixa visão, em seguida, dos entrevistados com cegueira adquirida e que as preferências dos participantes com cegueira congênita não foram unânimes.

Abaixo segue um quadro que agrupa as perguntas de múltipla escolha (você prefere: "vira repentinamente", "com os olhos arregalados" ou" surpreso" e "triste", "chora", "cabisbaixo", ou "lágrimas escorrem") e a pergunta mais teórica sobre o tema (AD das emoções devem ser feitas audiodescrevendo a fisionomia ou dando o nome da emoção?), a partir da referência AD mais descritiva e AD mais interpretativa, e suas respectivas respostas:

Quadro 58 – Participantes IBC e ADVERJ: gestos emotivos

AD mais descritiva (audiodescrevendo a fisionomia: com os olhos arregalados, chora, lágrimas escorrem,)	**AD mais interpretativa** (nomeando a emoção: surpreso, triste)
CA1 (chora)	CA1 (dando nome do sentimento)
CA2 (lágrimas escorrem)	CA2 (dando nome do sentimento)
CA3	
CA4	
CC1	
	CC2
	CC3
CC4	
BV1	
BV2 (chora)	BV2 (triste e dando nome do sentimento)
BV3	
BV4	

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

Todos os participantes com baixa visão preferiram ADs mais descritivas. Contudo, BV2 também escolheu duas opções mais interpretativas e suas escolhas foram baseadas no fato de a AD ser mais curta e de fácil entendimento, justificativa que leva a entender que para ela é indiferente se a AD é mais descritiva ou mais interpretativa, importando somente se o texto é sintético e apreensível com rapidez.

Todos os participantes com cegueira adquirida também preferiram ADs mais descritivas, porém os dois do IBC também escolheram opções mais interpretativas. Ambos justificaram a escolha pelo nome do sentimento por ser mais breve. CA1 foi além e disse que audiodescrever a fisionomia é excessivo, porque, "sabendo o sentimento, a pessoa cega não vai querer saber a fisionomia". Podemos dizer que CA1 e CA2 consideram as duas estratégias válidas e que a escolha tradutória do audiodescritor deve estar de acordo com o tamanho do texto a ser narrado e com a rapidez na compreensão dele. "Chora" e "lágrimas escorrem" são rapidamente apreensíveis e são ADs curtas; já "os olhos e o canto da boca estão caídos" exige maior concentração, além de ser um texto mais longo.

Os participantes com cegueira adquirida ficaram divididos não só na escolha entre AD mais descritiva e mais interpretativa como também a divisão ocorreu no interior dos grupos, o que mostra que não podemos afirmar que haja alguma preferência baseada no tipo de deficiência por esses participantes e sim que essas estão atreladas as histórias de vida de cada um.

Não consideramos possível fazer o mesmo tipo de análise na parte das cenas, pois, apesar de a parte dos gestos emotivos ser baseada em exemplos dos filmes, é uma parte mais teórica do que prática, na medida em que os exemplos não estão aplicados ao contexto de uma cena. Já na parte final, os participantes optaram a partir de contextos concretos e como as cenas eram diferentes entre os grupos, nos parece que traçar paralelos nessa parte da pesquisa seria mais comparar o incomparável do que buscar interseções nos resultados dos grupos. De todo modo, consideramos necessário mapear as tendências dos entrevistados, individualmente, de acordo com suas escolhas sobre os gestos emotivos, juntando a parte mais teórica com a contextual (das cenas) dividida em gestos emotivos simples e complexos.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

Quadro 59 – Participantes IBC e ADVERJ: gestos emotivos filme e cenas					
Filme		**Cenas**			
Gestos emotivos		**Gesto emotivo simples**		**Gesto emotivo complexo**	
AD mais descritiva	**AD mais interpretativa**	**AD mais descritiva**	**AD mais interpretativa**	**AD mais descritiva**	**AD mais interpretativa**
(olhos arregalados, chora, lágrimas, descreve fisionomia)	(surpreso, triste, dando nome do sentimento)	**IBC** Cena 3 **ADVERJ** Cena 4	**IBC** Cena 4 **ADVERJ** Cena 3	**IBC** Cena 6 **ADVERJ** Cena 5	**IBC** Cena 5 **ADVERJ** Cena 6
CA1 (chora)	CA1 (nome do sentimento)	CA1			CA1
CA2 (lágrimas escorrem)	CA2 (nome do sentimento)		CA2		CA2
CA3				CA3	
CA4		CA4		CA4	
CC1			CC1	CC1	
	CC2	CC2		CC2	
	CC3	CC3			CC3
CC4		CC4		CC4	
BV1			BV1		BV1
BV2 (chora)	BV2 (triste e nome sent.)		BV2		BV2
BV3		BV3		BV3	
BV4		BV4			BV4

Podemos perceber que os entrevistados da ADVERJ CA3, CA4, CC4 e BV3, participantes com maior conhecimento sobre a AD, optaram sempre pelas ADs mais descritivas. BV4, participante também mais experiente no tema, escolheu majoritariamente ADs mais descritivas e optou por apenas uma mais interpretativa. BV4 pondera ter uma tendência por ADs mais descritivas afirmando que "na AD de emoções, há que se descrever a cena sem colocar a interpretação pessoal, subjetiva, do audiodescritor".

Os participantes que têm menos contato com AD parecem mais receptivos às ADs mais interpretativas. Os participantes CA1,CA2, CC3, BV1, BV2 escolheram mais opções de AD mais interpretativa. Já os participantes CC1 e CC2 preferiram mais ADs mais descritivas.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

Gestos substitutivos

Podemos dizer, no caso dos gestos substitutivos, que não há homogeneidade nas escolhas dos grupos. A maioria em ambos os grupos preferiu ADs mais descritivas às interpretativas. Três participantes dos doze, ou seja, um quarto, CA1, BV1 e BV2, optaram por uma AD mais descritiva e outra mais interpretativa. Três, CC3, CC4 e BV4, escolheram as ADs mais interpretativas e seis, CA2, CA3, CA4, CC1, CC2 e BV3 preferiram ADs mais descritivas, como podemos ver no quadro a seguir. Assim como nos gestos emotivos, o quadro foi elaborado a partir da referência ADs mais descritivas e ADs mais interpretativas, juntando as questões "você prefere" de ambos os roteiros com a questão "como você acha que as ADs dos gestos devem ser feitas?". Nessa última pergunta, o exemplo foi o mesmo, retirado do filme *Tropa de elite*.

Quadro 60 – Participantes IBC e ADVERJ: gestos substitutivos

AD mais descritiva (põe no ouvido, mexe e cospe; movimenta o quadril para frente e para trás; descreve o gesto; dá o nome do gesto)	**AD mais interpretativa** (põe no ouvido, gira como manivela e cospe como fonte; movimenta o quadril como relação sexual; dá o significado do gesto)
CA1	**CA1** (dá significado do gesto)
CA2	
CA3	
CA4	
CC1	
CC2	
	CC3
	CC4
BV1	**BV1** (dá significado do gesto)
BV2	**BV2** (dá significado do gesto)
BV3	
	BV4

Por tipo de deficiência visual, as preferências dos entrevistados com cegueira adquirida foram mais homogêneas e, assim como no caso dos gestos emotivos, os participantes com cegueira congênita ficaram divididos. Nesse caso, a diferença está entre grupos e não no interior deles, já que os participantes do IBC optaram por ADs mais descritivas, enquanto os da ADVERJ, por ADs mais interpretativas. A maior heterogeneidade pode ser vista entre os participantes com

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

baixa visão. Os entrevistados do IBC escolheram uma AD mais descritiva e uma mais interpretativa e os participantes da ADVERJ escolheram, cada um, um dos tipos nas duas questões. Ou seja, BV3 optou por ADs mais descritivas nas duas perguntas e BV4 escolheu as opções mais interpretativas. Assim sendo, não podemos afirmar que o tipo de deficiência visual influencie de forma impactante nas escolhas, sendo preponderante as experiências de cada um.

Assim como afirmamos no caso dos gestos emotivos, aqui também não consideramos possível traçar paralelos entre as cenas pelos motivos já explicados, mas também achamos fundamental mapear as escolhas individuais reveladas no quadro abaixo:

Quadro 61 – Participantes IBC e ADVERJ: gestos substitutivos filme e cenas

Filme		**Cenas**	
Gestos substitutivos		**Gestos substitutivos**	
AD mais descritiva	**AD mais interpretativa**	**AD mais descritiva**	**AD mais interpretativa**
(põe no ouvido, mexe e cospe; movimenta o quadril para frente e para trás; descreve o gesto; dá o nome do gesto)	(põe no ouvido, gira como manivela e cospe como fonte; movimenta o quadril como relação sexual; dá o significado do gesto)	**IBC** Cena 1 **ADVERJ** Cena 1	**IBC** Cena 2 **ADVERJ** Cena 2
CA1	**CA1** (dá significado do gesto)	**CA1**	
CA2			**CA2**
CA3		**CA3**	
CA4		**CA4**	
CC1			**CC1**
CC2		**CC2**	
	CC3		**CC3**
	CC4	**CC4**	
BV1	**BV1** (dá significado do gesto)		**BV1**
BV2	**BV2** (dá significado do gesto)	**BV2**	
BV3			**BV3**
	BV4		**BV4**

CA3, CA4 e CC2 escolheram as opções mais descritivas. CC3 e BV4 optaram pelas ADs mais interpretativas e os demais participantes — CA1, CA2,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

CC1, CC4, BV1, BV2 e BV3 — oscilaram entre ADs mais descritivas e mais interpretativas. É interessante notar que alguns participantes mencionaram maior dificuldade na AD dos gestos substitutivos afirmando que esses são mais visuais e, por conseguinte, mais difíceis de entender. Isso pode ser percebido na pausa reflexiva ao final da fala de CA2, referente ao filme *O palhaço*, sobre os números no circo: "um monte de momento. É um show quase totalmente visual. Você passar isso...", e na citação de BV4 que diz que "na descrição do gesto não adianta evitar a subjetividade". Como ele atrelou, em outros momentos, a interpretação à subjetividade, podemos dizer que para ele não adianta evitar a interpretação na AD dos gestos, pois "se não for mencionado não será compreendido". Essa citação final de BV4 se refere à explicitação de que os movimentos do quadril de Dante eram como em uma relação sexual. O participante afirmou que enxergou alguma coisa e conseguiu entender, mas que ficaria incompreensível para pessoas cegas.

As opções dos participantes demonstram que ADs interpretativas são bem aceitas em determinados contextos. As ADs interpretativas foram mais bem aceitas no caso dos gestos substitutivos do que no dos gestos emotivos. E nos gestos substitutivos não podemos dizer que as preferências estão atreladas ao tempo de uso e maior conhecimento desse recurso de tecnologia assistiva, pois somente dois dos participantes mais experientes, CA3 e CA4, escolheram unicamente as ADs mais descritivas.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

Adjetivos e advérbios

Somente três entrevistados mencionaram diretamente o uso de adjetivos e advérbios na AD: dois do grupo da ADVERJ e um do IBC. BV3 e CA3 mencionaram como negativo o uso de adjetivos e advérbios. BV3 mencionou o uso de qualificativos ao se referir às diferenças entre as ADs feitas por profissionais e por amigos e familiares. A principal diferença que esse entrevistado destaca é o uso de adjetivos. Sobre a AD profissional, ele diz:

> As cenas são descritas com, talvez, mais concisão, sem muitos adjetivos, objetivamente descritas. Aliás, esta também é uma diferença da descrição informal, porque na descrição informal, a pessoa, muitas vezes, adjetiva os personagens, adjetiva as cenas, né? Na descrição técnica, ou na descrição profissional, não.

CA3, ao responder o que não deve estar presente na AD, citou adjetivos e advérbios. Nas palavras da participante: “Excessos de informação. São tão nocivos quanto a falta dela. Atrapalha porque aí a nossa mente não sabe o que vai registrar. Adjetivos, advérbios e repetição de palavras”.

Ao contrário dos dois participantes da ADVERJ, o participante CA1, do IBC, mencionou o uso de adjetivos como positivo, na medida em que sinalizam algo importante para a trama: “você pode ter um pouco da fisionomia, mas sem detalhes, senão fica muito excesso de informação. Os adjetivos são importantes. Dizer se a pessoa está sorrindo, séria... é importante, porque vai mexer um pouco com a história”.

Esses dois participantes da ADVERJ mencionaram em suas falas que a AD deve ser objetiva e que a interpretação do audiodescritor não pode estar presente. Eles reproduziram, de modo geral, o discurso mais consagrado da AD, reforçando bem a ideia de que os entrevistados mais experientes estão mais acostumados com o discurso veiculado sobre a AD e o reproduzem. CA3 é bem crítica a esse respeito, considerando equivocado o uso de adjetivos. Ela comentou que “dá muita insegurança quando usa muita adjetivação”, pois gera o receio de que ela possa estar sentindo “alguma emoção passada pelo audiodescritor e não pelo filme”. CA3 não leva em consideração que não há uma, *a* emoção passada pelo filme. Todas as palavras da AD são escolhidas pelo audiodescritor e, por conseguinte, toda AD é fruto da interpretação dele, não só os adjetivos e advérbios. Os adjetivos podem gerar a sensação de menor possibilidade de interpretação por parte do público, mas também podem ser vistos, como mencionado por CA1, como aspecto importante por “mexer um pouco com a história”. Portanto, o uso de adjetivos e advérbios parece, pelas poucas referências feitas, uma questão de gosto pessoal.

Interpretação

Diferentemente dos adjetivos e advérbios, a interpretação foi espontaneamente citada por vários participantes em diferentes momentos da pesquisa. Foi também mencionada, como já mostrado anteriormente, a interpretação na locução; mas, como esse não é o tema desta tese, esse elemento não será aqui abordado. Debatemos no capítulo 4 as diferentes formas como a

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

interpretação pode ser abordada e como ela é vista majoritariamente na AD. Na pesquisa de recepção esse conceito apareceu ligado à ideia de opinião do audiodescritor, explicação da cena e resumo. Para que as citações não fossem repetidas, retomaremos somente duas falas de dois entrevistados, que trazem elementos importantes para o debate.

CA1 relaciona a interpretação à explicação de algum elemento da trama, como pode ser visto na fala dele a seguir:

> Porque é mais direta. Nessa cena os detalhes foram importantes, porque ajudam na interpretação dos sentimentos. Na verdade, ele fala e descreve ao mesmo tempo. Ele coloca mais ou menos a interpretação do filme. Ele já coloca assim: a pessoa mais nova. Na segunda não tem isso. Ou seja, Guilhermina estava chateada porque viu a Lola, uma mulher mais nova, com Puro Sangue, que é mais velho. Isso ajuda a gente a entender o contexto da cena.

Já comentamos a esse respeito na parte do roteiro do filme *O palhaço*, mas cabe aqui o reforço de que a escolha do momento para inserção da caracterização de Lola foi equivocada, levando o público a entender que essa era a motivação para Guilhermina não gostar de Lola. CA4 cita situação similar no filme *Menos que nada* e aborda o que considerou como indução equivocada na audiointrodução. No filme, ela criticou o fato de haver a explicitação logo no início de que o movimento do quadril para frente e para trás de Dante é como o de uma relação sexual. Para ela, essa informação antecipou o que deveria ser só entendido ao final do filme na cena em que os homens pré-históricos fazem sexo. Esse comentário é bem interessante, a ele caberia vasta discussão; contudo, como não estamos analisando especificamente esse aspecto, não entraremos nesse debate. Nesses dois casos, um do filme *O palhaço* e outro do filme *Menos que nada*, podemos perceber que a crítica às ADs mais interpretativas não estão no uso dessa estratégia, mas sim no momento escolhido pelo audiodescritor para usá-la. Em relação à audiointrodução, CA4 critica o uso da informação de que Renê chama a atenção por sua beleza. Ela afirma que era necessário audiodescrever os elementos que levam a inferir isso, porque os padrões de beleza são individuais e ela poderia não achá-la bonita. Mais importante do que isso, é o fato de CA4, na sequência, como afirmou, por causa dessa informação ter ficado na expectativa de que a beleza da personagem fosse interferir no filme.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

> Ele fala que Renê chama atenção por sua beleza. Você já me colocou para sugerir que a beleza dela vai interferir na história e interferiu. Você já disse e não tem que dizer, porque eu posso ter uma leitura diferente da sua. Você tem que respeitar também a interpretação de cada pessoa. Eu tenho que descobrir que ele é deprimido pelo filme. Não sei se para as outras pessoas cegas também é assim.

Nesse caso, diferente dos anteriores, tendemos a concordar com a entrevistada de que essa informação deveria ser inferida pelo público ao longo do filme, sem uma AD tão explícita.

Houve também posicionamentos divergentes acerca da interpretação dos gestos. CC2, por exemplo, escolheu uma das opções "porque mostra exatamente o que o ator faz e não interpreta os gestos. mostra que ele mexe com a orelha e o outro diz que ele gira como uma manivela". Já BV3 afirma "pode descrever o gesto e o significado, não fica redundante. Uma interpretação comum que reforça o gesto pode ser bem-vinda". Não fica claro na fala de BV3 o que seria uma interpretação comum, contudo, tendemos a dizer que é aquela que explicita os possíveis sentidos dos gestos. Em outro momento, BV3 diz o contrário: "não, assim é muito explícito. Ele usou essa expressão, mas, na verdade, ali ele está interpretando. Eu prefiro a que mostra para frente e para trás, porque é um ato que denota mesmo a relação sexual. Ali você já jogou para a pessoa interpretar. Você não precisa ser tão explícito".

O que procuramos mostrar por esses comentários dos participantes, que poderiam ser contraditórios, mas não são, é que os contextos são determinantes para a escolha, pelo audiodescritor, da estratégia a ser utilizada — AD mais descritiva ou mais interpretativa.

Retomando, agora, a pesquisa de recepção como um todo e procurando amarrar os dados até agora comentados, podemos dizer que nossa segunda hipótese, tratada nesta seção final, de que as preferências por ADs mais descritivas ou mais interpretativas estariam relacionadas tanto ao tipo de deficiência visual quanto a experiências de cada indivíduo, se mostrou parcialmente confirmada. Em alguns momentos, as escolhas por tipo de deficiência visual foram homogêneas, como no caso dos participantes com baixa visão nos gestos emotivos e dos com cegueira adquirida nos gestos substitutivos, mas não consideramos indício suficiente para afirmar que o tipo de deficiência visual seja influência tão relevante. As experiências deles parecem ter tido maior

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

importância. Podemos verificar no caso dos gestos substitutivos, especialmente, no exemplo utilizado do filme *Tropa de elite*, que nem todos os participantes conseguiram entender o gesto só pela AD dos movimentos que o compõe e que é interessante o uso da estratégia mais descritiva para o aprendizado da linguagem dos gestos, mas que sozinha essa AD não faria sentido. BV4 chamou atenção para o fato de que relacionou o movimento do quadril de Dante à relação sexual por enxergar um pouco, mas sinalizou sua preocupação com o entendimento das pessoas com cegueira. Talvez seja necessário um estudo específico e mais exaustivo para chegar a conclusões mais concretas sobre as preferências de acordo com o tipo de deficiência visual. O que podemos afirmar é que as experiências de cada um foram mais impactantes em suas escolhas.

Em relação a nossa primeira hipótese "ADs mais interpretativas são necessárias à fruição dos produtos audiovisuais", é possível afirmar que a maioria dos entrevistados preferiu as ADs mais descritivas às interpretativas, mas isso não significa dizer que ela tenha sido totalmente refutada. Se por um lado ela foi parcialmente refutada, por outro foi parcialmente confirmada, na medida em que as ADs mais interpretativas foram bem aceitas, tendo maior adesão, especialmente, no caso dos gestos substitutivos. As ADs mais interpretativas foram mais bem aceitas pelos novos usuários da AD, mas usuários mais experientes em alguns contextos a aceitaram e reforçaram sua importância. CA3 foi a única participante a não aceitar absolutamente as ADs mais interpretativas. De modo geral, os usuários mais antigos, que já estão acostumados com um discurso que defende a ideia de que a AD deve ser neutra e objetiva, marcadamente descritiva, reproduzem esse discurso apesar de nem sempre conseguirem identificar isso com clareza.

Podemos ver, pelos filmes escolhidos, os quais foram produzidos recentemente, que ADs mais interpretativas vêm sendo utilizadas pelos audiodescritores e, em um dos filmes (*Menos que nada*), essa estratégia foi predominante. Somente a participante CA3 não gostou da AD e a avaliou como muito interpretativa, os demais afirmaram terem gostado da AD. Ou seja, os participantes da ADVERJ, mais experientes, que defenderam a objetividade e neutralidade e o não uso da interpretação, de adjetivos e advérbios, ao avaliarem a AD como um todo do filme, disseram gostar e não se deram conta que essa AD no

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

geral era mais interpretativa. Vale lembrar também a "surpresa" do consultor de AD que fez o teste da pesquisa de recepção a esse respeito.

Podemos tentar tecer um diálogo com os argumentos das autoras Mazur e Chmiel apresentados na última seção do capítulo 4. Elas mostram que as ADs dos gestos emotivos simples são audiodescritos com maior facilidade, mas os gestos emotivos complexos têm o entendimento dificultado quando audiodescritos de forma mais descritiva. Pelos dados aqui encontrados, não podemos dizer que temos como concordar totalmente com essa argumentação. Alterando o quadro 59 (participantes IBC e ADVERJ — gestos emotivos filme e cenas) para a perspectiva de usuários novos e experientes, como mostrado abaixo, podemos perceber que as ADs mais interpretativas são mais eficazes para usuários novos tanto nos gestos emotivos simples quanto nos complexos e a preferência por ADs mais descritivas é majoritária entre os usuários mais experientes. Apesar de a primeira parte do quadro referente ao filme mostrar que há o mesmo número de usuários novos para cada estratégia, o pedido de três usuários novos para juntá-las reforça a necessidade das ADs mais interpretativas para esse grupo. Vale lembrar que sob essa perspectiva temos cinco usuários experientes, todos da ADVERJ, e sete usuários novos, seis do IBC e um da ADVERJ.

Quadro 62 – Participantes IBC e ADVERJ: gestos emotivos sob a perspectiva usuários novos e experientes

	Filme		**Cenas**			
	Gesto emotivo		**Gesto emotivo simples**		**Gesto emotivo complexo**	
Participantes	AD mais descritiva	AD mais interpretativa	AD mais descritiva	AD mais interpretativa	AD mais descritiva	AD mais interpretativa
Novos	2	2	3	4	2	5
Experientes	5	0	4	0	4	1

	Junção das duas
Novos	3
Experientes	0

Também devemos concordar e ampliar a colocação de Dosh e Benecke de que se o audiodescritor não tiver cuidado na AD dos gestos emotivos pode distorcer a profundidade do filme. O cuidado para não distorcer o filme deve ser irrestrito e pudemos ver mais acima dois exemplos não referentes a gestos emotivos citados pelos participantes. Vale ressaltar que não necessariamente ADs mais descritivas solucionarão a questão. É preciso cautela nas escolhas das palavras e na definição da melhor estratégia para cada contexto. O conhecimento

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

da linguagem cinematográfica e a análise da narrativa fílmica são fundamentais para a produção do roteiro da AD, e as ADs que induzem de forma negativa a percepção do espectador, por revelar uma informação antes do momento ou focar em algo sem importância para a trama precisam ser evitadas. Para tanto, é necessário que os audiodescritores saibam analisar os filmes atentos aos graus de explicitação das funções dramáticas das cenas. Adjetivos e advérbios tanto podem tornar as ADs mais precisas quanto podem gerar insegurança no público, como mencionado pelos dois participantes, CA1 e CA3, respectivamente. O mais indicado seria juntar as duas informações, a AD da fisionomia ou dos movimentos que compõem os gestos e qualificativos indicando possíveis interpretações, assim ambos seriam contemplados. O qualificativo só deve ser mencionado sozinho em caso de restrição de tempo. Assim se preservará o desejo e direito das pessoas com deficiência visual de imaginarem a fisionomia ou gestual das personagens, o que se mostrou importante, pelo menos, para um dos grupos entrevistados. O acesso às rubricas dos roteiros dos filmes também auxiliam na maior precisão da escolha dos qualificativos, contudo as rubricas são referências nem sempre seguidas pelos atores e diretores.

Um bom exemplo disso foi comentado na tese de doutorado de Mascarenhas, que analisa dois roteiros de AD de uma minissérie. Um dos roteiros foi elaborado pela pesquisadora a partir de parâmetros narratológicos e o outro foi elaborado por uma audiodescritora colaboradora que, apesar de basear-se em aspectos narrativos, não fez uma avaliação sistemática deles. Mascarenhas e a audiodescritora colaboradora tiveram acesso ao *script* da minissérie e na rubrica da cena em questão foram usados os qualificativos “meiga”, “sensual” e “diabólica” para o sorriso. O qualificativo “sensual” foi utilizado nos dois roteiros, contudo, a audiodescritora colaboradora evidenciou o lado diabólico enquanto Mascarenhas optou pelo meigo. Mascarenhas explica a diferença na escolha da seguinte forma:

> Enquanto a VCL (sigla usada para versão de AD da audiodescritora colaboradora) faz uma leitura mais subjetiva da imagem, anunciando/antecipando uma característica da personagem que progride com a ação dramática; a VPQ (sigla usada para a versão de AD da pesquisadora) faz uma leitura mais centrada nos traços suaves da expressão facial da personagem, deixando o caráter de Elisa ser, aos poucos, revelado a partir da evolução da própria narrativa (2012, p.215).

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA

Esse exemplo põe em evidência a relevância do que foi acima defendido. O audiodescritor precisa de determinados conhecimentos, a narratologia também é um deles, para não antecipar características que vão sendo construídas ao longo da narrativa. Ainda que essa antecipação às vezes seja necessária, por conta da restrição do tempo, ela também pode induzir equivocamente o espectador ou acabar com um mistério na trama.

Como já evidenciado no capítulo 4, o audiodescritor não audiodescreve sentidos intrínsecos às imagens, mas reconhece elementos que as compõem nos contextos em que estão inscritos e, assim sendo, a interpretação do audiodescritor é limitada tanto pelo contexto do filme quanto por sua comunidade interpretativa. As interpretações aceitáveis ou inaceitáveis são determinadas na prática e esta vai se alterando com o tempo. Reconhecemos aqui contextos nos quais algumas ADs mais interpretativas não foram aceitáveis e outros, em que foram bem-vindas. É necessário ampliar mais este estudo, transformando esta pesquisa qualitativa em quantitativa para verificar a aceitação de ADs mais interpretativas e mais descritivas em uma gama maior de usuários. Precisamos ampliar também este estudo para diferentes regiões. Mas o que ficou aqui demonstrado já é um interessante painel que servirá como guia para ampliação da pesquisa.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 1012057/CA